



CONSTRUIR O CONSTRUÍDO

Projecto para uma casa burguesa na Rua do Almada

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

André de Azevedo Costa Gomes

Orientador: Prof. Joaquim José Lopes Teixeira

Setembro 2018

Informações prévias

A presente dissertação de mestrado não foi redigida ao abrigo do novo acordo ortográfico. Todas as citações presentes ao longo da dissertação, cuja língua na fonte consultada não era o português, foram traduzidas livremente pelo autor.

As imagens provenientes de fontes exteriores foram cuidadosamente editadas, de forma a ajustá-las à apresentação do trabalho.

À minha mãe, pela oportunidade e pelo apoio incondicional.

Ao Victor, pelo acompanhamento e pela sabedoria.

Ao orientador, pelo entusiasmo e conhecimento sobre a casa burguesa.

À Mafalda e a todos os meus familiares e amigos.

Resumo

A elaboração de um projecto de reabilitação para uma casa burguesa portuense na Rua do Almada, define a matéria fundamental sobre a qual se debruça este trabalho. Partindo deste exercício de projecto, a dissertação foca-se na formulação de *problemas práticos* surgidos no decurso do processo projectual, constituindo-se como um espaço de reflexão crítica sobre a resolução destes mesmos problemas.

A sua designação de *Construir o construído*, verbaliza desde logo uma intenção, um desígnio de projecto que pretende moldar o existente, contribuindo para a justaposição das camadas do tempo apenas perceptíveis no seu todo. Construir o construído passa então por reconhecer que trabalhamos com cidades do passado, sabendo que é com essa memória que se deve construir o presente.

É neste sentido que a fachada da casa surge como ponto charneira entre as duas temáticas basilares para a construção do projecto - a cidade e a casa -, entre o que passa para fora e para dentro desta.

Abstract

The conception of a rehabilitation project for a Porto's bourgeois house in Rua do Almada, defines the fundamental subject that this work addresses. Starting from this design exercise, the dissertation focuses on the formulation of *practical problems* raised during the course of the design process, forming a space for critical thinking about the resolution of these same problems.

Its designation of *Building the built*, verbalizes right away an intention, a project purpose that pretends to shape the existing, in order to contribute to the juxtaposition of the layers of time only perceivable in its whole. Building the built is to recognise that we work with cities of the past, knowing that it is with that memory that one should build the present.

It's in this regard that the house's facade emerges as a key subject between the two essential topics for the construction of the project - the city and the house -, between what happens in and out of this element.

Índice

7 **Resumo**

9 **Abstract**

Prólogo

15 - Apresentação

19 - Sobre a estrutura e método

I. Aproximações ao objecto

23 - Excepcionalidade da cliente

29 - Contexto

33 - Registo do existente

II. Cidade, memória e projecto

- A cidade como reflexo

45 Entre a sociedade e o construído

52 “A casa é cidade e a cidade é casa”

56 Política(s) de património

- Construir o construído

63 Da ideia instruída

67 Metodologias de ampliação na casa burguesa

76 A fachada como complemento urbano

III. Casa, contágio e desenho

- A condição evolutiva da casa burguesa

83 Modelos de transformação tipológica

88 Programa e permanência na forma da casa

- Tradição e modernidade

93 Ruptura ou continuidade

101 Narrativas da memória

Epílogo

107 - Notas finais

113 **Bibliografia**

117 **Iconografia**

119 **Anexos de projecto**



[.1] Porta do átrio de entrada

Prólogo

Apresentação

A definição do tema do trabalho parte de uma oportunidade, um desafio, para elaborar um projecto de reabilitação de uma casa burguesa do Porto. Neste longo e exaustivo processo que se iniciou por volta de 2014, a ideia de constituir o projecto como tema de dissertação, nunca foi um claro objectivo ou sequer finalidade do processo. Durante o percurso, e regressado de experiências académicas e laborais no estrangeiro, a vivência noutras realidades urbanas suscitou um particular interesse pela cidade e pelas questões da cidade.

A ideia do projecto como tema, surge apenas durante o decurso do processo projectual, inspirada pela necessidade de instruir um posicionamento crítico na resposta das problemáticas decorrentes de um projecto de reabilitação.



[.2] Vista da escada
para a clarabóia

De facto, a problemática constitui-se como o cerne dos temas apresentados na dissertação, como retrospectiva de reflexão teórica pessoal na resolução dos problemas. O levantamento destas questões surgidas durante o processo projectual, revela-se como a condição de necessidade essencial do projecto, isto é, como Giorgio Grassi coloca sobre o sentido dos seus projectos - “(...) *Projectos didácticos então. Projectos mais propensos a levantar problemas do que a fechá-los. Num certo sentido, projectos mais interessados nas questões, na formulação das questões, do que nas respostas.*”¹

1. GRASSI, Giorgio – “Architettura lingua morta” in *Architettura lingua morta = Architecture dead language*, 9 Quaderni di Lotus, Milano: Electa Spa, 1988, p. 131

No fundo, com o decorrer do projecto, o levantamento destes problemas manifesta a possibilidade de constituir a dissertação como um espaço de exploração dos temas resultantes da prática projectual. Tendo como premissa que o problema no projecto implica um posicionamento crítico e que a sua solução passa também pela sua colocação. Sobre este paradigma no processo de projecto, Vittorio Gregotti explica-nos - “*A minha actuação arquitectónica apresenta-se, portanto, como um problema que devo não só resolver, como também colocar, não só levar de um ponto ao outro, como também decidir a posição dos dois pontos. O problema não pode ser completamente colocado antes da sua solução, isto é, não o observamos passivamente para passar logo à sua solução: o problema deve estar implicado, deve coincidir com a própria solução, evoluir e resolver-se ao longo dos diversos níveis do processo.*”²

2. GREGOTTI, Vittorio – *Território da Arquitectura*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1994, p. 117

Neste sentido, a constituição de uma parte escrita que acompanha o projecto pretende uma aproximação a um discurso crítico capaz de promover o contacto entre o exercício prático e o teórico. Neste ponto de vista, considera-se discurso crítico como “um procedimento que evita que a teoria e a prática se desenvolvam separadamente, garantindo uma relação de reciprocidade entre ambas.”³

3. ARÍS, Carlos Martí – “Una opinión sobre la crítica” in *La Cimbra y el Arco*, Madrid: Fundación Caja de Arquitectos, 2008, p. 19

“*A missão de uma teoria do projecto não é encontrar fórmulas que tratem de resolver os problemas de uma vez por todas, mas sim alargar a prática de projecto e o seu campo problemático, proporcionando ao mesmo tempo instrumentos que permitam colocar esses problemas com maior claridade e precisão, ou seja, que permitam reconhecer mais ordenadamente a complexidade do real.*”⁴

4. ARÍS, Carlos Martí – “El arte y la ciencia: dos modos de hablar con el mundo”, *op. cit.*, p. 22

Pretende-se desta forma sustentar a indissociabilidade entre estes dois aspectos disciplinares, pois “do mesmo modo que a faculdade de juízo não deveria estar separada das demais actividades humanas, a capacidade crítica tão pouco deveria desenvolver-se num terreno separado da produção arquitectónica.”⁵

5. PLA, Maurici – “Construcciones, escritos, propuestas” in *La arquitectura a través del lenguaje: Escritos 1982-2002*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006, p. 91



[.3] Giorgio Grassi
Residência de estudantes
Chieti, Itália
1976-79

Sobre a estrutura e método

Entendido o projecto como matéria fundamental do trabalho, este organiza-se em três tomos, que podem ser compreendidos como diferentes espaços de reflexão: do espaço real, do espaço colectivo e do espaço privativo. Ao primeiro, cabe-lhe uma aproximação ao objecto do projecto, a casa do Almada. Ao segundo, lançar as questões da relação entre a casa e a cidade (e vice-versa) e da memória colectiva como conteúdo projectual. Por fim, ao terceiro, cabe-lhe o lançamento do tema do desenho da continuidade entre os vários fragmentos da casa.

O segundo e o terceiro capítulo constituem então os pontos basilares para a compreensão do projecto. A diferenciação entre os dois campos de reflexão destes capítulos - cidade/casa -, procura uma estrutura de trabalho em confrontação com as diferentes escalas do projecto inerentes ao pensamento arquitectónico. Neste sentido, a abordagem ao trabalho organiza-se através de uma aproximação gradual desde a escala mais alargada da cidade até à escala do detalhe da casa.

No entanto, apesar desta clara distinção na estruturação do trabalho, esta não pretende demonstrar qualquer ordem hierárquica ou cronológica nos temas apresentados. O curso do processo projectual, como dialéctica entre pensamento e acção, define-se pela sua descontinuidade, pela sua inconstância e, apesar do encadeamento sequencial empregue na organização da dissertação, ao longo do seu curso as várias problemáticas tocam-se e referenciam-se mutuamente.

Assim sendo, a organização temática pretende lançar reflexões sobre certos temas inerentes à prática disciplinar da arquitectura, surgidas no decurso do projecto, encadeando entre os diferentes momentos a casa do Almada como principal propulsora destas inquietudes. Isto é, o texto vai-se articulando entre as questões e a casa, ou como refere Gregotti, entre *problema e solução*.

Como desfecho do trabalho, apresentam-se todos os elementos desenhados - desde o levantamento arquitectónico até ao projecto -, considerados essenciais para a compreensão dos temas que vão sendo debatidos ao longo da dissertação. Apesar de alguns desenhos serem apresentados paralelamente ao texto, o suplemento em anexo permite um acompanhamento complementar dos elementos projectuais, estimulando a confrontação entre o projecto e as temáticas exploradas.

I.



APROXIMAÇÕES AO OBJECTO

“(...) Uma imagem raramente iludiria e, facilmente, se reconheceria a de um fragmento da paisagem portuense: a proporção e o calibre das ruas, a ordem do parcelamento, o apagamento de uma arte urbana, a raridade do espaço público, a qualidade da luz, a cor e o brilho dos paramentos, a magreza da parcela e a escala dos edifícios; a presença musculada do granito ou a sua convenção insinuada na ordem compositiva das fachadas, a pluralidade dos estilos na ordem e ornamentação das fachadas, a continuidade de dispositivos de natureza tipológica na edificação; um monumento.

Um conjunto de elementos característicos, mas que apenas adquirem importância identificatória ou identitária no todo articulado das suas relações.”

MENDES, Manuel – “Porto - Cultura da cidade, paisagem doméstica, morfologias da casa, 1895-1969 (continuidades, contaminações, metamorfoses)”, Porto: Faup Publicações, 2001, p. 63

6. Cf. *Fachadismo* - "(...) actuações caracterizadas pela manutenção das fachadas, demolição integral dos interiores e a sua substituição por uma construção nova com profundas mudanças tipológicas, volumétricas, estruturais e construtivas. Mantendo ou reconstruindo as fachadas existentes, embora de forma acrítica, estas intervenções não só provocam a perda irreversível de um património edificado, como causaram danos graves nos tecidos urbanos históricos, criando roturas irreparáveis." in TEIXEIRA, Joaquim – *Salvaguarda e Valorização do Edificado Habitacional da Cidade Histórica - Metodologia de Intervenção no Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto*. Porto: FAUP, 2013, p. 65

7. Em 2013, existiam no Porto 3055 edifícios em mau estado de conservação. Dados do INE - O Parque Habitacional e a sua Reabilitação: Análise e evolução [disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&Publicacoespub_boui=165231362&Publicacoesmodo=2&xlang=pt]

Excepcionalidade da cliente

O longo processo desde a ideia até ao licenciamento do projecto, parte de um desejo antigo da cliente - minha mãe -, em possuir uma casa *antiga* no núcleo histórico do Porto. Com casa antiga, referimo-nos a uma casa *realmente* antiga, com os elementos construtivos que a definem como tal, e não algum resquício do que outrora terá sido uma casa antiga.⁶

Atendendo a que o meu percurso como estudante de arquitectura se aproximava do final, surge então o convite para realizar o projecto de intervenção com a supervisão de um arquitecto - meu padraсто -, nessa possível casa por encontrar.

Desde logo, participei no processo de procura por esta casa, a casa que pudesse preencher esse desejo. A partir desse momento, estive envolvido em todas as fases deste processo, o que de algum modo, permitiu adquirir um conhecimento intrínseco sobre a casa e até uma certa ligação emocional. O processo não foi fácil, nem tampouco célere. A procura, marcada pelo emergente mercado imobiliário do Porto, permitiu compreender o estado acelerado de degradação do interior de grande parte das casas burguesas. Não que a amostra seja indicativa de algum conhecimento alargado sobre o estado das casas, mas os dados estatísticos sobre esta matéria⁷ correspondem a essa asserção empiricamente retirada da visita aos edifícios. Por muitas vezes ficamos desiludidos, seja pela *betonização* dos interiores das casas, seja pelos buracos no soalho ou pelo gesso derrubado pelos tons verde-musgo. E quando a casa entusiasmava, quando preenchia as premissas da procura, havia sempre algo que a destronava, fosse o desinteresse pela rua ou fosse o valor pedido.



[.4] Espaço de trabalho
na casa do Almada

Depois de inúmeras casas visitadas, nenhuma parecia ter o necessário para ser a desejada casa. Dois longos anos se passaram nesta demanda. Entre as muitas deslocações da cliente ao Porto e as muitas casas percorridas, o desejo começava a esmorecer. A tal casa *antiga* parecia não existir.

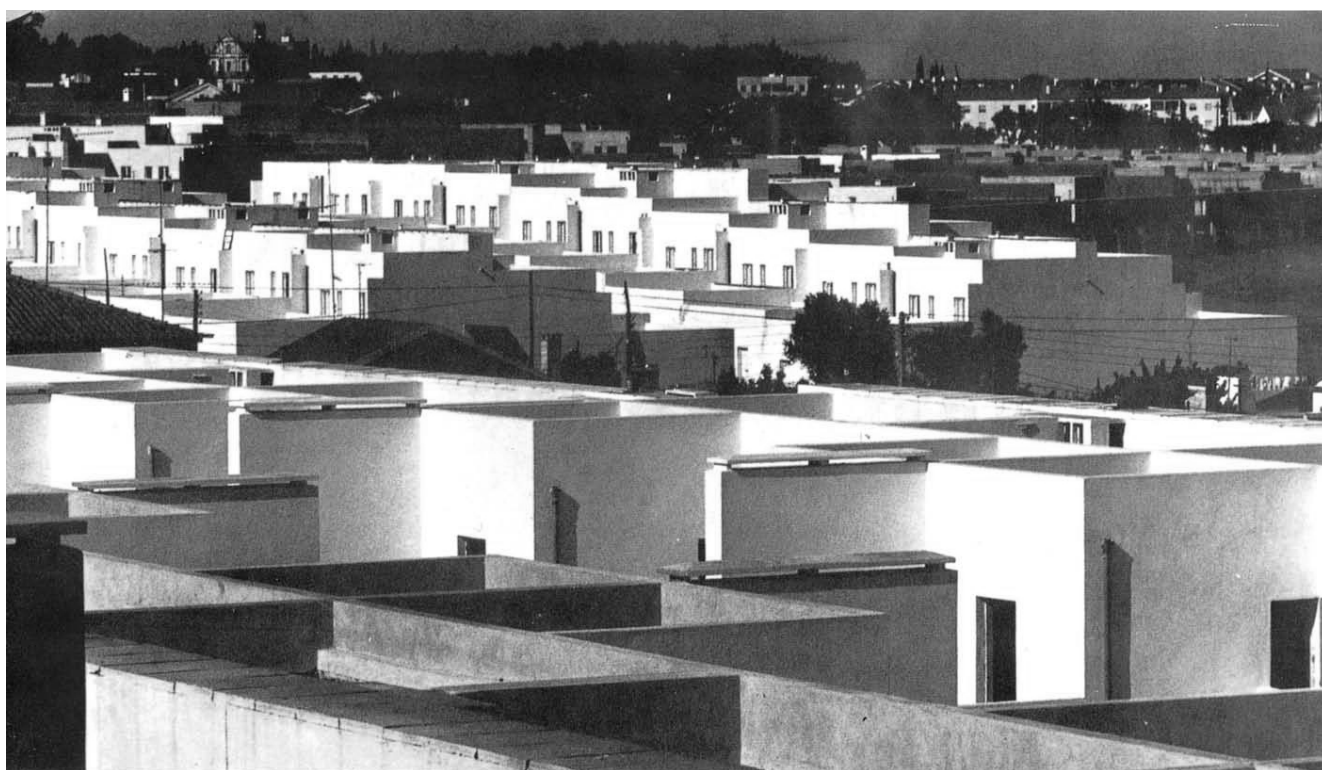
É neste momento de esfriamento da vontade, da iminente desistência, que surge - como que predestinada -, a casa do Almada. Não foi preciso muito mais do que a primeira visita para convencer a cliente, sendo que a casa não chegou propriamente a entrar no mercado imobiliário. Os azulejos na fachada, o estuque trabalhado da clarabóia ou a imponente escadaria foram argumentos que não deixaram dúvidas, juntando obviamente ao facto de se localizar na importante artéria almadina. Foi esta a origem da casa do Almada, que mais tarde se tornaria o âmago desta dissertação.

Logrado o período de procura, uma nova etapa emerge na aproximação ao início do projecto - o levantamento do edifício. As noções de levantamento geométrico, adquiridas principalmente na disciplina de História da Arquitectura Portuguesa, revelaram-se fulcrais para o desenrolar deste processo. Numa primeira fase, procedeu-se ao levantamento manual do edifício e posteriormente à sua concretização através do desenho de plantas, cortes e alçados. O levantamento, normalmente não realizado pelo projectista, permitiu um contacto constante com a casa, uma aproximação a todos os seus (re)cantos.

Devido à necessidade de um sítio de trabalho e de um trabalho no sítio, o próprio edifício se imiscua nesta dualidade entre escritório e objecto de projecto. Sendo que alguns colegas também procuravam um sítio para trabalhar, desde logo se montou uma mesa de trabalho num dos espaços da casa. Esta partilha de espaço de trabalho, constitui-se também como um espaço de debate sobre os vários temas da intervenção, permitindo que o projecto evoluísse sempre numa abertura ao escrutínio e à crítica.

De facto, aqui surge um dos primeiros factores da excepcionalidade da cliente. A possibilidade de utilizar o próprio edifício como espaço de trabalho revelou-se uma vantagem na abordagem ao projecto. Qualquer dúvida surgida durante a elaboração deste podia ser esclarecida com um simples percurso pela escadaria.

Outro aspecto foi também a abertura na discussão do programa e das tipologias habitacionais a implementar no edifício por parte da cliente. Esta liberdade projectual permitiu que a intervenção não se baseasse em soluções exigidas pelo mercado actual, mas antes em responder às solicitações que o objecto de projecto requeria.



[.5] Álvaro Siza
Habitação social
Quinta da Malagueira
Évora, Portugal
1977

Para além disto, o aspecto mais importante na excepcionalidade da cliente no processo foi o tempo. O processo de projecto nunca esteve sobre a pressão da conclusão. A cliente permitiu que o projecto levasse o seu tempo, que se permitisse a sua maturação, não só do projecto, mas também da investigação dos temas que posteriormente levaram à elaboração da dissertação.

*“Um aspecto que me impressiona muito, na arquitectura e na cidade do nosso tempo, é a pressa em concluir tudo rapidamente. Esta tensão para uma solução definitiva impede a complementaridade entre as várias escalas, entre o tecido urbano e o monumento, entre o espaço aberto e a construção. Hoje qualquer intervenção, por mais pequena e fragmentária que seja, empenha-se de imediato numa imagem final: assim se explica a dificuldade da interpenetração entre as várias partes da cidade.”*⁸

8. SIZA, Álvaro – *Imaginar a evidência*, Lisboa: Edições 70, 2006, p. 103

Álvaro Siza fala-nos dessa emergência pela conclusão dos projectos, referindo-se à importância do tempo que lhe foi concedido no projecto da Quinta da Malagueira, em Évora. O facto de lhe ter sido proporcionado “o tempo da compreensão e do estudo, prolongado e infundável (...)”, deu-lhe a capacidade de “evitar a aplicação de um único princípio pré-constituído.”⁹

9. Ibid., p. 103

Carlos Martí Arís reflecte sobre este paradigma da actualidade, invocando a importância do *silêncio* no acto da invocação da *palavra*. Arís refere que o presente caracterizado por uma “cultura efémera que, arrastada pela actualidade na sua vertiginosa fuga para adiante, acaba por confundir-se com ela, reproduzindo-a e amplificando-a sem o menor vislumbre de distanciamento. O ruído do mundo torna-se assim opressivo e ensurdecador.”¹⁰ Concluindo que “o único capaz de se opor ao ruído é o silêncio. (...) Gera uma quietude, um tempo suspenso e um espaço vazio que nos subtrai do turbilhão da actualidade. Mas, paradoxalmente, esta invocação do silêncio não é outra coisa do que uma reivindicação da palavra.”¹¹

10. ARÍS, Carlos Martí – “El ruido, el silencio, la palabra” in *Silencios Elocuentes*, Barcelona: Ediciones UPC, 2010, p. 64

11. Ibid., p. 64

Apesar de um projecto de arquitectura ser algo permanentemente inacabado, em perspectiva, esta particularidade do tempo - o *silêncio* -, permitiu que as ideias - a *palavra* -, respirassem e se maturassem. A variedade de possibilidades que surgiram durante o processo projectual, os avanços e recuos, as incertezas, apenas o tempo as pôde instruir.

Na prática, o reconhecimento da excepcionalidade da cliente, surge como um reconhecimento das condições favoráveis para a elaboração do projecto, com a perfeita noção de que, na generalidade, a prática da arquitectura no plano do real, não obedece a tal excepcionalidade.

Contexto

*“Distinguir entre espaço público de todos e espaço particular de cada um significa ter de reconhecer, aceitar e regulamentar a problemática relação entre espaço público e espaço privado para, na prática ter de transigir quanto aos modelos de uso do espaço público urbano, sempre que o desenvolvimento das actividades económicas relega para segundo plano a almejada comodidade e o embelezamento da cidade.”*¹²

12. NONELL, Anni Günther
– Porto, 1763/1852: a
construção da cidade entre
despotismo e liberalismo,
Porto: Faup Publicações,
2002, p. 161

O nº 623 da Rua do Almada, localizado na junção entre esta e a Rua do Alferes Malheiro, encontra-se numa posição já próxima da Praça da República, no extremo norte da rua. A casa insere-se num eixo bastante marcante da cidade do Porto, não só pela sua importância tradicionalmente comercial, como também urbanística, por ser uma das primeiras ruas planeadas da cidade como a conhecemos hoje.

A Rua do Almada fez então parte de um conjunto de grandes obras de transformação do espaço urbano no Porto, levadas a cabo pela Junta de Obras Públicas. Estas transformações são essencialmente impulsionadas pelo aumento populacional da cidade e procuravam dar resposta a uma nova sociedade de burguesia mercantil que prosperava na cidade e dessa forma estimular a economia.¹³ O objectivo passava por criar condições urbanísticas para o desenvolvimento da cidade, não só através da reformulação do seu núcleo tradicional, como também por intermédio da planificação do crescimento da sua urbanidade física.¹⁴

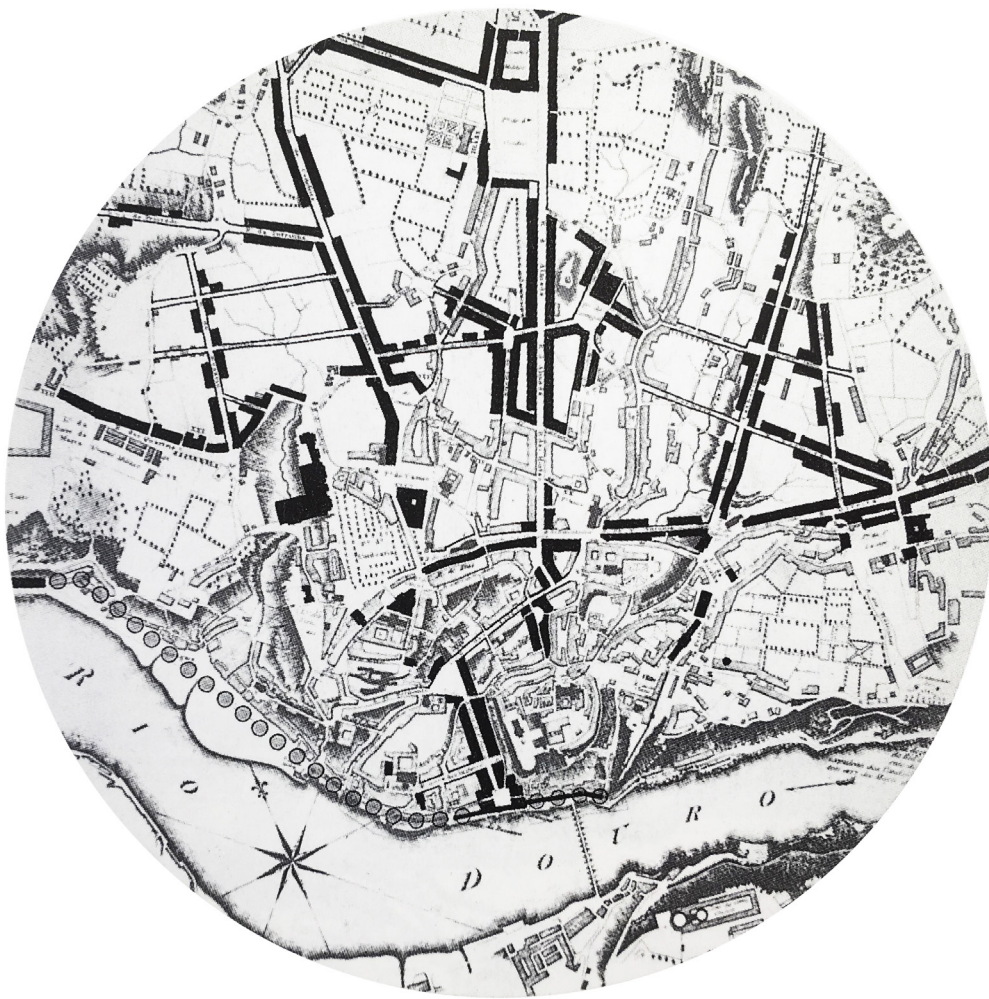
13. FERRÃO, Bernardo
José – Projecto e Transformação Urbana do Porto na
Época dos Almas, 1758-
1813: Uma contribuição
para o estudo da cidade
pombalina, Porto: Faup
Publicações, 1997, p. 188

14. NONELL, Anni Günther
– op. cit., p. 169

15. Ibid., p. 161

A Junta de Obras Públicas, liderada por João de Almada, nasce então da “consciência da necessidade de organizar o espaço físico urbano segundo relações funcionais e formais cada vez mais complexas”.¹⁵ Criada em 1763 e extinta em 1833, a Junta tem como base duas intenções fundamentais: uma de carácter urbanístico - que tem como objectivo reestruturar a cidade antiga muralhada e planear a sua expansão -; e outra de carácter político - reflectida na pretensão de aumentar a influência do poder central sobre o poder local instituído.¹⁶

16. Ibid., p. 165



[.6] Plano de abertura de
novos arruamentos da
Junta de Obras Públicas

17.FERRÃO, Bernardo
José – *op. cit.*, p. 205

A transformação urbana almadina, baseada principalmente nos ideais urbanos pombalinos, tem como propósito o planeamento de uma expansão da cidade de forma radial e, segundo Bernardo Ferrão, pode ser caracterizada por quatro fases distintas.¹⁷ As duas primeiras fases definem-se pela criação de um grande eixo norte/sul que atravessa a cidade muralhada e permite alargar os limites da cidade. Este mesmo eixo torna-se o elemento unificador de todo o plano de renovação do espaço urbano, pela sua importância e centralidade, quer a nível da fluidez de tráfego na entrada e saída da cidade como também através do seu carácter de centro de comércio.¹⁸

18. *Ibid.*, p. 205

Este grande eixo norte/sul, é constituído então por dois tramos, um intramuros que teria início na Praça da Ribeira - Rua de S. João e Rua das Flores -, e outro fora de muros, incluído no plano do Bairro dos Laranjais - Rua do Almada -, que teria como peça de fecho a Praça da República. A Rua do Almada é então o principal objecto de um plano de urbanização - “Planta do Bairro dos Laranjais” -, que teria como os seus limites a nascente a Rua do Bonjardim e a Poente a rua de Santo Ovídeo (hoje Mártires da Liberdade), sendo conformado a Norte pelo Campo de Santo Ovídeo (actual Praça da República) e a sul pela Praça dos Lóios.¹⁹

19. NONELL, Anni Günther
– *op. cit.*, pp. 167-170

Estas duas primeiras fases de intervenção foram posteriormente incluídas numa terceira fase do plano mais abrangente de expansão da cidade, de que fazem parte a Rua de Santa Catarina, a Rua Direita de Santo Ildefonso e a Rua da Cedofeita.

A última fase, centrava-se na necessidade de fusão entre o núcleo urbano antigo, na urbe muralhada e as novas áreas envolventes do plano de expansão da cidade, procurando uma transição amena entre o traçado sinuoso da urbe medieval e os novos arruamentos. Nesta fase da intervenção, procede-se à abertura das ruas dos Clérigos e 31 de janeiro, bem como a demolição de várias secções da muralha fernandina, permitindo uma relação mais fluída entre a cidade nova e a antiga.²⁰

20.FERRÃO, Bernardo
José – *op. cit.*, p. 214-216

De forma a alcançar a unidade e beleza pretendidas com estas intervenções, os planos almadinos definem dois tipos de estratégias para os perfis das ruas e praças: o desenho da totalidade do alçado da rua; ou a definição de um alçado tipo que permitiria a sua interpretação consoante as características dos lotes.²¹ A Rua do Almada, terminada em 1768, insere-se no segundo tipo de estratégia nas zonas abrangidas pelos planos almadinos, permitindo uma maior heterogeneidade de alçados no perfil da rua.

21. NONELL, Anni Günther
– *op. cit.*, pp. 185-187

Registo do existente

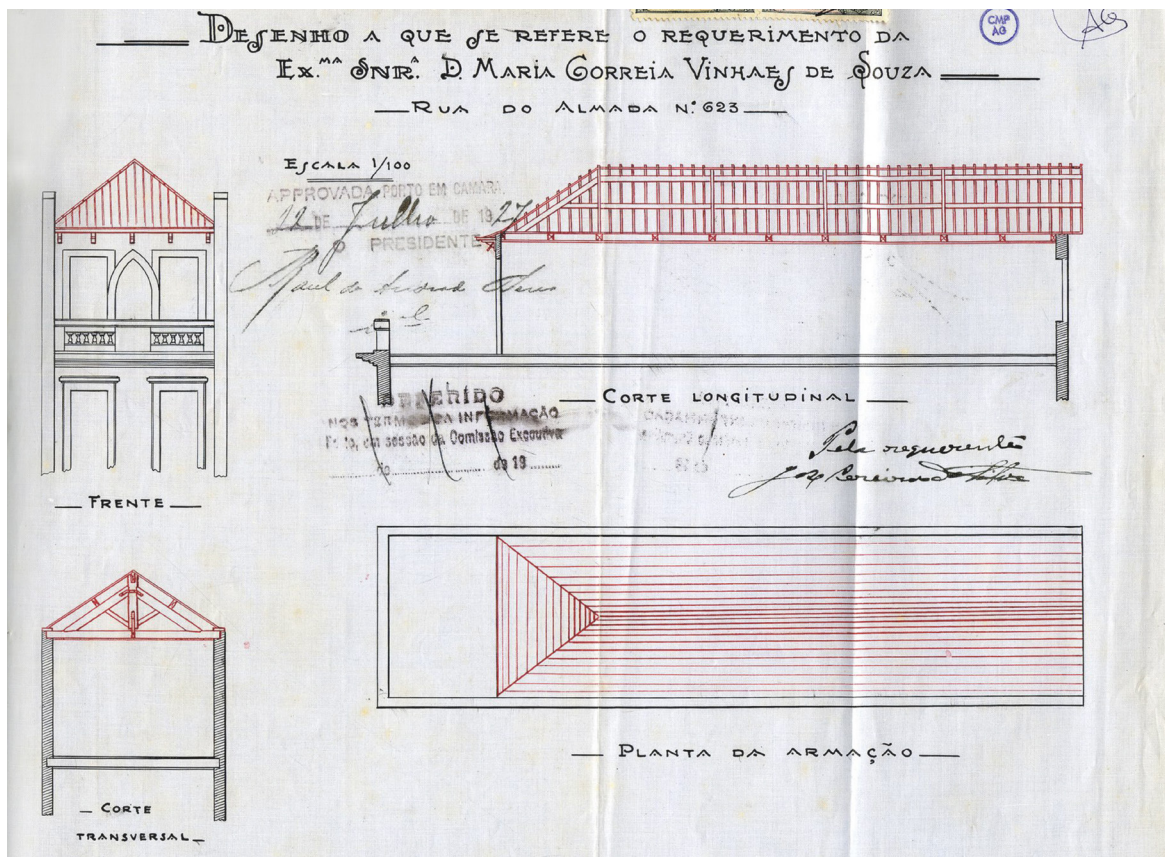
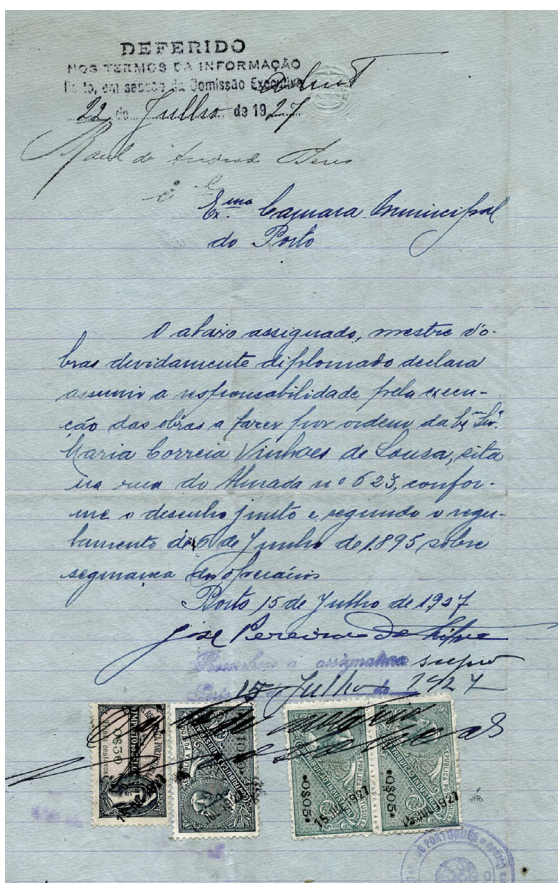
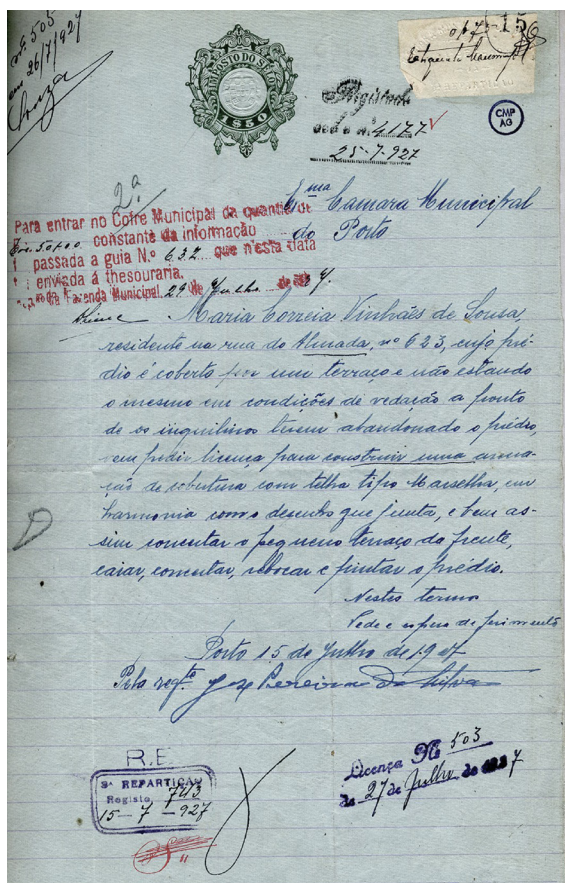
O propósito da intervenção na casa do Almada, deve-se, principalmente, à necessidade de alteração de usos, mas também à necessidade de recuperar elementos originais e corrigir algumas das anomalias do edifício. A reabilitação requer uma intervenção profunda no edifício, por implicar diversas operações significativas como a transformação do edifício de tipologia unifamiliar para plurifamiliar; a ampliação de pisos na fachada; ou a criação de novas instalações sanitárias e cozinhas.

Deste modo, a primeira fase do processo de intervenção centra-se no conhecimento do existente. As fases iniciais de levantamento e diagnóstico do existente são determinantes para documentar e informar a fase de projecto e para a consequente qualificação da intervenção.²² Para o levantamento contribuem não só o levantamento geométrico e construtivo, como o registo fotográfico do existente, que irá ser apresentado - disposto como um percurso desde do átrio de entrada da casa até ao sótão -, neste momento do trabalho.

A casa é composta por quatro pisos (rés-do-chão, dois andares e um sótão), sendo que não existem registos que permitam datar a sua construção. Os seus atributos morfológicos enquadram-se nalgumas das características mais correntes da casa burguesa portuense: edifício estreito e comprido - neste caso com cerca de 5 m de largura e 20 m de comprimento -; caixa de escadas localizada numa posição central do edifício e paralela às fachadas; ou o logradouro ajardinado no segmento tardoz do lote. Estas características parecem sugerir que terá sido construída por volta da segunda metade do séc. XIX.

Tipologicamente, mantém o seu carácter estritamente habitacional e unifamiliar. Também a nível construtivo, a casa mantém o sistema e materiais originais, correntemente difundidos na casa burguesa portuense,

22. TEIXEIRA, Joaquim – *Salvaguarda e Valorização do Edifício Habitacional da Cidade Histórica - Metodologia de Intervenção no Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto*. Porto: FAUP, 2013, p. 550



nomeadamente a estrutura em vigas de madeira encastradas nas paredes de meiação em alvenaria de granito.

O logradouro do edifício, que acompanha a sua largura e prolonga-se por mais 18 m, encontra-se a uma cota cerca de 3 m superior à do rés-do-chão, sendo possível aceder tanto por este piso como pelo 1º. O acesso pelo 1º piso efectua-se através da cobertura dos anexos construídos posteriormente junto à fachada do rés-do-chão, que contribuem para o aumento da insalubridade no piso térreo.

Dentro da classificação tipo-morfológica da casa burguesa desenvolvida por Francisco Barata Fernandes, que será aprofundada no próximo capítulo, considera-se que a casa do Almada se encaixa nas características do primeiro tipo de casa *liberal*. Apesar da abertura da Rua do Almada ter originado de operações urbanísticas baseadas em ideais iluministas, as suas características tipológicas e organizacionais, assim como a sua época de construção, inserem-se no tipo de casa *liberal* ainda numa fase de transição da casa *iluminista*.

No diagnóstico necessário para o desenrolar do processo projectual, além da necessidade de avaliação do estado de conservação da casa, é importante averiguar quais as intervenções efectuadas no edifício, de forma a perceber o seu contributo para a sua valorização arquitectónica. O primeiro passo consiste na aferição da existência de algum documento processual na câmara municipal e no arquivo histórico, de forma a procurar mais informações sobre a génese do edifício. Neste caso, existe apenas um documento sobre o objecto de estudo, nomeadamente uma licença de obra datada de 1927 [7], referente à reparação do terraço do recuado e para a alteração da cobertura em telha do edifício. O documento vem acompanhado de alguns desenhos explicativos, que parecem indicar que foi nesta altura que o sótão foi adaptado para ser utilizável.

Apesar deste ser o único documento presente no arquivo da câmara municipal, é evidente a existência de uma intervenção contemporânea no edifício, com particular incidência no segmento tardoz da casa. Tendo em conta os materiais utilizados na intervenção, calculamos que tenha sido realizada provavelmente por volta das décadas de 1960/1970.

Nesta intervenção, a fachada tardoz sofreu alterações profundas, modificando por completo o seu desenho original, com óbvias repercussões nos espaços interiores em contacto com a fachada.



[.8] Átrio de entrada



[.9] Corredor de
acesso à escadaria

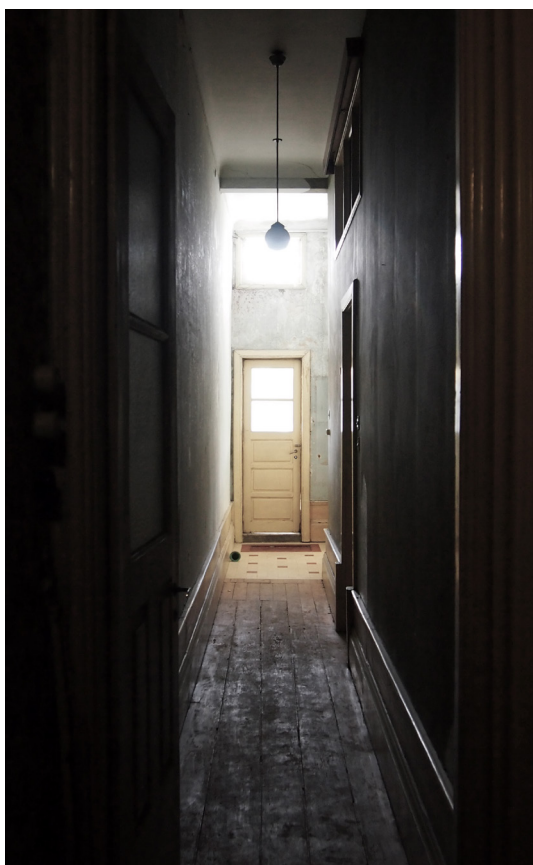


[.10] Anexo no
rés-do-chão



[.11] Escadaria

[.12] Vista da escadaria para a clarabóia



[.13] Corredor de acesso ao logradouro no 1º piso

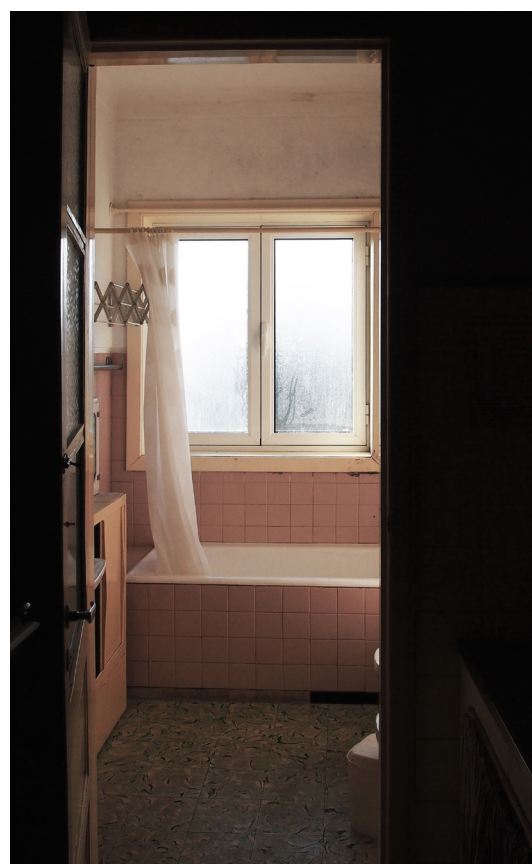


[.14] Instalação sanitária do 1º piso

[.15] Logradouro



[.16] Corredor de acesso ao espaço de trabalho



[.17] Instalação sanitária do 2º piso



[.18] Átlio da clarabóia



[.19] Clarabóia



[.20] Cozinha



[.21] Sótão

II.

CIDADE, MEMÓRIA E PROJECTO

“(...) A architectura começou como qualquer outra forma de escrita. Foi o primeiro alfabeto. Plantava-se de pé uma pedra e era uma letra, cada letra era um hieróglifo e sobre cada hieróglifo repousava um grupo de ideias, como o capitel sobre a coluna. (...)

Mais tarde, formaram-se as palavras. Sobre pôs-se pedra sobre pedra, acoplou-se as sílabas de granito, o verbo ensaiou algumas combinações. (...) Com algumas mesmo, quando se dispunha de muita pedra e um vasto campo de areia, escrevia-se uma frase. (...)

(...) A architectura desenvolve-se, então, como o pensamento humano; ela torna-se um gigante de mil cabeças e mil braços, e fixa sob uma forma eterna, visível e palpável, todo este simbolismo flutuante.

A ideia-mãe, o verbo, não soava apenas no fundo de todos os edifícios, mas também na forma. (...)

E não somente a forma dos edifícios, mas também o lugar que se elegia, revelava o pensamento que representavam. (...)”

VICTOR HUGO – “Isto Há-de Matar Aquilo”
Nossa Senhora de Paris, pub. 1831, pp. 171-172

A cidade como reflexo

“A cidade é portanto um lugar artificial de história no qual cada época - todas as sociedades acabam por se diversificar da que as precedera - tenta, mediante a representação de si própria nos monumentos arquitectónicos, o impossível: assinalar aquele tempo determinado, para além das necessidades e dos motivos contingentes porque os edifícios foram construídos.”

AYMONINO, Carlo – *O Significado das Cidades*
Lisboa: Editorial Presença, 1984, p. 11

Entre a sociedade e o construído

Um projecto de reabilitação do edificado urbano acarreta sempre uma responsabilidade de respeito pelo espaço colectivo e pela memória da cidade.

*“A cidade, para começar, é um lugar. E é um lugar onde, em etapas sucessivas, se constrói a cidade como fruto de aluvião de pessoas e coisas que se depositaram sobre esse território.”*²³ Este lugar onde a condição humana se expressa é

também o reflexo da sua condição social. Portanto, considera-se que a cidade procura responder a um contexto de sociedade que se vai moldando ao longo do tempo e da existência humana. E desde que o homem deixou de ser nómada e começou a criar assentamentos que correspondessem ao seu contexto social, que a arquitectura se tornou uma representação fixa e profunda do que seria a convivência humana em determinada altura da humanidade. Esta asserção de cidade como reflexo da vida humana em comunidade é postulada também por Aldo Rossi que a caracteriza como

*“uma grande representação da condição humana”.*²⁴

*“A arquitectura (...) de coisa humana que forma a realidade e conforma a matéria segundo uma concepção estética. E, assim, ela mesma é não só o lugar da condição humana, como até uma própria parte desta condição, que se representa na cidade e (...) em todos os factos urbanos que emergem do espaço habitado”.*²⁵

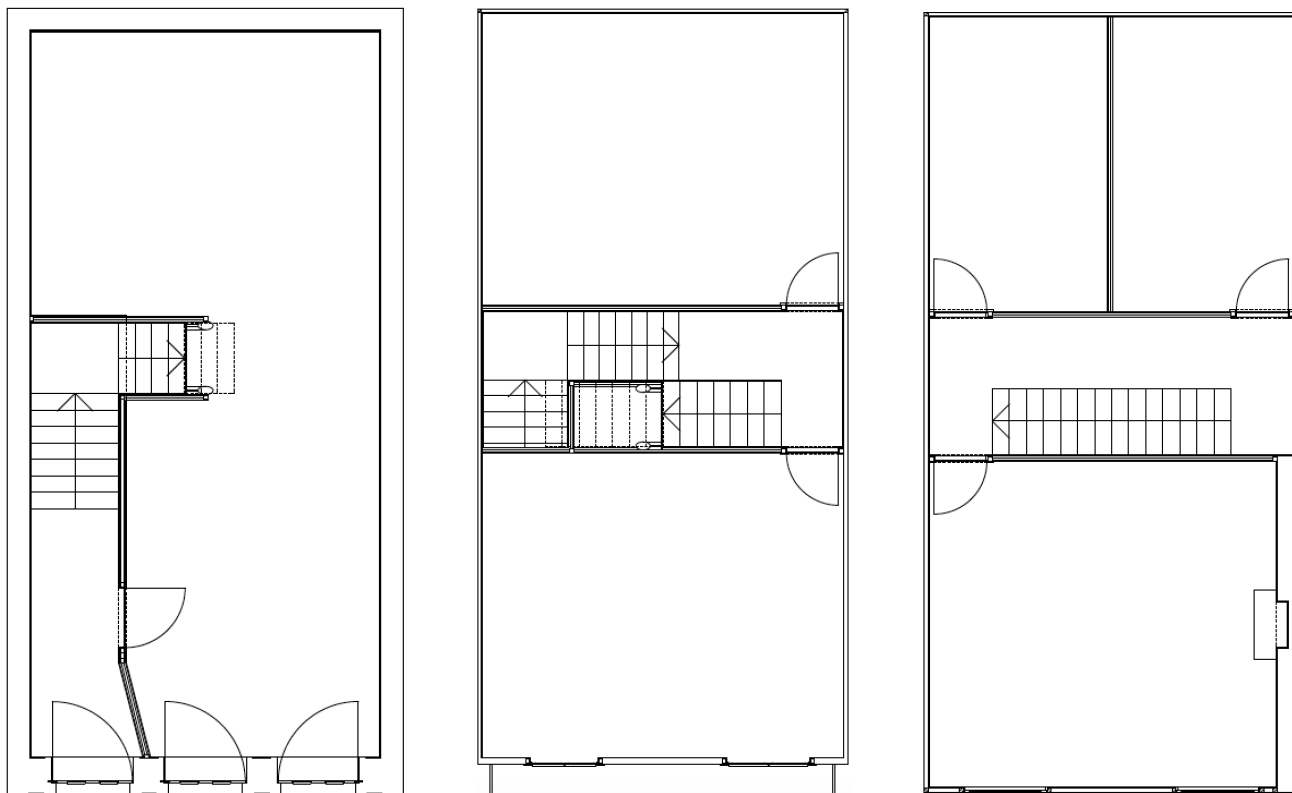
A arquitectura é tradicionalmente representada como a síntese das dimensões da construção, da funcionalidade e da beleza. Estes três aspectos pertencem à definição clássica de arquitectura, como “a arte de construir um edifício segundo regras teóricas, estéticas e utilitárias que variam segundo épocas, os autores e os lugares”.²⁶ No entanto, estes aspectos não

23. RAMONEDA, Josep, citado por Manuel MENDES – “Cultura de cidade e arquitectura, memória e desenho - 14 sinais para a ‘cidade que há-de vir’” in *Porto 2001: Regresso à Baixa*, Porto: Faup Publicações, 2000, p. 19

24. ROSSI, Aldo – *A Arquitectura da Cidade*, Lisboa: Edições Cosmos, 2001, p. 50

25. Ibid., p. 50

26. CABANNE, Pierre – citado por Aldo ROSSI, *op. cit.*, p. 23



[.22] Plantas-tipo da casa mercantil



[.23] Casas mercantis
Praça da Ribeira



[.24] Casas mercantis
Rua de São João

27. FREITAG, Michel – *Arquitectura e Sociedade*, Lisboa: Dom Quixote, 2007, p. 17

28. Ibid., p. 17

representam antropologicamente a natureza essencial da arquitectura. Esse objecto intrínseco e original da arquitectura é o da construção do espaço socializado, apropriado pelo homem.²⁷ Neste sentido, e assumindo a cidade como um conjunto de arquitecturas, esta é a materialização da ordem humana na natureza. Por isso, a cidade é o espaço que transforma a natureza em mundo humano, em *habitat* acolhedor para os homens e é nela que “a sociedade se torna visível para si própria”.²⁸ No entanto, a arquitectura não é apenas o reflexo da actividade empírica dos homens como sociedade, mas também de todas as maneiras sobre as quais são asseguradas a integração e unidade das suas relações sociais.

Assim, o espaço arquitectónico expressa também as figuras de poder e as ideologias dominantes de cada época. Michel Freitag justifica esta afirmação, estabelecendo uma correspondência entre a história estilística da arquitectura e as grandes etapas do desenvolvimento da sociedade moderna. A título de exemplo, o autor faz corresponder o estilo gótico e a sua verticalidade característica, que orienta o olhar para uma transcendência abstracta, racionalizada, expressando a síntese entre a comunidade e o indivíduo que caracterizam esta fase da sociedade medieval; ou por outro lado, o estilo barroco caracterizado pelas suas formas e ornamentações exuberantes, figurativas do desenvolvimento do Estado absolutista e autoritário.²⁹

29. Ibid., p. 26

Também o edificado portuense, correntemente designado de casa burguesa, constitui uma expressão construída do tipo de sociedade vigente em determinada época da história da cidade do Porto. Foi nesse sentido que o autor Francisco Barata Fernandes³⁰ categorizou, através das suas características tipo-morfológicas, as três tipologias principais de casa corrente que podemos encontrar no Porto, classificando-as segundo as organizações sociais da época:

30. FERNANDES, Francisco Barata – *Transformação e permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade*. Porto: Faup Publicações, 1999, p. 76

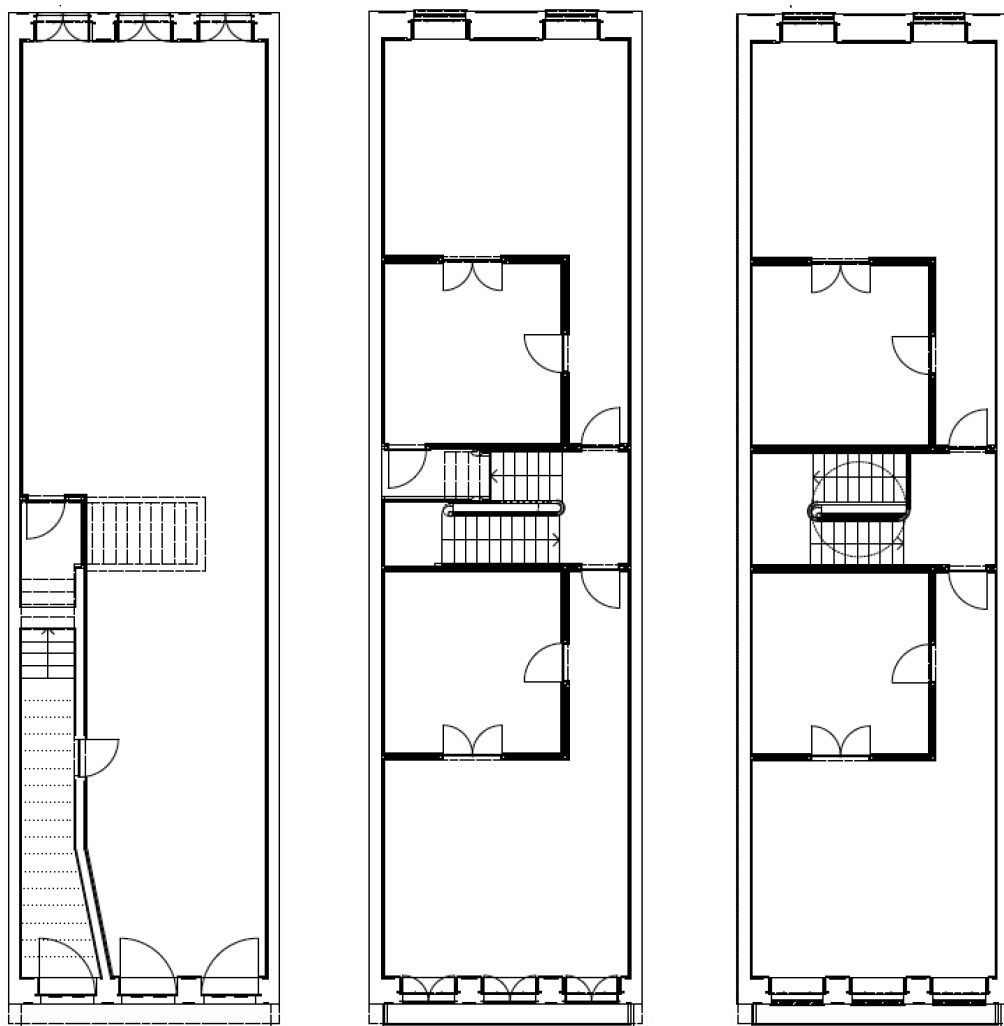
— A casa *mercantilista*:

Referente à sociedade mercantilista do séc. XVII, localizada no interior da cidade muralhada, na área da Ribeira-Barredo, baixa de Miragaia e nos quarteirões compactos da Sé e Vitória.³¹ Distinguem-se essencialmente em dois tipos de lotes, sendo um mais irregular e inserido em quarteirões compactos, e o outro caracterizado por lotes regulares de duas frentes e unidos pelo lado maior com paredes de meação.³² O primeiro tipo, define-se como um edifício de uma só frente que se abre directamente sobre a rua e ocupa a totalidade do lote, não possuindo logradouro.³³ Estes lotes situam-se predominantemente em zonas de declive mais acentuado da zona muralhada da Ribeira, Barredo e Sé. O uso dos edifícios era de

31. Ibid., p. 68

32. Ibid., p. 121

33. Ibid., p. 122



[.25] Plantas-tipo da casa iluminista



[.26] Casas iluministas
Rua das Flores



[.27] Casas iluministas
Rua dos Clérigos

34. TEIXEIRA, Joaquim – *Descrição do sistema construtivo das Casas Burguesas do Porto entre os séculos XVII e XIX - Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal*. Porto: FAUP, 2004, p. 25

35. FERNANDES, Francisco Barata, *op. cit.*, p. 124

36. TEIXEIRA, Joaquim, *op. cit.*, pp. 24-25

37. FERNANDES, Francisco Barata, *op. cit.*, p. 128

38. *Ibid.*, p. 141

39. *Ibid.*, pp. 143-144

40. TEIXEIRA, Joaquim – *Salvaguarda e Valorização do Edifício Habitacional da Cidade Histórica - Metodologia de Intervenção no Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto*. Porto: FAUP, 2013, p. 166

carácter misto, sendo o piso térreo destinado a actividades laborais e os pisos superiores a habitação. Os espaços interiores não eram muito compartimentados por não existir ainda uma clara distinção no uso dos espaços.³⁴

O segundo tipo, corresponde aos edifícios na frente fluvial da Ribeira, Barredo e Miragaia. Esta tipologia caracteriza-se fundamentalmente pelas duas frentes e consequente maior área de implantação, assim como pela integração do logradouro.³⁵ Relativamente ao uso, é semelhante ao primeiro tipo e a sua organização funcional está na origem das tipologias que se vão desenvolver nos restantes tipos de casa burguesa portuense.³⁶

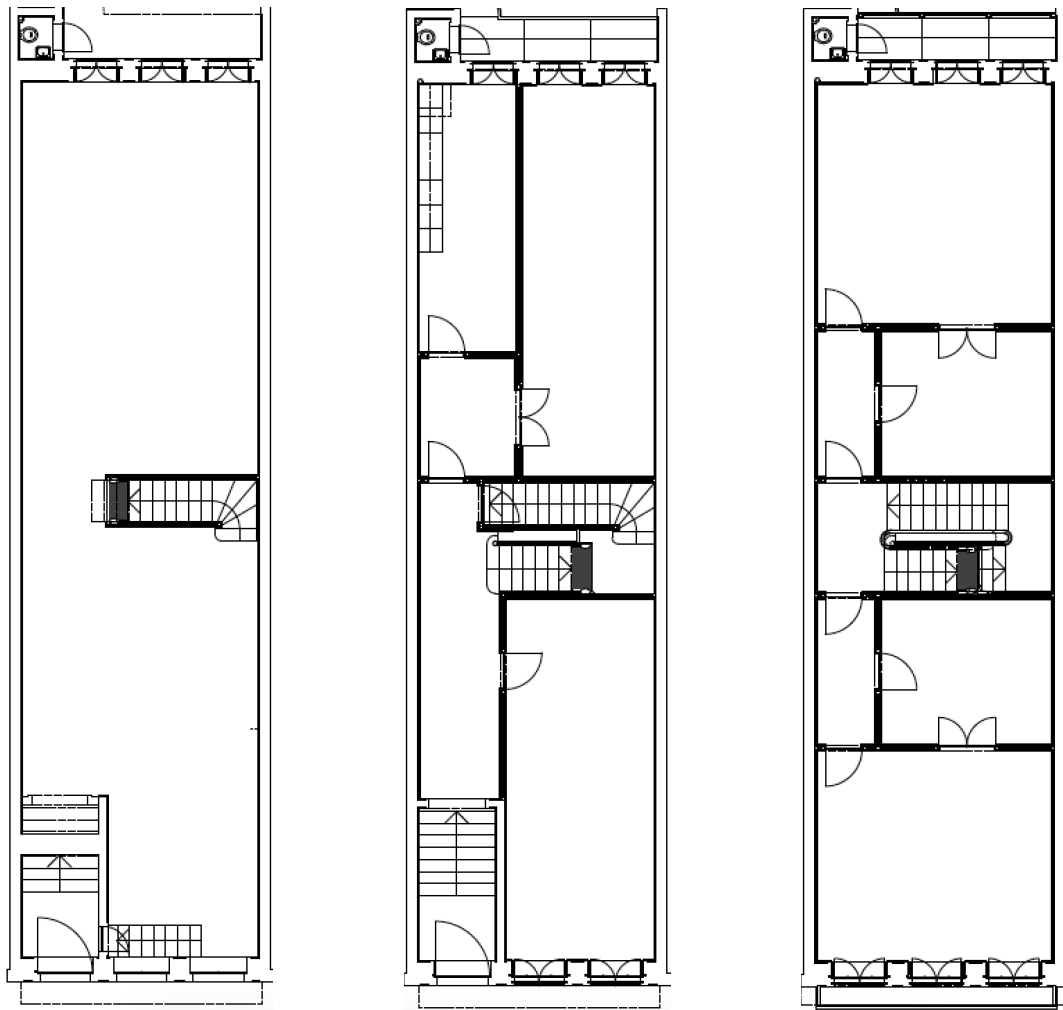
— A casa *iluminista*:

Decorre das expansões urbanas do período iluminista nacional, nomeadamente desde o séc. XVIII até meados do séc. XIX. As alterações relativamente à tipologia mercantilista originam das incursões urbanísticas consertadas da época almadina, que “marcam o faseamento da cidade como realização colectiva [e] advêm da consciência de que, em cada momento, o poder político tem da importância estratégica da cidade e do modo como nela intervém.”³⁷

Esta tipologia está assente na criação de grandes arruamentos rectos e estruturantes ao novo planeamento urbano, que extravasam a cidade muralhada, e decorrem de um pensamento que almejava ser globalizador e racionalista³⁸, influenciado pelo planeamento de reconstrução da baixa pombalina de Lisboa, após o terramoto de 1755. O edificado, na sua relação com o lote e a rua, assemelha-se ao segundo tipo de casa burguesa do período mercantilista, no entanto, possui frentes maiores, implantações mais profundas e logradouros mais generosos. Na relação com a rua, verifica-se uma preocupação em controlar o desenho das fachadas, particularmente na regularização de cérceas e na sistematização dos elementos de composição arquitectónica, conferindo uma unidade ao conjunto da rua, apesar das ligeiras diferenças entre parcelas.³⁹ A organização funcional mantém-se como a dos tipos anteriores, de matriz de habitação unifamiliar, sendo o piso térreo destinado a actividades laborais ou armazém e os pisos superiores a habitação. As áreas onde se podem encontrar os melhores exemplos desta tipologia de casa burguesa são as ruas de 31 de Janeiro, Santa Catarina, Cedofeita ou Almada.⁴⁰

— A casa *liberal*:

Inserida no período compreendido entre meados do séc. XIX e inícios do séc. XX, ainda fortemente influenciada pelas propostas almadinas, afigura-se como uma nova estratégia urbanística de produção



[.28] Plantas-tipo da casa liberal



[.29] Casas liberais
Rua de Álvares Cabral

41. FERNANDES, Francisco Barata, *op. cit.*, p. 169

42. *Ibid.*, p. 170

43. *Ibid.*, p. 175

44. *Ibid.*, p. 171

45. *Ibid.*, p. 172

46. *Ibid.*, p. 174

47. TEIXEIRA, Joaquim – *Salvaguarda e Valorização do Edificado Habitacional da Cidade Histórica - Metodologia de Intervenção no Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto*. Porto: FAUP, 2013, p. 167

48. CONZEN, M. P., citado por Spiro KOSTOF – *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*. London: Thames & Hudson, 1999, p. 25

49. HUGO, Victor – *Nossa Senhora de Paris*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1972, p. 170

50. KOSTOF, Spiro, *op. cit.*, p. 10

de espaço urbano que assentava numa primeira divisão moderna, funcional e social da cidade.⁴¹ Numa primeira fase, a casa liberal caracteriza-se pela continuidade da tipologia polifuncional herdada da casa iluminista, alterando certas características, como o acrescento de rudimentares instalações sanitárias nas traseiras dos edifícios ou o aumento de pé-direito e áreas de arrecadação.⁴²

Numa segunda fase, correspondente à ascensão social de uma classe burguesa que tinha começado a separar o local de trabalho do local de habitar,⁴³ assiste-se ao surgimento de uma nova tipologia monofuncional, exclusivamente destinada a habitação. Esta casa distingue-se pela sua “capacidade para satisfazer programas residenciais de maior complexidade do que as anteriores.”⁴⁴ De facto, esta nova tipologia apresenta alterações profundas na matriz organizacional interna relativamente às tipologias anteriores, pois destaca-se pela sua entrada com um rés-do-chão semielevado e uma cave semienterrada, que significam um corte radical com as tipologias almadinas. O próprio processo de transformação urbana se altera com esta modificação de usos ao nível do rés-do-chão, fazendo com que estas casas condicionem a capacidade de adaptação a eventuais programas mistos de utilização.⁴⁵

O desenho da casa liberal é fortemente influenciado pela comunidade britânica residente no Porto, tendo como inspiração as casas georgianas londrinas.⁴⁶ Localizam-se primordialmente em zonas novas de expansão da cidade como a Avenida de Rodrigues de Freitas, Rua de D. João IV, Rua de Álvares Cabral ou a Rua e Avenida da Boavista.⁴⁷

Segundo esta classificação tipo-morfológica do edificado portuense de Francisco Barata Fernandes, as organizações e relações sociais vigentes numa sociedade em determinada época, reflectem-se inevitavelmente na expressão construída da forma urbana. Neste sentido, podemos concluir que “poucos valores sociais e acções são tão abstractos que falham a ser reflectidas em formas materiais”.⁴⁸

Nas palavras de Victor Hugo, “a arquitectura é o grande livro da Humanidade, a principal expressão do Homem nas suas várias fases de desenvolvimento, tanto como força como inteligência.”⁴⁹

Esta relação dialéctica entre sociedade e arquitectura permite compreender melhor o contexto cultural das organizações sociais e as suas relações e, portanto, a salvaguarda do património edificado das cidades é de uma enorme relevância de forma a preservar este “meio transparente da expressão cultural”⁵⁰, que é o edificado e a forma urbana.

“Casa é cidade e cidade é casa”⁵¹

*“A mudança física da cidade pelo tempo. Uma cidade, por mais perfeita que seja a sua forma inicial, nunca está completa, nunca descansa. Todos os dias milhares de actos alteram as suas linhas de formas que só são perceptíveis durante um certo período de tempo.”*⁵²

Apesar da reabilitação de uma casa burguesa ser considerada uma intervenção de pequena escala no contexto urbano, é crucial para o processo projectual compreender a forma construída da cidade e o facto da intervenção também contribuir para a sua transformação. A intervenção tem naturalmente implicações no contexto urbano e social e, consequentemente, acarreta uma responsabilidade acrescida na solução encontrada. *“Antes de arquitecto, o arquitecto é homem, e homem que utiliza a sua profissão como instrumento em benefício de outros homens, da sociedade a que pertence.”*⁵³ Deste modo, o estudo da arquitectura da cidade e a acção projectual devem estar dialecticamente relacionadas de forma a contribuir para a salvaguarda da sua memória.⁵⁴ Aldo Rossi relaciona intrinsecamente este conceito de inter-relação entre cidade e memória, afirmando que “(...) a própria cidade é a memória colectiva dos povos; e, tal como a memória está ligada a factos e lugares, a cidade é o ‘locus’ da memória colectiva.”⁵⁵ Esta relação entre o locus (lugar) e os cidadãos torna-se, portanto, na imagem proeminente da cidade, da sua arquitectura.

51. “Tree is leaf and leaf is tree - house is city and city is house” – VAN EYCK, Aldo - diagrama “leaf-tree, house-city”, St. Louis, 1962

52. KOSTOF, Spiro - *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*. London: Thames & Hudson, 1999, p. 13

53. TÁVORA, Fernando – *Da organização do espaço*, Porto: Faup Publicações, 2006, p.74

54. MENDES, Manuel – “Cultura de cidade e arquitectura, memória e desenho - 14 sinais para a ‘cidade que há-de vir’” in *Porto 2001: Regresso à Baixa*, 2000, p. 19

55. ROSSI, Aldo – *A Arquitectura da Cidade*, Lisboa: Edições Cosmos, 2001, p. 192

Mais do que se guiar por receitas ou modelos pré-estabelecidos de intervir na cidade, o arquitecto deve ter em consideração a memória colectiva como catalisadora da acção projectual. No fundo, esta estratégia projectual não é mais do que “(...) saber compreender que as cidades e as suas arquitecturas são todas distintas; que existem elementos naturais, culturais e históricos que, construindo o território da cidade, determinam as relações particulares e ‘únicas’ que ocorrem entre o construído e a natureza, entre o artifício arquitectónico e o ‘consumo’ da cidade por parte dos seus habitantes.”⁵⁶

56. ISAC, Angel – “Dos décadas de cultura y política de la rehabilitación” in *El Chiado*, Lisboa. Álvaro Siza y la Estrategia de la Memoria, Granada: Delegación en Granada del Colegio de Arquitectos, 1994, p. 35

57. TOMÉ, Miguel – *Património e restauro em Portugal (1920-1995)*, Porto: Faup Publicações, 2002, p. 15

58. Ibid., p. 15

Por outro lado, tanto os factos urbanos, como os objectos arquitectónicos que compõem a cidade têm como uma das suas mais significativas qualidades o seu carácter documental, enquanto “fonte de informação histórica, testemunhos de dados artísticos, técnicos e culturais”.⁵⁷ O carácter de documento presente no edificado urbano torna, portanto, ainda mais importante a sua salvaguarda de forma a possibilitar a fixação e transmissão das memórias colectivas e identidades de um grupo social.⁵⁸ E essa memória colectiva não abrange apenas alguns monumentos relevantes da cidade, isolados do seu contexto que os justifica, mas todos os factos urbanos que a ela pertencem.

*“Imaginemos a Igreja dos Clérigos despojada do abraço do casario que a envolve, a curva de doirados reflexos que prepara, paralelamente ao alçado lateral, a elevação da famosa torre.”*⁵⁹

59. SIZA, Álvaro – “A cidade que temos”, pub. 1980 in *01 textos - Álvaro Siza*, 2009, p. 20

*“A construção da cidade - de uma parte da cidade - combina no curso do tempo diversas operações no terreno e na edificação, e a complexidade do seu resultado não é apenas a estrita repetição de tipos ou a justaposição de tecidos, mas exprimir o processo encadeado no qual as formas e os momentos construídos se sucedem com ritmos próprios. Distância ou continuidade, alinhamentos e vazios, perfis e junções, terreno edificável e monumentos, todos descrevem a sequência de um processo temporal concretizado em formas estáticas.”*⁶⁰

60. SOLÀ-MORALES, Manuel – “Spazio, Tempo e Città” in *Lotus International* nº 51, Milão, 1986, p. 25

Neste seguimento, o processo de mudança física da cidade pelo tempo exprime-se também à escala do edificado, no sentido que, tal como na cidade, também o próprio edifício traduz esta diversidade de intervenções e justaposições presentes na forma urbana.

Como refere Aldo Van Eyck, “cada lugar [é] um conjunto de lugares de cada casa e de cada cidade, já que uma casa é uma pequena cidade, e uma cidade uma grande casa.”⁶¹ De certa maneira, tal como a cidade traduz as mais diversas organizações sociais e políticas ao longo da história, a casa reflecte também essas transformações à escala do habitar.

61. VAN EYCK, Aldo – *The child, the city and the artist: An essay on architecture; The in-between realm*. Amsterdam: Sun Publishers, 1962, pp. 50-51



[.30] Vista geral da Rua do Almada e da casa dos Pestanas, tirada da Praça da República (data desconhecida)

*“Mas o valor da memória não se prende aí à obra no seu estado original em que nasceu, mas sim à representação do tempo decorrido desde a sua génese, que se trai do modo perceptível aos sentidos nas marcas da idade.”*⁶²

62. RIEGL, Alois – *O Culto Moderno dos Monumentos e outros ensaios estéticos*, Lisboa: Edições 70, 2016, p. 16

O processo de mudança física da casa burguesa portuense expressa-se então nas várias intervenções que a grande maioria delas foi sofrendo ao longo dos séculos, sejam elas intervenções mais simples, como substituição de caixilharia ou mais complexas, como acrescentos de pisos. Neste sentido, trata-se de reconhecer que é “actualmente consensual que os valores de um edifício não se restringem ao seu estado original, correspondente à sua época de construção, englobando também as alterações que este foi sofrendo até ao presente.”⁶³

63. TEIXEIRA, Joaquim – *Salvaguarda e Valorização do Edifício Habitacional da Cidade Histórica - Metodologia de Intervenção no Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto*. Porto: FAUP, 2013, p. 394

Podemos encontrar na casa burguesa portuense alterações que nos remetem para certos períodos do progresso, como o da higienização das cidades, traduzidas na adição de instalações sanitárias na fachada tardoz e a sua ligação à rede pública de esgotos, ou também para o período de introdução da iluminação na via pública e consequente introdução da rede eléctrica nos edifícios. Neste processo de transformação natural dos edifícios serão os mais antigos os que terão sofrido mais alterações.⁶⁴

64. Ibid., p. 395

Durante o período pré-industrial, estas alterações eram realizadas com recurso a materiais e técnicas tradicionais e, dessa forma, a grande maioria das intervenções integravam-se de forma coesa e quase dissimulada no restante corpo edificado. Alterações nos edifícios como a introdução de montras; criação de terraços; reconstrução de fachadas; acrescentos de águas furtadas ou de novos pisos, etc.; tinham pouco impacto no conjunto, devido à utilização dos mesmos materiais e técnicas construtivas que os da sua construção original.⁶⁵

65. Ibid., p. 395

É com o advento da revolução industrial e consequente difusão de novos materiais e técnicas construtivas, que surgem as primeiras alterações que criam incompatibilidades com as pré-existências. Estas alterações criaram então graves anomalias que, em muitos casos, resultaram na perda de elementos de valor arquitectónico de forma irreversível.

Desta maneira se revela a importância do diagnóstico do edifício a intervir, de forma a compreender quais os elementos que contribuem para a valorização do artefacto arquitectónico e quais aqueles que contribuem para a criação de anomalias e patologias no edifício.

Política(s) de património

Na cidade actual, apesar de toda a sua complexidade e velocidade de acontecimentos, continuamos a assistir à transformação desta imagem temporal contínua do que foram as várias fases do ser humano em sociedade. Esta cidade em que hoje vivemos, transformamos e fazemos parte é também reflexo do nosso próprio tempo. O espaço da arquitectura na contemporaneidade está então, como refere Francisco Jarauta, marcado pela “crescente complexidade do mundo actual, tanto no que diz respeito aos aspectos económicos, sociais e culturais, quanto no que se refere à dimensão reflexiva sobre as condições do indivíduo, a sua identidade e as suas derivações cada vez mais complexas num e noutro sentido, a sua inscrição social e os modelos de pertença políticos e culturais, faz com que apareça um espaço diferente, muito mais complexo e é com ele que a arquitectura deve trabalhar.”⁶⁶

Neste sentido, é importante compreender que os fenómenos de transformação a que assistimos hoje na cidade do Porto, principalmente no centro histórico, reflectem mudanças sociais e económicas que vêm acontecendo nos últimos anos. O abandono e afastamento do centro histórico que se foi agravando ao longo de várias décadas levou à degradação de grande parte do património edificado da cidade. Em muitos casos,

66. JARAUTA, Francisco
– *Los Tiempos de la
Arquitectura*, Madrid, 2013,
p. 3 [disponível em [https://
issuu.com/uddfedericosoriano/docs/ud24_t12_impri-
mir_paginas](https://issuu.com/uddfedericosoriano/docs/ud24_t12_impri-
mir_paginas)]

perdeu-se património irreversivelmente e ainda hoje muitos edifícios permanecem degradados.

Desta forma, as opções políticas tiveram uma enorme repercussão no destino não só da cidade do Porto, mas de todas as cidades portuguesas.

*“A política, de facto, constitui aqui o problema das opções. Quem, em última instância escolhe a imagem de uma cidade? A própria cidade, mas sempre e somente através das suas instituições políticas. Pode-se afirmar que esta opção é indiferente; mas seria simplificar obviamente a questão. Não é indiferente; Atenas, Roma, Paris são também a forma da sua política, os sinais de uma vontade.”*⁶⁷

67. ROSSI, Aldo – *A Arquitectura da Cidade*, Lisboa: Edições Cosmos, 2001, p. 241

Assim sendo, a decadência do património edificado portuense deve-se maioritariamente a opções políticas tomadas ao longo das últimas décadas, que fomentaram o abandono dos centros históricos das cidades portuguesas. Certas decisões políticas como o congelamento das rendas durante décadas, o incentivo à construção nova através do fácil acesso a financiamento bancário ou a fiscalização deficitária de imóveis devolutos por longos períodos de tempo⁶⁸ estão entre as que mais contribuíram para a degradação do edificado urbano em Portugal.

68. TEIXEIRA, Joaquim – *Salvaguarda e Valorização do Edificado Habitacional da Cidade Histórica - Metodologia de Intervenção no Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto*. Porto: FAUP, 2013, p. 75

A urgência de reabilitar o edificado das cidades portuguesas persiste, de modo a evitar que se agravem as perdas patrimoniais que têm vindo a acontecer nas últimas décadas. Actualmente, são consensuais os benefícios da reabilitação na vivência da cidade, mas apenas recentemente foram implementados alguns incentivos à reabilitação, sendo que só nos últimos anos Portugal se aproximou das percentagens de reabilitação dos restantes países da Europa.⁶⁹

69. Em 2017, a reabilitação pesava 24,8% nos licenciamentos de edifícios. Dados do INE - Estatísticas da construção e habitação 2017 [disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&publicacoespub_boui=320460729&publicacoesmodo=2]

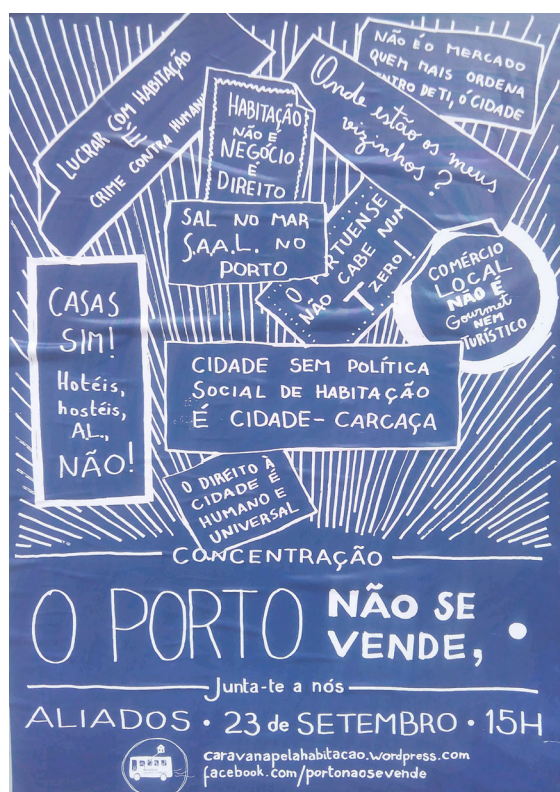
De facto, nos últimos anos, assistimos a uma mudança de paradigma relativamente à reabilitação do edificado do centro histórico do Porto. No entanto, esta mudança, em grande parte catapultada pelo turismo, não tem garantido a salvaguarda do património arquitectónico corrente da cidade e têm sido vários os casos de perdas irreparáveis.

*“De repente, de área deprimida que bateu o fundo em tempos de abandono, o Centro Histórico do Porto converteu-se na zona urbana mais apetecida por investidores locais e globais. O ciclo vicioso da ruína transformou-se em ciclo virtuoso do negócio e, por paradoxo, no meio desta febre imobiliária, persistem instrumentos de política pública de discriminação positiva dos tempos em que era urgente atrair investimento privado e público para áreas urbanas de atractividade quase nula.”*⁷⁰

70. DOMINGUES, Álvaro – “Património: a construção do comum” in *Porto Património Mundial: 20 anos, 20 imagens*. Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2016, p. 27



[.31] Cartaz afixado em varanda do Porto a propósito do Rally de Portugal



[.32] [.33] Cartazes de convocação de manifestações contra a falta de habitação

71. O turismo representa 12,5% do PIB de Portugal, um número que é mais do dobro da média europeia. Desde 2010, o crescimento do peso do turismo na economia foi de 47%. Dados do INE - Inquérito ao Turismo Internacional e da Conta Satélite do Turismo 2017 [disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&destaquesdest_boui=307869082&destaquesmodo=2]

72. CHOAY, Françoise – *Alegoria do Património*, Lisboa: Edições 70, 2018, p. 241

73. ROSSI, Aldo – *A Arquitectura da Cidade*, Lisboa: Edições Cosmos, 2001, p. 242

74. CHOAY, Françoise – *op. cit.*, p. 238

75. *Ibid.*, p. 238

76. TEIXEIRA, Joaquim – *Salvaguarda e Valorização do Edificado Habitacional da Cidade Histórica - Metodologia de Intervenção no Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto*. Porto: FAUP, 2013, p. 2

O turismo tem vindo a tornar-se na actividade económica mais impulsionadora da cidade do Porto e é um exemplo demonstrativo do crescimento do peso do turismo no PIB português.⁷¹ Este crescimento rápido e exponencial reflecte-se de forma profunda não só na reabilitação do património edificado, como a nível socioeconómico, criando conflitos entre população residente e população ambulante.

*“O condicionamento sofrido pelo património urbano histórico tendo em vista o seu consumo cultural, bem como a sua disputa pelo mercado imobiliário de prestígio, tende a excluir dele as populações locais ou não privilegiadas e, com elas, as suas actividades tradicionais e modestamente quotidianas”*⁷²

Esta alteração dos processos sociais urbanos cria dissonâncias profundas na experienciação da cidade, pois “(...) não há transformação urbana que não signifique também transformação da vida dos seus habitantes.”⁷³

Património e turismo surgem então como entidades intimamente ligadas nesta lógica de recuperação do edificado como meio de criação de capital para consumo cultural. Neste sentido, a relação subversiva entre turismo e património resulta num processo de recuperação focado fundamentalmente na sua transformação para fins turísticos. Este tratamento museológico dos tecidos urbanos antigos, pode levar à perda de valores sociais inerentes aos centros históricos.⁷⁴

*“A cidade histórica tanto é, como o monumento individual, transformada em produto de consumo cultural - reutilização ambígua, no melhor lúdica, e que dissimula a sua natureza museológica - como pode ser reinvestida para fins económicos, que beneficiam simbolicamente do seu estatuto histórico e patrimonial, mas sem lhe estar subordinados.”*⁷⁵

Utilizar o património como apenas mais um recurso de exploração turística pode efectivamente resultar na perda de valores arquitectónicos e sociais, que paradoxalmente contribuem para a perda de interesse na cidade como destino turístico. Portanto, o valor do património é mensurável pela sua capacidade de criação de capital, ao invés do seu valor como objecto arquitectónico pertencente a uma memória da cidade.

No que se refere à cidade do Porto, observamos que são vários os exemplos de intervenções contemporâneas no património focadas na transformação “cosmética” do edificado ou “de tendência fachadista, realizadas à escala do quarteirão, de onde decorrem irremediáveis perdas do valor patrimonial deste edificado, com consequências nefastas para a identidade urbana da cidade.”⁷⁶



[.34] Intervenção no quarteirão das Cardosas
Porto Vivo SRU



[.35] Intervenção no quarteirão do Palácio Atlântico
(em construção)

Também a política de reabilitação urbana da cidade, desenvolvida pela Sociedade de Reabilitação Urbana - Porto Vivo, assenta numa lógica de intervenção fachadista, o que significa que são as próprias instituições públicas a promover a destruição do miolo de quarteirões e do tecido tradicional da cidade. Intervenções como a do quarteirão das Cardosas ou do quarteirão do Palácio Atlântico, revelam que a estratégia de reabilitação se baseia “numa lógica de promoção imobiliária determinista, do tipo ‘pronto-a-vestir’, para um cliente abstracto, de médio e alto ‘standard’, em detrimento de um processo de (re)alojamento participado, isto é, ‘feito à medida’ dos velhos e novos cidadãos do centro, e sobretudo dessas classes criativas que o vêm dinamizando, comercial e culturalmente.” ⁷⁷

77. GRANDE, Nuno – “A cidade, entre o efeito Barcelona e o efeito Bilbao” in Revista *Punkto* [disponível em <http://www.revistapunkto.com/2013/04/a-cidade-entre-o-efeito-barcelona-e-o.html>]

78. Expressão utilizada para descrever a proliferação de fogos com tipologias habitacionais de áreas reduzidas como o T0 ou T1

79. Dados do Confidencial Imobiliário/ADENE-Agência para a Energia [disponível em <https://confidencialimobiliario.com/editorial/anoario-imobiliario-energetico/sobre-anoario/>]

Tipologicamente, o modelo que prolifera é o da *t-zerização* ⁷⁸ do edificado urbano, que permite rentabilizar ao máximo o capital investido por metro quadrado. No final do ano 2017, contabilizavam-se no Porto 2926 habitações em fase de licenciamento, sendo que 1777 desses fogos têm tipologias T1 ou inferior, e quase metade são na união de freguesias do centro histórico. ⁷⁹ Estes números ilustram um mercado influenciado pelo crescimento do turismo e das estadias de curta duração, predominado por tipologias de áreas reduzidas. Por consequência, as intervenções nas casas burguesas portuenses têm-se caracterizado pelas necessidades imediatas do mercado, sem ter em conta os seus efeitos a médio e longo prazo na cidade.

Consideramos que uma intervenção contemporânea num edifício antigo, deve ser pensada e projectada numa lógica de transformação justapositiva do edificado, adequando-se às novas formas de habitar da sociedade actual. Como refere Françoise Choay, o objectivo da conservação do património deveria passar pela “conservação da nossa capacidade de lhe dar continuação e de o substituir.” ⁸⁰

80. CHOAY, Françoise – *op. cit.*, p. 268

“A reabilitação não deve ser a máscara (literal) da tragédia (urbana) das cidades actuais, nem o ‘lifting’ cosmético da máquina do turismo. Mas também não será o lugar de um espectáculo estético e nostálgico da memória ou de um passado ao qual já não podemos aceder.” ⁸¹

81. BISMARCK, Pedro Levi – “Para que tudo permaneça igual é necessário que tudo mude?” in Revista *Punkto* [disponível em <http://www.revistapunkto.com/2012/10/para-que-tudo-permaneca-igual-e.html>]

Tal como referido anteriormente, as transformações no edificado sempre foram necessárias, tornando-se bastante comuns ao longo do tempo e tendo contribuído, na generalidade, para o seu enriquecimento enquanto objecto arquitectónico. A reabilitação deve ser, portanto, mais uma intervenção num edifício que se vem moldando ao longo do tempo, de forma a se adaptar à sociedade vigente, não se sobrepondo ao existente.

Construir o construído

“Não creio que seja tão importante falar de reabilitação como da forma de construir na cidade, restaurando umas vezes, e outras projectando obras de raiz, e sempre com a convicção mais profunda do que a cidade representa.

Construir o construído.

Construir com a esperança do futuro.

Construir com a necessidade do presente.

Construir sobre o passado, pois vivemos em cidades do passado e sobre ela ou com ela fazemos a cidade para o futuro e assim foi na História, quase sempre.”

SANDINO, Fernando – *Construir sobre el Pasado*
Sevilha: COAAO, 1988, p. 47

Da ideia instruída

“Cada obra de arquitectura, como sabemos, é sempre primeiramente uma resposta a um problema, a um problema prático bem definido. Toda a boa arquitectura afirma-o com clarividência e tenta demonstrá-lo. É o problema o teste definitivo da obra. O problema prático é o padrão do trabalho bem feito. É o problema prático e não a forma o verdadeiro adversário no trabalho.”⁸²

82. GRASSI, Giorgio –
“Questioni di progettazioni” in *Architettura lingua morta = Architecture dead language*, 9 Quaderni di Lotus, Milano: Electa Spa, 1988, p. 25

A definição do *problema prático* que refere Giorgio Grassi, surge com naturalidade com o desenrolar do processo projectual. E essa primeira problemática foi, efectivamente, a desadequação da volumetria da casa na frente urbana, assim como em termos programáticos. A casa possui quatro pisos, no entanto, apenas dois estão consolidados na frente de rua, sendo o terceiro piso recuado e o piso do sótão apenas iluminado por luz zenital. A alteração programática de um edifício unifamiliar para plurifamiliar, pretendida com a intervenção, implica a transformação do piso do sótão em espaço habitável, sendo que para tal, torna-se necessário elevar a cobertura existente para aumentar o pé direito e desta forma dotar este piso com luz natural através da fachada.



[.36] Casa do Almada e
edifícios envolventes vistos
da Rua do Alferes Malheiro

O desequilíbrio volumétrico também se sente relativamente aos edifícios contíguos, já que estes foram ampliados posteriormente à sua construção, apresentando uma cêrcea bastante mais elevada em relação ao edifício a intervencionar.

No sentido de conferir ao projecto o carácter de uma intervenção justapositiva, torna-se então premente o estudo de metodologias construtivas que sustentem o posicionamento projectual. Tal como Nuno Portas já evidenciara na sua demanda pelo direito à arquitectura na cidade, no livro *A Cidade como Arquitectura*, originalmente publicado em 1969 - “os arquitectos, (...) se quiserem re-dar qualidade à cidade da era da técnica e dos técnicos e dos fenómenos complexos de cuja solução há que dar conta, terão de abalançar-se a um intenso esforço de estudo, a modificar a sua formação, re-formulando corajosamente o seu lugar na edificação da cidade.”⁸³

83. PORTAS, Nuno – *A Cidade como Arquitectura*, Lisboa: Gradiva, p. 16

Pretende-se então, como exercício projectual, que seja a própria cidade, o *lugar*, a contribuir como elemento de estudo para a concepção e elaboração da proposta.

Esta ideia de *lugar*, como parte do processo de projecto, orienta-se face à necessidade da busca de significado em arquitectura. Significado esse que se relaciona com a ordem ou configuração da realidade como objectivo da arquitectura.⁸⁴ Assim sendo, a referenciação do lugar no projecto não se deve impor ao desenho da forma urbana, mas antes focar-se na apreensão do seu contexto.

84. de las RIVAS, Juan Luís – *El espacio como lugar: sobre la naturaleza de la forma urbana*, Valladolid: Universidad, 1992, p. 17

*“A relação com o lugar só pode mover-se no âmbito da liberdade, do que pode ser de várias maneiras, do possível. E aqui é onde a poética do lugar tem o potencial de gerar uma acção, que sem renunciar a autonomia do seu próprio processo, esteja dotada de significado.”*⁸⁵

85. Ibid., p. 17

No fundo, trata-se de reconhecer a contribuição da morfologia urbana portuense, da tradição local, em detrimento de modelos académicos pré-estabelecidos, escapando a seducções de modelos formais ou mesmo tipológicos.⁸⁶

86. PORTAS, Nuno – “Meia dúzia de questões sobre uma certa arquitectura, a melhor, do Porto” in *Onze arquitectos do Porto: Imagens recentes*, Porto: Livraria Leitura, 1983

O processo pretende ajustar a estrutura projectual às condicionantes do contexto, sendo que essa postura passa inevitavelmente pela compreensão dos espaços e pelo respeito pela perenidade dos lugares no processo da continuidade. *“Nunca há rupturas absolutas, ‘em arquitectura, ninguém inventa nada!’”*⁸⁷

87. SALGADO, José in *Álvaro Siza: A Reconstrução do Chiado - Lisboa*, Lisboa: Livraria Figueirinhas, 2000, p. 173

Neste sentido, a intervenção nos dois últimos pisos implica uma primeira reflexão e posicionamento crítico relativamente a metodologias de transformação na casa burguesa portuense. De forma a tomar decisões projectuais fundamentadas, a compreensão dos métodos construtivos e práticas tradicionais assume um papel preponderante na resposta a esta problemática projectual. Deste modo, o processo projectual assume então um carácter de investigação de metodologias, tanto de alterações tradicionais como contemporâneas.

Se num primeiro debruçar sobre o exercício de projecto, e numa postura mais conservacionista, se considera a opção de manter o recuado do terceiro piso, após uma reflexão mais instruída e informada sobre métodos de ampliação tradicionais, tornou-se inevitável a opção de deslocar o terceiro piso para o mesmo plano da fachada original.

*“É certo que um projecto parte sempre de uma ideia intuída, independentemente do conhecimento mais ou menos profundo de objectivos e de condicionantes. Mas dessa intuição só pode nascer uma subjectiva (imperfeita ou incompleta) partitura. No desenvolvimento dos temas se vai conformando um apoio interior, subjacente, ao qual sempre se regressa, mesmo se por oposição.”*⁸⁸

88. SIZA, Álvaro – “Pedem-me para falar do Chiado”, pub. 1988 in *01 textos* - Álvaro Siza, 2009, p. 53

A decisão projectual que estipula a acção a empreender sobre esta problemática - entre a manutenção do plano recuado, ou o seu reposicionamento no plano da fachada - estabelece o dilema entre a “intuição” e a “instrução”, constituindo-a como paradigma fundamental para o arranque do exercício de projecto. Este dilema, repleto de avanços e recuos, foca-se na dicotomia entre uma posição de conservação museológica ou de justaposição de intervenções na contribuição para o valor arquitectónico do edifício. Num olhar mais precoce e apreensivo, a atitude projectual mais “confortável” seria manter a fachada recuada, o que evidencia a importância da investigação e estudo de metodologias e morfologias urbanas na reflexão projectual.

Deste modo, a investigação projectual focou-se na procura de exemplos e referências pela cidade do Porto, que se enquadrassem na problemática da ampliação de dois pisos em casas burguesas.

Contudo, as ampliações de dois pisos na fachada não são comuns no edificado portuense. Existem inúmeros casos de ampliação de um piso, que são tradicionalmente resolvidos através do recuo da fachada ou com recurso a águas furtadas. Contudo, neste caso específico, existe a necessidade de conformar dois pisos, o que implicaria uma intervenção mais profunda.

Metodologias de ampliação na casa burguesa

*“Para avaliar uma cidade como espaço organizado, apenas uma solução: percorrê-la, vivê-la, deambular pelas suas ruas, descer as suas encostas, subir aos seus pontos mais altos, habitar as suas casas, senti-la como organismo vivo que não pára, que dia-a-dia se altera.”*⁸⁹

89. TÁVORA, Fernando
– “Do Porto e do seu Espaço” in *Comércio do Porto, Suplemento de Cultura e Arte*, 1954, p. 6

A investigação de metodologias surge como uma necessidade de procura por referências projectuais que possam contribuir para a concepção da solução para o objecto de estudo. Deste modo, o conhecimento empírico adquire uma importância relevante no processo projectual, partindo da experiência sensorial. Como refere Juhani Pallasmaa, *“eu experiencio-me na cidade e a cidade existe através da minha experiência incorporada. (...) Eu habito na cidade e a cidade habita em mim”*.⁹⁰

90. PALLASMAA, Juhani
– *The eyes of the skin: architecture and the senses*, Chichester: John Wiley & Sons, 2005, p. 40

Como forma de reconhecimento do lugar em que a casa se insere, avançamos de modo quase deambulante e à *deriva*, num percurso fragmentado pelas ruas da cidade do Porto, que permitisse encontrar chaves para o desbloqueamento do pensamento projectual.

*“A deriva é uma acção de exploração do território, uma acção que não anula de nenhum modo a vontade e que é empreendida com uma finalidade basicamente epistemológica. O mais característico da deriva é que é o próprio território que guia a conduta de quem deriva, como quem o invocara, como quem o solicitara.”*⁹¹

91. PLA, Maurici – “Derivas, contenedores, tempestades: arquitecturas sin ancla” in *La arquitectura a través del lenguaje. Escritos 1982-2002*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006, p. 45

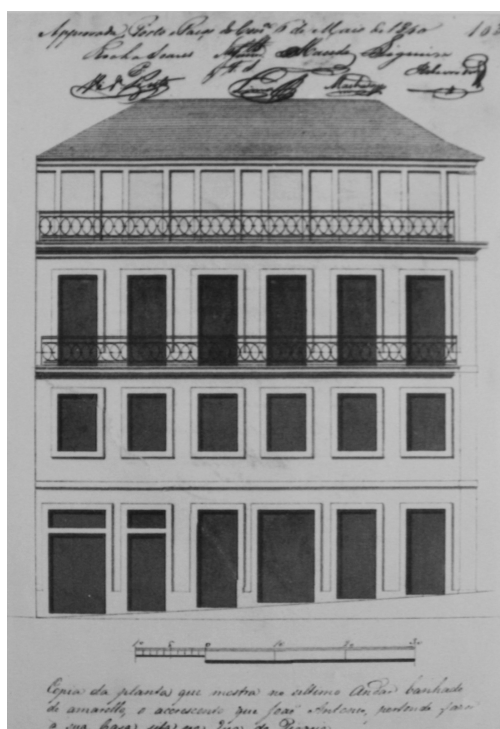
A partir deste processo, a primeira fase da investigação foca-se nas ampliações com recurso a recuados ou acrescentos de dois pisos, de forma a perceber de que modo estes exemplos contemporâneos resultariam no plano do real. A segunda fase tem como objectivo a compreensão dos métodos tradicionais de ampliação, sejam eles no plano da fachada, recuados ou com recurso a águas furtadas.

A demanda por estes exemplos não tem imposições de linguagem ou época de construção, portanto qualquer edifício que se enquadre nestes critérios é susceptível de análise. Dentro dos inúmeros exemplos encontrados, foram seleccionados alguns que mais adequadamente transmitem o resultado pretendido com a investigação.

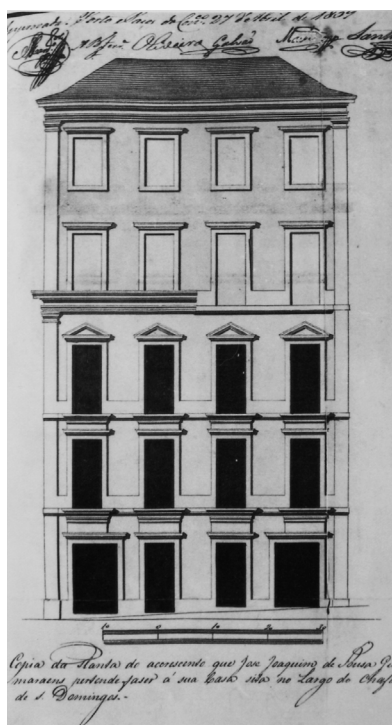
Em suma, os exemplos foram escolhidos de modo a reflectir da melhor forma uma retrospectiva do significado deste processo de *deriva* no decorrer do projecto.



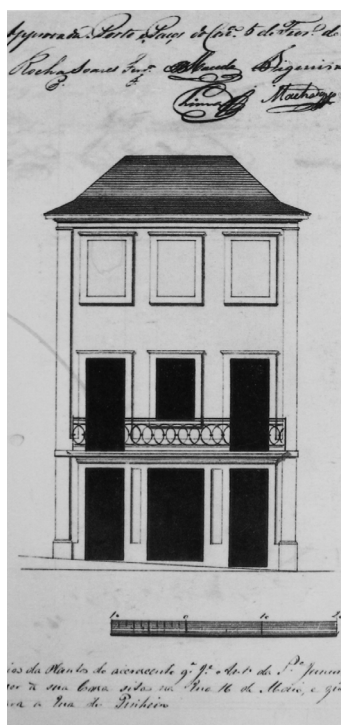
[.37]



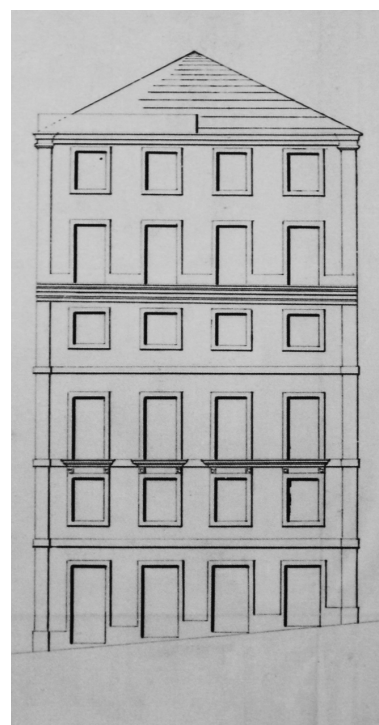
[.38]



[.39]



[.40]



[.41]

Para uma melhor compreensão da investigação, procede-se então à classificação dos exemplos em duas categorias distintas. A primeira categoria compreende apenas ampliações consideradas contemporâneas, sendo qualquer intervenção posterior a meados do séc. XX. E a segunda, ampliações tradicionais, consideradas como intervenções com recurso a técnicas construtivas semelhantes às do edifício original e anteriores a meados do séc. XX. Paralelamente a este momento do trabalho, apresentamos um registo fotográfico de edifícios considerados exemplificativos das situações apresentadas de seguida.

Nas intervenções contemporâneas, a investigação divide-se em três situações:

- Ampliação de dois pisos no plano da fachada; [.42]
- Ampliação de dois pisos com recurso a recuados; [.43][.44]
- Ampliação de um piso no plano da fachada. [.45][.46][.47]

Nas intervenções tradicionais, distinguimos também três situações:

- Ampliação com transformação da cornija em sacada; [.48][.49][.50]
- Ampliação com transladação da platibanda para o piso superior; [.51]
- Ampliação com recurso a recuado coberto ou descoberto. [.52][.53]

No sentido de compreender certas regras de composição de acréscimos nas fachadas da habitação almadina, o autor Luís Berrance ⁹² procede à classificação de cinco situações distintas, de forma a explorar algumas das suas capacidades de integração na fachada:

1. Repetição integral dos pisos anteriores, com transladação da cornija ou platibanda [.37];
2. Repetição integral dos pisos anteriores, ficando a composição do acréscimo independente da fachada, transformando a cornija em sacada [.38];
3. Acréscimo com duas soluções possíveis: por repetição integral do piso anterior ou tornando-se independente através de uma cornija ou sacada [.39];
4. Solução de acréscimo, fundindo-se no alçado existente, através de um ático que encerra a estrutura compositiva inicial [.40];
5. Solução com acréscimo de dois pisos, repetindo a estrutura compositiva dos dois pisos anteriores, ficando estes independentes da composição inicial do alçado [.41].

Esta tipificação pretende indicar certas práticas comuns na ampliação das fachadas almadinas, exemplificadas através dos desenhos de licenciamento desses mesmos acréscimos. No entanto, o estudo de Luís Berrance, através da apresentação de vários exemplos, destaca a variabilidade de soluções nas técnicas tradicionais de acréscimo de pisos nas casas burguesas portuenses.

92. BERRANCE, Luís – *Evolução do desenho das fachadas das habitações correntes almadinas: 1774-1844*, Porto: Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1993, pp. 61-66



[.42] Rua do Almada



[.43] Rua da Boavista



[.44] Rua da Boa Hora



[.45] Rua do Almada



[.46] Rua do Breiner



[.47] Rua do Almada



[.48] Rua do Almada



[.49] Rua do Almada



[.50] Rua do Almada



[.51] Rua do Almada



[.52] Rua de Cedofeita



[.53] Rua do Almada

A fachada como complemento urbano

*“Didacticamente, mas também cientificamente (...), a análise urbana fornece um quadro das relações, ou seja, das leis possíveis que vêm a estabelecer-se entre uma intervenção e o que a rodeia, entre o projecto e o lugar, quer no sentido de que este pode influenciar aquele, quer no sentido de que aquele pode pressupor este.”*⁹³

O facto do projecto da casa do Almada originar de um cliente específico e para usufruto privado, não isenta o arquitecto da sua responsabilidade e do impacto da intervenção no meio urbano construído. O reconhecimento da relação entre casa e cidade, enquanto realidades que se relacionam directamente, sustenta assim uma intervenção arquitectónica que conforme

93. AYMÓNINO, Carlo – *O Significado das Cidades*, Lisboa: Editorial Presença, 1984, p. 212

e construa cidade, e que dessa forma encaminhe a resposta projectual para uma proposta arquitectónica que se integre nas volumetrias e linguagens envolventes.

A solução arquitectónica pretende então a procura de uma resposta harmoniosa em relação à dicotomia entre as pretensões do cliente e a realidade colectiva, o território.

*“A cidade é a nossa memória colectiva. Permanecendo servos desta lógica, ou aceitando a nossa servidão, talvez possamos deixar a arquitectura servir novamente um propósito comum.”*⁹⁴

94. LERUP, Lars – *Building The Unfinished*, California: Sage Publications, 1977, p. 161

Deste modo, a intervenção na fachada frontal do edifício é uma das problemáticas mais sensíveis de todo o projecto, pois afecta a memória colectiva da sociedade no sentido que “(...) segundo uma convenção desde sempre usada na cidade, a fachada pública de uma casa não pertence apenas ao proprietário mas também ao passante.”⁹⁵

95. HUET, Bernard – “La città come spazio abitabile: Alternative alla Carta di Atene” in *Lotus International* n° 41, Milão, 1984, p. 15

Neste contexto, é fundamental a sua integração de forma harmoniosa na frente urbana, tanto a nível de linguagem como de escala. Mais do que uma expressão do espaço interior arquitectónico, as fachadas dos edifícios possuem uma importância e significado intrínseco como complemento do espaço urbano público.⁹⁶

96. FERNANDES, Francisco Barata – *Transformação e permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade*. Porto: Faup Publicações, 1999, p. 308

Retomando o tema do *locus*, da relação do lugar com o edifício e do edifício com o lugar, convém ressaltar o vínculo fundamental entre estas duas entidades como estímulos interdependentes no equilíbrio da cidade. De outro modo, como nos explica Fernando Távora, “(...) a relação de um edifício com o seu sítio é de importância capital e embora normalmente, e sob o ponto de vista da dimensão, o sítio predomine sobre o edifício, a verdade é que este embora pequeno, pode destruir totalmente aquele, quando o que seria de desejar era a obtenção de um equilíbrio harmónico entre os dois elementos em presença.”⁹⁷

97. TÁVORA, Fernando – *Da organização do espaço*, Porto: Faup Publicações, 2006, p. 59

Após a investigação sobre metodologias de intervenção nas fachadas do edificado portuense, importa articular o observado, reconhecer o que foi visto, de maneira a elucidar a *experiência incorporada*. Isto é, “a experiência necessita da capacidade de ver, que significa articular, reconhecer o observado. O ver é sempre uma leitura articulada do que há, (...) mas também, é guiado pelas suas próprias antecipações (...)”⁹⁸

98. de las RIVAS, Juan Luís – *El espacio como lugar: sobre la naturaleza de la forma urbana*, Valladolid: Universidad, 1992, p. 42

A observação destes fragmentos de cidade apresentados no ponto anterior, indicam-nos possíveis caminhos para a resposta ao *problema prático*.



[.54] Fotomontagem da
ampliação de pisos na
fachada

99. SIZA, Álvaro – *Imaginar a evidência*, Lisboa: Edições 70, 2006, p. 139

*“Aprender a ‘ver’ é fundamental para um arquitecto, existe uma bagagem de conhecimentos aos quais inevitavelmente recorreremos, de modo que nada de quanto fazamos é absolutamente novo.”*⁹⁹

O reconhecimento do valor das técnicas tradicionais de ampliação como método integrador de forma quase dissimulada no edifício existente, sugere uma possível estratégia como matéria da intervenção. Referimo-nos especificamente à adaptação da cornija para sacada e, neste caso, a consequente transladação da platibanda para o piso superior.

*“As intervenções, sejam elas pontuais ou mais intensamente unitárias, significam sempre a tentativa de reler esta realidade construída existente para intervir sobre ela com um instrumento, o projecto de arquitectura, para, através desta intervenção conseguir a unificação do espaço da cidade.”*¹⁰⁰

100. SOLÀ-MORALES, Ignasi – “Teorías de la intervención arquitectónica” in *Intervenciones*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006, p. 18

Esta estratégia projectual procura dialogar com a preexistência e manifesta-se através da aprendizagem de metodologias do passado e da sua asserção como matéria da intervenção.

*“O projectista não está livre, de facto, das formas do passado (...), menos ainda da disponibilidade destas formas como materiais estruturados em modelos tipológicos. Mais, quando se pensa que estamos ‘livres’, o que acontece é que estamos perdendo o controlo sobre um sector notavelmente activo da nossa imaginação e, sobre tudo, do nosso poder de comunicar com os outros.”*¹⁰¹

101. PORTAS, Nuno – “Arquitectura: Forma de Conhecimento - Forma de Comunicação” in *Arquitectura(s): Teoria e Desenho, Investigação e Projecto*, Porto: Faup Publicações, 2005, p. 32

A adopção desta solução procura a integração deste novo piso nos ritmos, proporções e materiais presentes na envolvente da rua do Almada. O desenho do novo piso alinha-se com a cornija do edifício gémeo contíguo, sendo que a transladação de elementos distintos de valor arquitectónico, como as cornijas de pedra ou a platibanda com balaústres cerâmicos, permite a sua integração e manutenção no novo alçado.

*“Na realidade, todo o problema da intervenção é sempre um problema de interpretação de uma obra de arquitectura já existente, porque as possíveis formas de intervenção que se colocam, são sempre formas de interpretar o novo discurso que o edifício pode produzir.”*¹⁰²

102. SOLÀ-MORALES, Ignasi – *op. cit.*, p. 15

O acabamento rebocado deste novo elemento da fachada, em oposição aos dois pisos originais revestidos a azulejo, reflecte uma tentativa de diferenciação subtil entre a intervenção posterior e os dois pisos originais. Com isto, pretende-se declarar uma certa hierarquia entre estes dois elementos, optando-se pela não reprodução de azulejos, de forma a marcar a posterioridade da intervenção.

III.

CASA, CONTÁGIO E DESENHO

“No projecto, o sujeito investiga-informa-conflitua a partir do real, a partir das condições materiais de produção dos fenómenos: no mundo empírico circunstante liberta poeticamente a imaginação e aí recolhe os materiais a interpretar para a construção da arquitectura (...).

O acto criativo interroga e estabiliza, caso a caso, a expressão prospectiva e propositiva do desenho, valorizando a individualidade do gesto, e simultaneamente, o conhecimento como inteligência prática da condição oficial do projecto que, na distância à realidade, orienta e provoca o espaço (d)e invenção.”

MENDES, Manuel - “Terra quanto vejas, casa quanto baste”
in *Só Nós e Santa Tecla*, 2008, p.126

A condição evolutiva da casa burguesa

“A casa estreita, alta e independente do Porto, a casa vulgar de três janelas de frente e três andares de alto, surge assim, sob o impulso de razões históricas, económicas e sociais, como desenvolvimento das primitivas casas do burgo medieval, tendo-se enriquecido com todos os elementos que em seguida foi assimilando, tendo-se adaptado a novas circunstâncias e técnicas, e generalizado de modo quase absoluto na cidade (...).”

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de – *Arquitectura tradicional Portuguesa*
Lisboa: Dom Quixote, 1992, pp. 345-347

Modelos de transformação tipológica

No capítulo anterior, descrevemos sucintamente algumas das características tipo-morfológicas da casa burguesa portuense. No âmbito geral, a casa burguesa sempre foi de índole unifamiliar, sendo caracterizada pelo seu uso misto de comércio ou serviços no rés-do-chão e habitação nos pisos superiores. No entanto, são vários os casos que demonstram que desde finais do séc. XVII e inícios do séc. XVIII,¹⁰³ a casa burguesa já demonstrava a sua capacidade de adaptação, sendo transformada de casa unifamiliar para plurifamiliar.

103. FERNANDES, Francisco Barata – *Transformação e permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade*. Porto: Faup Publicações, 1999, p. 226

104. Edifícios de grandes dimensões e de tipologia plurifamiliar, construídos de forma sistematizada para alojar diversas famílias em regime de arrendamento, desenvolvido em Lisboa entre os séc. XVIII e XIX.

Na época das transformações urbanas almadinas, as tipologias da casa portuense que estiveram na base da execução dos programas urbanísticos, embora inovadoras do ponto de vista formal, mantiveram o seu esquema organizativo anterior. Enquanto que em Lisboa, as normativas pombalinas para a transformação da cidade incluíram a utilização de novas tipologias urbanas como os denominados *prédios de rendimento*,¹⁰⁴ no Porto, salvo raras excepções, a expansão urbana almadina parece ter-se efectuado com



[.55] [.56] [.57] Fotografias do levantamento das condições de habitabilidade, "Estudo de Renovação Urbana do Barredo"

105. FERRÃO, Bernardo José – *Projecto e Transformação Urbana do Porto na Época dos Almadás, 1758-1813: Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*. Porto: Faup Publicações, 1997, p. 219

106. FERNANDES, Francisco Barata – *op. cit.*, p. 367

107. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de – *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 345

108. FERNANDES, Francisco Barata – *op. cit.*, p. 226

109. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de – *op. cit.*, p. 299

110. FERNANDES, Francisco Barata – *op. cit.*, p. 226

base nos anteriores tipos tradicionais.¹⁰⁵ A burguesia portuense, também por influência da cultura britânica, prefere o investimento em *casas de rendimento em série* ao invés dos *prédios de rendimento*.¹⁰⁶

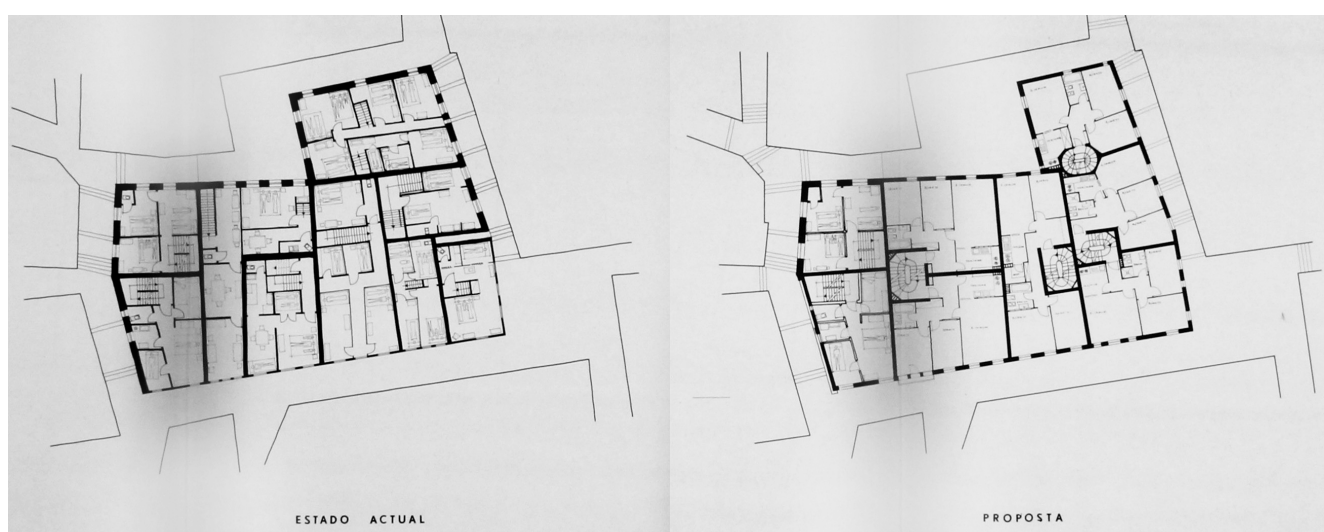
*“E sem negarmos de modo nenhum o seu profundo e generoso sentido de liberdade, (...) diremos que, não foi o seu sentido de independência que levou o Portuense durante tanto tempo a preferir casas independentes, mas, pelo contrário, o facto de ter vivido sempre em casas que eram independentes por imposições funcionais e culturais, que criou nele esse desejo e aparente necessidade de independência habitacional, que fez com que julgasse que só nessas se sentia bem.”*¹⁰⁷

Foi então, essencialmente por razões culturais que, mesmo em operações urbanísticas planeadas como as dos Almadás, a morfologia e tipologia da casa burguesa se manteve como dominante no desenho urbano. A persistência do lote estreito limitava, por exemplo, a difusão de modelos plurifamiliares que se baseavam na adaptação de palácios, cuja dimensão permitia albergar várias famílias, que já eram bastante comuns em várias cidades do sul e centro da Europa, principalmente em Itália. No Porto, os palácios dos nobres ou da alta burguesia localizavam-se preferencialmente em ambiente rural e não abundavam no centro da cidade.¹⁰⁸

O Porto distanciava-se então das soluções fundamentais de habitação citadina das cidades do tipo europeu, cuja combinação nos largos prédios comuns, de grande número de pisos, faz os conjuntos ordenados e as perspectivas unitárias. *“O Porto é uma cidade grande, feita de casas pequenas e irregulares - e, aqui e além -, uns raros palácios discretos.”*¹⁰⁹

Deste modo, as primeiras adaptações do edificado portuense para habitação plurifamiliar surgem fundamentalmente da sobreocupação de casas burguesas, de forma a dar resposta às carências habitacionais no centro da cidade, através do subarrendamento de pequenos espaços dentro das próprias casas. Tratavam-se de adaptações progressivas, normalmente de carácter precário e provisório, que visavam fornecer habitação aos habitantes com menos recursos económicos da cidade.¹¹⁰

No “Estudo de Renovação Urbana do Barredo”, realizado em 1969 e coordenado pelo arquitecto Fernando Távora, podemos observar que muitas dessas soluções de adaptação se mantinham. O estudo demonstrava que a sobreocupação e as condições precárias ainda subsistiam no centro histórico àquela época, mas demonstrava também a flexibilidade e adaptabilidade das soluções que a casa burguesa pode compreender.



[.58] [.59] [.60] Desenhos de levantamento e das propostas de intervenção, "Estudo de Renovação Urbana do Barredo"

O estudo tinha como finalidade a caracterização da morfologia física e social do lugar, isto é, além do levantamento do tecido construído, pretendia também fazer uma análise do tecido demográfico. E foi neste aspecto que a proposta se distinguiu de muitas propostas anteriores para a resolução da sobreocupação da zona da Ribeira-Barredo. O estudo propunha a conservação do edificado urbano, bem como a manutenção dos habitantes e melhoria das suas condições de habitabilidade, considerando que estes dois aspectos eram indissociáveis para a preservação do património cultural e arquitectónico da cidade.¹¹¹ Neste sentido, a proposta de Fernando Távora revelou-se inovadora, por propor a reabilitação da cidade em várias dimensões e como “um processo dinâmico, seguro e permanente de renovação a todos os níveis, dando portanto à palavra renovação o seu verdadeiro sentido que é o de continuar-inovando, num movimento constante de modificação para melhorar condições, mas respeitando os valores positivos que por ventura possam existir e que não deverão, portanto, ser destruídos.”¹¹²

111. TEIXEIRA, Joaquim – *Salvaguarda e Valorização do Edificado Habitacional da Cidade Histórica - Metodologia de Intervenção no Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto*. Porto: FAUP, 2013, p. 113

112. TÁVORA, Fernando – *Estudo de renovação urbana do Barredo*, Porto: Câmara Municipal do Porto, 1969, p. 33

As adaptações para casas plurifamiliares surgiram então através da permanência da caixa de escadas, normalmente localizada numa posição central, mas também em alguns casos de casas *mercantis*, localizada na extremidade posterior do lote. Desta forma, as características organizacionais da casa burguesa, como a centralidade dos acessos verticais, favorecem a divisão do piso em dois espaços para cada uma das frentes.¹¹³

113. FERNANDES, Francisco Barata – *op. cit.*, p. 228

Como é referido no primeiro capítulo “Aproximações ao objecto”, a casa do Almada, manteve o seu carácter unifamiliar e exclusivamente habitacional desde a sua origem, possuindo apenas uma cozinha no 2º piso e uma instalação sanitária por piso, tendo estas sido adicionadas posteriormente. Desta forma, a disposição existente da casa não é compatível com as pretensões da cliente, nem com os padrões de habitabilidade da actualidade. Assim sendo, a intervenção contempla a adaptação da casa para um edifício plurifamiliar, bem como a transformação do piso do rés-do-chão num espaço comercial.

A manutenção do património de valor arquitectónico da casa assume-se, desta forma, como uma das premissas fundamentais da intervenção. Para tal, a adaptação programática da casa terá sempre em conta a preservação dos elementos arquitectónicos e construtivos que a definem como casa burguesa portuense.

Programa e permanência na forma da casa

*“Consideram-se elementos de valor arquitectónico e construtivo dos edifícios antigos todos os materiais, sistemas e técnicas construtivas que integram a sua construção, e que, na sua coerência formal, se revelam determinantes para a salvaguarda da sua autenticidade e integridade, enquanto objectos representativos de épocas passadas.”*¹¹⁴

A excepionalidade da cliente do projecto permite, à partida, um debate mais aberto em relação à definição do programa e das tipologias habitacionais a implementar na intervenção do edifício. De forma a cumprir a premissa da salvaguarda dos elementos de valor arquitectónico e construtivo do edifício, a deliberação das tipologias habitacionais assume um papel de extrema relevância.

O processo projectual estabelece então um caminho de distanciamento relativamente aos modelos tipológicos mais difundidos no cenário actual de reabilitação na cidade. O objectivo era criar soluções que permitissem uma

114. TEIXEIRA, Joaquim – *Salvaguarda e Valorização do Edifício Habitacional da Cidade Histórica - Metodologia de Intervenção no Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto*. Porto: FAUP, 2013, p. 378

maior pluralidade tipológica, de maneira a garantir uma maior diversidade de usos no edifício. A não priorização da criação de capital imediato e da monofuncionalidade cria condições mais favoráveis ao desenvolvimento de um projecto equilibrado e diversificado.

*“De facto, as novas tipologias de habitação urbana têm sempre como primeira solução o tema da recuperação arquitectónicas e o do reaproveitamento. Talvez tenha aqui nascido, para a tradição portuense, o significado moderno e operativo da preexistência arquitectónica.”*¹¹⁵

115. FERNANDES, Francisco Barata – *op. cit.*, p. 231

A recuperação das preexistências é então uma premissa fundamental da intervenção, no entanto, o papel que estas desempenham vai para lá da mera recuperação, pois definem-se como um elemento catalisador de projecto.

*“Falar de transformação implica aceitar o facto de que partimos sempre de algo preexistente, de algo que, quando se transforma, mantém algumas invariantes como elementos de continuidade.”*¹¹⁶

116. ARÍS, Carlos Martí – “El concepto de transformación como motor del proyecto” in *La Cimbra y el Arco*, Madrid: Fundación Caja de Arquitectos, 2008, p. 39

Segundo esta lógica, as invariantes da preexistência assumem de facto uma função impulsionadora para o processo de transformação, pois “ao contrário do que se poderia esperar, a transformação de uma situação existente não supõe, no geral, uma restrição mas sim um estímulo”.¹¹⁷

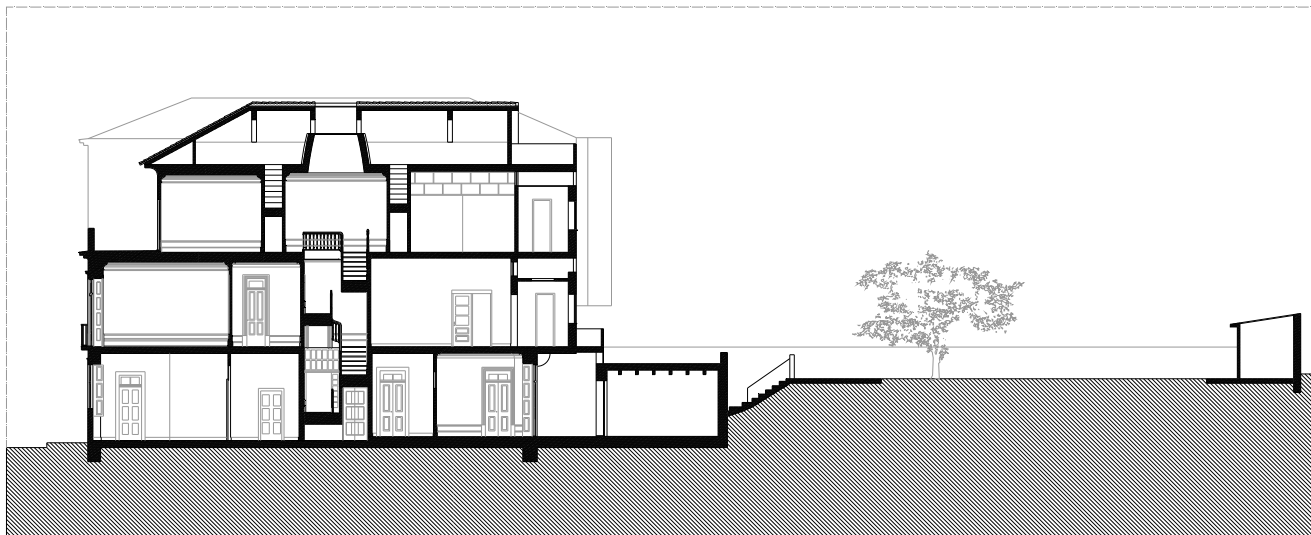
117. *Ibid.*, p. 49

A partir desta proposição, são então as condicionantes físicas do edifício que definem as bases do programa e não o contrário.

A primeira condicionante física do edifício é a persistência do carácter habitacional no rés-do-chão em contacto com a rua. A índole tradicionalmente comercial da Rua do Almada conduz, naturalmente, a uma reflexão sobre a manutenção deste uso.

A propósito da condição evolutiva da casa burguesa, percebe-se que o vão do rés-do-chão do edifício já vem preparado para uma eventual transformação deste espaço em comércio ou serviços. Esta asserção advém do facto de que as pedras que conformam a parte inferior do vão da janela de peito existente serem duas peças geometricamente definidas e mais estreitas do que as pedras da restante fachada. Posto isto, estas duas pedras estão pensadas para a possibilidade da sua remoção, permitindo a criação de uma porta com relativa facilidade. [.62]

Tendo em conta estas variantes, aliadas ao facto do rés-do-chão não garantir a privacidade e salubridade pretendidas para uma habitação, procede-se à alteração programática do edifício, tendo em vista a transformação de uso



[.61] Corte longitudinal
do existente



[.62] Abertura da porta
no vão do rés-do-chão

do piso térreo (com a excepção do corredor de acesso à caixa de escadas) para fins comerciais ou de serviços.

A segunda condicionante é a localização da escadaria de acesso vertical numa posição central, fraccionando o edifício em dois espaços para cada frente, de rua e de logradouro. [61] De forma a salvaguardar os elementos de valor do edifício como as portas, rodapés e tectos com ornamentos em gesso, procede-se à delimitação destes dois espaços no 1º piso, como duas habitações distintas. No 2º piso, onde está localizada a clarabóia e termina o acesso vertical comum, a solução para criar habitações com maior área passou por aproveitar as escadas de acesso ao sótão e desta maneira criar duas habitações que se desenvolvem em dois pisos para cada frente. As zonas comuns, como a sala e cozinha, desenvolvem-se no 2º piso e a zona dos quartos, no 3º piso da casa.

Assim se definiu o programa da intervenção, tendo como premissa as condicionantes que conformam o edifício. Desta forma, no rés-do-chão desenvolvem-se os acessos às habitações e ao logradouro, assim como um espaço comercial, sendo que nos pisos superiores se desenvolvem quatro fogos habitacionais. Mantém-se como premissa a preservação dos elementos de valor arquitectónico, porém, com a noção de que as formas de habitar contemporâneas abrangem necessidades completamente distintas das existentes à época de construção da casa.

*“O sentido evolutivo do facto arquitectónico, condição da existência no tempo, resulta da sua capacidade de responder às solicitações culturais das várias épocas e à forma como as sociedades reinterpretem as possibilidades formais e espaciais que contêm.”*¹¹⁸

Fernando Távora, no texto “O Problema da Casa Portuguesa” de 1947, reflecte sobre os perigos da romantização do passado na concepção de casas constemporâneas, - *“As casas de hoje terão de nascer de nós, isto é, terão de representar as nossas necessidades, resultar das nossas condições e de toda a série de circunstâncias dentro das quais vivemos, no espaço e no tempo.”*¹¹⁹

O facto de não se reconhecer as mudanças da contemporaneidade resulta na possível submissão a motivos do passado, constringindo o processo projectual e, nesse sentido, Távora acrescenta que os “homens que tanto acreditaram e tanto se prenderam com a história não souberam colher dela qualquer fruto, pois a História vale na medida em que pode resolver os problemas do presente e na medida em que se torna um auxiliar e não uma obsessão.”¹²⁰

118. TOMÉ, Miguel – *Património e restauro em Portugal (1920-1995)*, Porto: Faup Publicações, 2002, p. 15

119. TÁVORA, Fernando – “Para uma arquitectura portuguesa de hoje” - *O Problema da Casa Portuguesa* in Fernando Távora (ed. Luiz Trigueiros), Lisboa: Blau, 1993, p. 12

120. TÁVORA, Fernando – “Falsa Arquitectura”, *op. cit.*, p. 12

Tradição e modernidade

“Creio que a arquitectura popular em todos os países parte de premissas muito concretas e realistas, e tem sempre uma dignidade que carece em muitas obras da arquitectura moderna.(...) Acho que a cada dia, o progresso reduz cada vez mais estas virtudes eternas e acredito que somos nós arquitectos os que devem trabalhar para que estas virtudes básicas não se percam. Está nas nossas mãos a possibilidade do progresso, (...) conservando a qualidade humana que tinham as construções populares de outras épocas. Um dos problemas mais importantes para um arquitecto moderno é o tornar compatível o progresso com a humanidade que irradia das velhas construções.”

CODERCH, Josep Antoni – “Historia de unas castañuelas” pub. 1967
in J. A. Coderch de Sentmenat 1913-1984, p.207

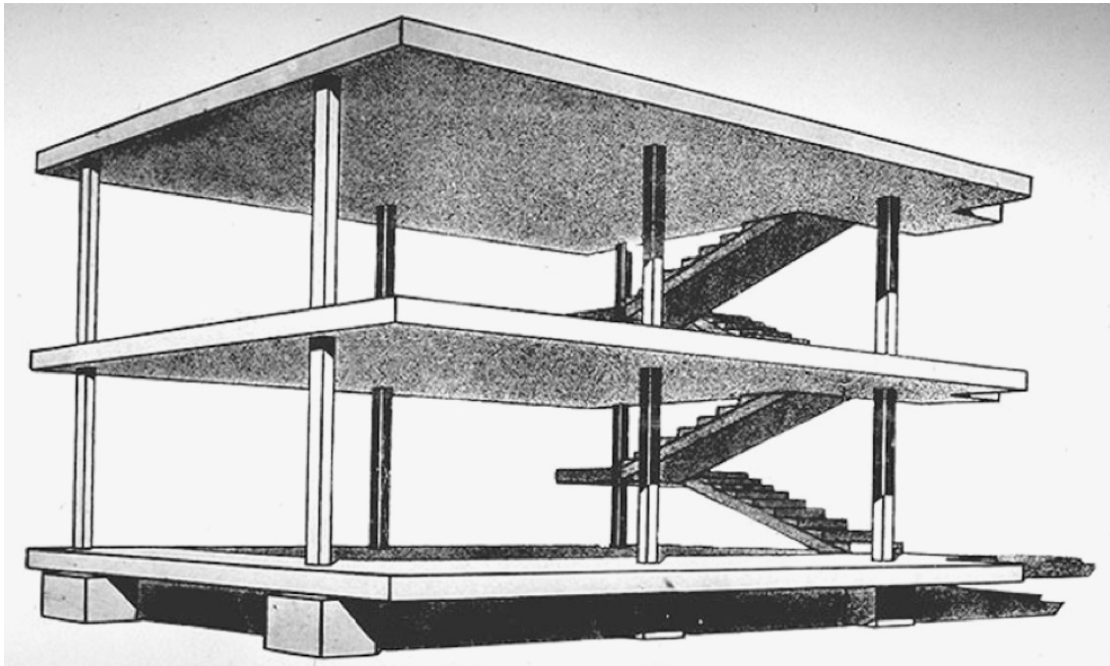
Ruptura ou continuidade

Desde o início do séc. XX que a cidade tem sido sujeita a uma tremenda transformação, coincidente com um novo contexto social que surge essencialmente da revolução industrial, na qual existia uma necessidade de dar resposta a novas relações sociais e de produção. Sendo que “a concentração da população acompanha a dos meios de produção”,¹²¹ a deslocalização da produção para os aglomerados urbanos, resultou numa

121. LEFEBVRE, Henri
– *The Urban Revolution*,
Minneapolis: University of
Minnesota Press, 2003,
p. 17



[.63] Le Corbusier
Plan Voisin
 Paris, França
 1925



[.64] Le Corbusier
Les Maisons Dom-ino
 1914-15

122. Referência a expressão utilizada por Henri LÉFEBVRE no livro "A Revolução Urbana" de 1970, para se referir à crescente urbanização da sociedade - "Vou começar com a seguinte hipótese: a sociedade foi completamente urbanizada. Esta hipótese implica uma definição: uma 'sociedade urbana' é uma sociedade que resulta de um processo de completa urbanização. Esta urbanização é virtual hoje, mas irá torna-se real no futuro." LÉFEBVRE, Henri, *op. cit.*, p.1

123. FORTIER, Bruno, citado por Manuel MENDES - "Cultura de cidade e arquitectura, memória e desenho - 14 sinais para a 'cidade que há-de vir'" in *Porto 2001: Regresso à Baixa*, Porto: Faup Publicações, 2000, p. 27

124. MENDES, Manuel – *op. cit.*, p. 27

125. FORTIER, Bruno – *L'Amour des Villes*, Liège: Pierre Mardaga, 1994, p. 56

enorme pressão sobre a cidade tradicional. Esta tendência migratória campo-cidade, tornar-se-á num momento charneira de alteração global da sociedade tradicional, mas também do pensamento arquitectónico.

Foi neste contexto político e socioeconómico que surgiu o movimento Moderno na arquitectura, impulsionado pelo aparecimento da *sociedade urbana*¹²² e pela consequente necessidade em repensar e construir a cidade. Existia uma certa emergência de que a arquitectura das cidades correspondesse às novas relações de produção surgidas com o advento do capitalismo moderno.

A cidade transformava-se mais rapidamente que nunca, e os arquitectos queriam fazer parte deste processo, desta oportunidade de desenhar o progresso. A ruptura com a cidade tradicional era iminente, os novos modelos procuravam distanciar-se "da cultura de modificação, que desde o Renascimento esteve na origem dos processos de formação urbana".¹²³ O objectivo era a criação de uma cidade livre de compromissos com o passado, que fosse basicamente o oposto de todos os pressupostos que fundamentavam e definiam a cidade tradicional e, por consequência, "o processo da cidade moderna movimentou-se no esquecimento da cidade existente."¹²⁴

Para a modernidade, a cidade tradicional já não tinha capacidade para responder às novas relações sociais, e, para isso, "para que os seus volumes sejam, à sua maneira máquinas - para que aqueles sejam tão livres e puros como estas o eram - era necessário todo um outro contexto que não o que as cidades apresentavam: extensões mais que paredes, espaço mais que ruas, fluído mais do que fechado".¹²⁵

A criação de um sistema construtivo facilmente disseminado e adaptável a diferentes condições climáticas e culturais, contribuiu também para esta nova concepção de cidade descontextualizada, onde os modelos concebidos para a cidade moderna seriam aplicáveis a qualquer cidade, em qualquer parte do mundo. A *Unité d'Habitation* de Le Corbusier é um dos exemplos da possibilidade de replicação destes modelos, pois foi implementada em diferentes cidades europeias. [65] A evolução dos sistemas construtivos, passou também a permitir uma maior flexibilidade e individualidade na construção de edifícios. Entre a "cidade-jardim", "cidade-radiosa" ou "cidade-campo", surgem vários conceitos de cidade que pretendem afirmar-se como universais e aplicáveis em qualquer lugar.



[.65] Le Corbusier
Unité d'Habitation
Berlim, Alemanha
1958

Em perspectiva, os ideais modernistas tiveram tanto uma forte influência no processo de expansão da cidade, como na transformação da cidade existente. Na transformação do edificado existente, o surgimento de novas tecnologias e técnicas construtivas no período moderno, como o betão armado, o aço ou o tijolo vazado, quando utilizadas sem critério, criaram incompatibilidades que resultaram na perda da unidade do conjunto construído.

Foi este o caso que se verificou no objecto de estudo com a intervenção efectuada no edifício por volta das décadas de 1960/1970, pois acabou por criar uma descontinuidade no conjunto edificado, tanto a nível construtivo como arquitectónico.

Desta forma, as transformações resultantes desta intervenção pioraram as condições de habitabilidade e salubridade do edifício. Isto deve-se essencialmente à construção de anexos no logradouro junto à fachada, assim como a colocação de instalações sanitárias a ocupar a quase totalidade da fachada tardoz nos restantes pisos, deixando os espaços interiores em penumbra e com pouca ventilação.

Como esclareceu Cesare Brandi, no seu livro *Teoria do Restauro*, “o restauro constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dupla polaridade estética e histórica, com vista à sua transmissão para o futuro”.¹²⁶ Neste sentido, a reabilitação de um edifício depende directamente da qualidade do estudo e do juízo crítico desenvolvidos, estando estritamente relacionado com a avaliação crítica do valor artístico e histórico do objecto sobre o qual incide. O reconhecimento, ou a possibilidade de ler e proceder a esse reconhecimento de valores, de acordo com um processo rigoroso de análise, é o grande imperativo moral da conservação.¹²⁷

No procedimento de avaliação crítica do valor artístico e histórico do objecto de estudo, conclui-se então que a mais recente intervenção no edifício não contribui para a sua valorização como objecto arquitectónico. Deste modo, torna-se necessário repensar os espaços interiores do segmento tardoz do edifício, bem como o desenho da fachada.

É neste seguimento que surge outra problemática determinante no projecto - como (re)unificar a casa entre o seu estado original na parte frontal e a descaracterização na parte tardoz? Como fazer uma intervenção contemporânea em metade de um edifício do séc. XIX, mantendo a unidade arquitectónica do seu todo?

126. BRANDI, Cesare
– *Teoria do Restauro*,
Amadora: Edições Orion,
2006, p. 4

127. AGUIAR, José –
*Memória, cidade e pro-
jecto: Questões e para-
doxos na conservação do
património arquitectónico
e urbano*, I Congresso da
Ordem dos Arquitectos,
2000, p. 5



[.66] Alvar Aalto
Camăra Municipal de Säynätsalo
Jyväskylä, Finlândia
1952

128. ARÍS, Carlos Martí – “La tradición moderna” in *Silencios Elocuentes*, Barcelona: Ediciones UPC, 2010, p. 12

129. Ibid., p. 14

130. AALTO, Alvar – “Modern architecture and interior design of the home” in *Alvar Aalto in his own words* (ed. Goran Schildt), New York: Rizzoli Press, 1997, p. 256

131. GRASSI, Giorgio – “Questioni di progettazioni” in *Architettura lingua morta = Architecture dead language*, 9 Quaderni di Lotus, Milano: Electa Spa, 1988, p. 31

Para tentar responder a este *problema práctico*, invocamos o velho debate entre tradição e modernidade na arquitectura. Uma reflexão que surge pela primeira vez na primeira crise do período moderno nos finais dos anos 30, quando “os artistas de maior instinto sentem que a vanguarda como atitude estética começa a perder vigência, que a inovação já não é, em si mesma, uma garantia de legitimidade artística e que a busca pela novidade e pelo insólito não representa necessariamente um avanço para o conhecimento”.¹²⁸ São momentos em que se questiona a validade dos princípios do Modernismo - pelas suas posições de ruptura com o passado e rejeição da tradição -, pela primeira vez desde o seu aparecimento. E desse debate surge “o conceito de tradição no seu sentido moderno, através do qual se escancaram as portas da história, surgindo assim a possibilidade de contemplar, desde um ponto de vista sincrónico, o legado artístico da humanidade no seu conjunto”.¹²⁹

Actualmente, particularmente em arquitectura, o reconhecimento da “tradição” como matéria de projecto revela-se uma atitude fulcral para a construção de uma prática disciplinar que se quer informada. Ainda para mais no processo de reabilitação, quando se tem de intervir em obras do passado, esta atitude projectual deve ser considerada tendo em conta a necessidade de inclusão de elementos novos nestes edifícios. Como refere Alvar Aalto sobre a importância da tradição na resolução de problemas: *“E tradição? O aspecto positivo de todo o sentido de tradição é que cada geração deixa à seguinte o legado de um legítimo dever na resolução dos problemas que ficaram por solucionar, e acima de tudo de os resolver honestamente, em concordância com os valores ditados pela vida real.”*¹³⁰

Neste sentido, e tendo em conta a realidade da casa do Almada, a postura adoptada na intervenção, com particular incidência na parte tardoz do edifício, segue esta lógica de percepção da importância de apreender as lições do passado na resolução dos problemas actuais. Um exercício de recaptura das características do próprio objecto a intervir como referencial para o desenho das soluções arquitectónicas.

Nas palavras de Giorgio Grassi, o arquitecto deve “(...) em vez de tentar em vão fazer corresponder ao objecto uma ordem que veio de fora, devemos procurar no objecto em questão essa ordem e essa exigência de ordem que por si só nos persuade e dar-lhes a forma adequada.”¹³¹ Isto significa que as indicações para a resolução de um projecto devem partir do seu contexto, do objecto em que estamos a intervir.



[.67] [.68] Elementos originais da fachada no rés-do-chão
[.69] Fachada tardoz

Narrativas da memória

“(...) Tudo o que vemos nos dá referências. Tudo nos ajuda a perceber como é que as casas influenciam as pessoas e as pessoas influenciam as casas. Perceber as relações das coisas com as pessoas e das pessoas com as coisas, é essencial para se fazer as casas, palácios, igrejas, cidades... Devemos fazer as coisas com paixão, acumular referências, pois amanhã podemos ter necessidade de as usar num projecto. A variedade dá noção de vida, e isso também pode ser adquirido pelo desenho.

*A visão é fundamental, é preciso ter gosto pelas coisas, perceber porque é que as coisas são como são.”*¹³²

132. TÁVORA, Fernando
– Em notas de uma
Entrevista, 2002 in *Sobre
o ‘projeto-de-arquitetura’
de Fernando Távora -
Fernando Távora: minha
casa* (ed. Manuel Mendes),
Porto: FIAJMS, 2015, p. XIX

No exercício de (re)unificar a casa entre os seus elementos originais e os novos elementos a serem integrados no segmento tardoz, é a própria casa que se revela como principal referência do processo projectual. O objectivo passa por, ao redesenhar os espaços, restituir a continuidade que foi rompida com a mais recente intervenção no edifício. Contudo, o pretendido não é que o contexto se torne em algo castrador ou impositivo para o processo de trabalho, mas antes num instrumento operativo para a concepção do projecto. O importante é que a leitura dos elementos preexistentes se revele não apenas “um acto imprescindível para o recuperar, mas sobretudo um acto de conhecimento do organismo em que se está a intervir, de forma a adaptá-lo às necessidades do presente e, (...) entender os caminhos indicados para a sua continuação”.¹³³

133. BARROS, Fernando
Cerqueira – “Fernando
Távora - Mosteiro de
Refóios do Lima / Escola
Superior Agrária. Ponte de
Lima: 1987-93”, *op. cit.*,
p.280

A primeira problemática neste exercício projectual é o desenho da fachada tardoz, que se encontra profundamente alterada com uma linguagem e materialidade desconexa do restante edifício. No levantamento arquitectónico do existente percebe-se que no rés-do-chão, apesar da construção de anexos ligados à fachada no logradouro, mantêm-se os elementos originais da casa, como a caixilharia, o cachorro de suporte da varanda ou o anexo das instalações sanitárias. [67] [68] Estes elementos parecem sugerir como teria sido o desenho original da fachada nos pisos superiores. Originalmente, a fachada seria composta por varandas e anexos das instalações sanitárias no exterior do edifício, uma solução bastante comum e adoptada em muitas fachadas tardoz de casas burguesas portuenses. Seguindo o pensamento de procurar no próprio objecto em questão a ordem do projecto, encontramos nestes elementos o referencial que nos permite estabelecer a matéria para o desenho na nova fachada.



[.70] Proposta para a
fachada tardoz

134. SOLÀ-MORALES, Ignasi – “Del contraste a la analogía. Transformaciones en la concepción de la intervención arquitectónica” in *Intervenciones*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006, p. 35

*“O projecto de uma nova arquitectura deve, não só aproximar-se fisicamente à da já existente e relacionar-se visual e espacialmente com ela, como também estabelecer uma verdadeira interpretação do material histórico com o qual se mede, de modo a que este seja objecto de uma verdadeira leitura que acompanha explícita ou implicitamente a nova intervenção no seu significado global.”*¹³⁴

Deste modo, os alinhamentos e a proporção dos elementos originais indicam-nos referências para a recomposição do alçado, evocando as informações dadas pelo preexistente. [70] A reinterpretação crítica na composição e desenho da fachada sugere uma continuidade e não uma ruptura, continuidade essa apenas possível quando informada pela análise do objecto em questão. A demolição dos anexos ligados à fachada no rés-do-chão permite também a reformulação do acesso ao logradouro, com a abertura de um pátio no piso térreo, que serve como elemento de transição entre este nível e a cota mais elevada do logradouro.

De resto, o redesenho da fachada tardoz vem também restituir a salubridade dos espaços interiores, anteriormente obstruídos pelas casas-de-banho instaladas nas varandas posteriormente. São agora estes espaços interiores que se constituem como ponto de partida para a reflexão projectual. A manutenção da unidade arquitectónica parte como pressuposto de uma intervenção evidentemente contemporânea em metade de um edifício do séc. XIX.

Álvaro Siza ensina-nos que o “(...) desenho é uma forma de comunicação, com o eu e com os outros. Para o arquitecto, é também, entre muitos, um instrumento de trabalho; uma forma de aprender, compreender, comunicar, transformar: de projecto.”¹³⁵

De facto, o desenho em arquitectura, enquanto instrumento para a tradução do pensamento, constitui-se como forma de representação do projecto, estabelecendo-se como intermediário entre a concepção intelectual deste e a obra construída. *“O desenho é a linguagem e a memória, a forma de comunicar consigo e com os outros, a construção”*.¹³⁶

É neste prisma que o desenho surge como o instrumento de projecto aglutinador destas duas realidades: o preexistente e o que há-de existir. De maneira a responder ao exercício de manter a continuidade entre um segmento frontal da casa com os seus estuques, rodapés, portas e portadas e um segmento tardoz totalmente em aberto; recorremos ao desenho do detalhe como ferramenta agregadora destes dois fragmentos.

135. SIZA, Álvaro – “A importância de desenhar”, pub. 1987 in *01 textos - Álvaro Siza*, 2009, p. 37

136. SIZA, Álvaro – “O desenho como memória”, pub. 1994, *op. cit.*, 2009, p. 137



[.71] [.72] [.73] Álvaro Siza
Casa em Roberto Ivens
 Matosinhos
 1961

A casa na Rua Roberto Ivens, em Matosinhos, reabilitada por Álvaro Siza, demonstra que, mesmo se tratando uma intervenção contemporânea, o desenho do detalhe pode efectivamente transmitir uma atmosfera de continuidade num edifício do séc. XIX. Nesta casa, uma das suas primeiras obras, Siza evidencia a sua atenção ao detalhe no projecto, desenhando elementos como rodapés, molduras, guardas ou escadas, numa procura pela modernidade sem descurar a “importância da tradição e de considerar a continuidade como princípio construtivo da realidade.”¹³⁷

137. SIZA, Álvaro – “Entrevista por José Salgado” in *A Casa em Roberto Ivens*, Matosinhos: Casa da Arquitectura, 2011, p. 39

Numa entrevista a José Salgado sobre a casa, Siza elucida que pretendia “(...) a procura da modernidade, sem dúvida, mas numa altura em que começava a ser muito forte o discurso sobre a tradição e a continuidade, na sequência ou contemporaneamente ao Inquérito [à Arquitectura Popular Portuguesa] (...)”¹³⁸

138. Ibid., p. 37

A casa em Roberto Ivens revela-nos realmente uma estratégia interessante sobre a importância da tradição no desenho da continuidade. Contudo, as referências podem indicar-nos um caminho, mas apenas o próprio objecto do projecto nos é capaz de fornecer as soluções.

*“Os exemplos, (...), ensinam-nos o ‘como’ do projecto (...). E quando nos preparamos para trabalhar num projecto, estamos a fazer a mesma coisa, só que o nosso ‘como’ construímo-lo fazendo. Isto significa que, apesar de tudo, apesar da esperança e das promessas, apenas aprendemos fazendo: e no trabalho, o ‘como’ dos exemplos torna-se nada mais que um caminho, um encorajamento. Aprendemos apenas pela experiência e apercebemo-nos que apenas o objecto à nossa frente, o objecto do projecto, é capaz de nos dar as indicações que necessitamos.”*¹³⁹

139. GRASSI, Giorgio – “Questioni di progettazioni” in *Architettura lingua morta = Architecture dead language*, 9 Quaderni di Lotus, Milano: Electa Spa, 1988, p. 29

É neste sentido que se parte na procura por indicações no próprio objecto da intervenção que permitam desenhar elementos de continuidade entre os vários segmentos da casa. No objecto do projecto podemos encontrar indicações sobre a materialidade, as proporções ou as soluções organizacionais, que permitam uma reinterpretação crítica no desenho dos novos elementos e espaços da casa.

A título de exemplo desta estratégia projectual, podemos referir a reinterpretação da solução de encaixe de portadas no vão da janela, o desenho de bandeiras envidraçadas nas novas portas da casa ou o desenho dos entalhes nas portas de madeira como referência às almofadas das portas originais.¹⁴⁰

140. Cf. “Anexos de projecto”, pp. 145, 149, 151

Epílogo

“Vejo cada obra terminada como uma primeira pedra; (...) a obra nunca acabava, porque Miguel Ângelo a destruía sempre parcialmente para começar de novo outra escultura a partir dos restos da anterior, transmitindo a ideia de que nada está nunca terminado, que há que voltar a começar sempre em busca da perfeição. Os poetas actuam da mesma maneira, vivem refazendo cada poema, uma e outra vez, até que finalmente o abandonam, o afastam nem que seja por um tempo. Essa é a vida da obra.” ¹⁴²

142. SIZA, Álvaro – entrevistado por Juan Domingo Santos, “El sentido de las cosas” in *El Croquis* n.º 140 - Álvaro Siza 2001-2008, Madrid: El Croquis Editorial, 2008, p. 24

Considerações finais

O lançamento da *primeira pedra* desta obra, ainda longe de terminar, inicia agora uma nova etapa que passa pela materialização do projecto. A passagem do papel para a realidade, levantará novos problemas, novas questões, continuando assim com a constante transformação da vida da obra, permanentemente inacabada.

Deste modo, como encerramento desta etapa, partimos de um conjunto de aforismos de Ludwig Wittgenstein, retirados do livro “Cultura e Valor” ¹⁴¹, para lançar algumas notas sobre este primeiro ciclo da obra.

141. WITTGENSTEIN, Ludwig – *Cultura e Valor*, Lisboa: Edições 70, 1996

“O trabalho em filosofia - tal como muitas vezes o trabalho em arquitectura - é, na realidade, mais um trabalho sobre si próprio. Sobre a nossa própria interpretação. Sobre a nossa maneira de ver as coisas (e sobre o que delas se espera).” ¹⁴³

143. WITTGENSTEIN, Ludwig – “1931”, *op. cit.*, p. 33

Os contornos singulares deste projecto - a afinidade com a cliente, a liberdade projectual -, evidenciam fundamentalmente a manifestação de inquietações pessoais no desenvolvimento de uma dialéctica entre pensamento e acção. O princípio de sustentação deste *processo-projecto*, parte sempre da noção de que esta é uma possível interpretação, uma postura própria reflectida num discurso crítico construído a partir de um objecto específico, num determinado tempo.

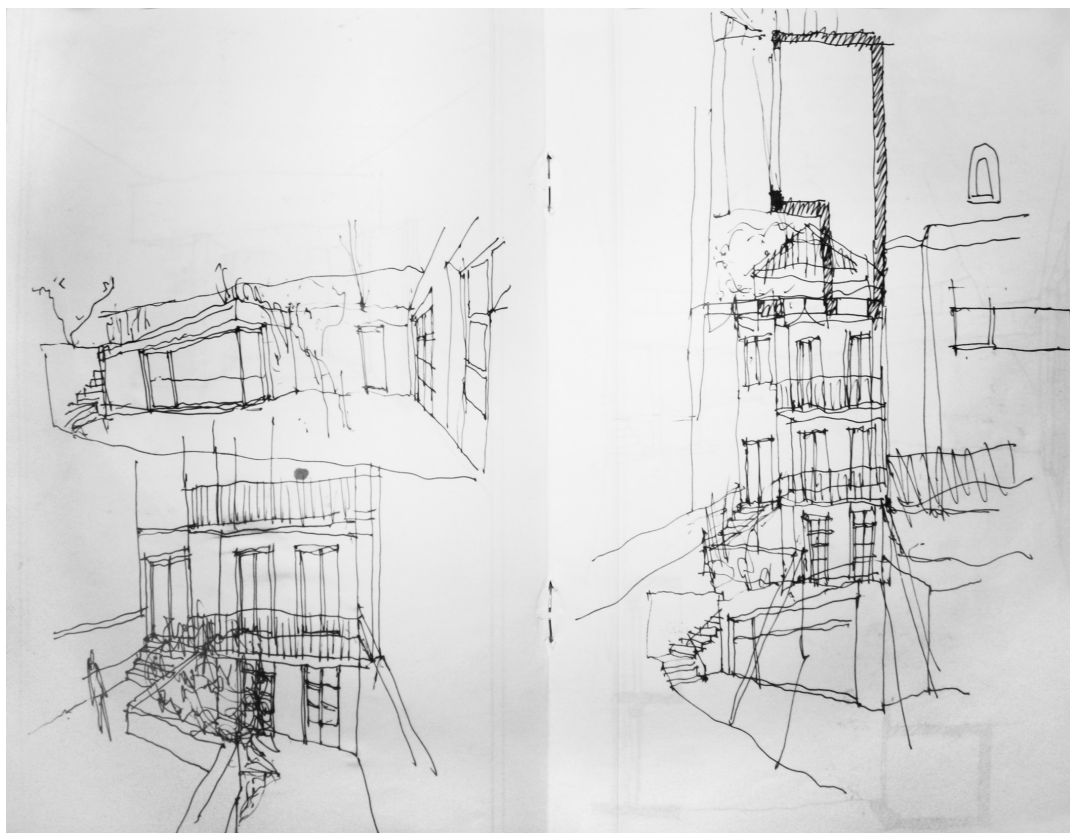
144. SALGADO, José – Prefácio in *A Casa em Roberto Ivens*, Matosinhos: Casa da Arquitectura, 2011, p. 9

“Cada casa é um caso.” ¹⁴⁴

“Não estou interessado na construção de um edifício, mas sim em ter uma visão clara dos alicerces de edifícios possíveis.” ¹⁴⁵

145. WITTGENSTEIN, Ludwig – “1930”, *op. cit.*, p. 21

Antes de mais é importante clarificar que a intervenção no edifício antes de



[.74] Estudos para a
fachada tardoz e acesso
ao logradouro

ser projecto de reabilitação, é um projecto de arquitectura e, é nesse campo que deve trabalhar. Posto isto, os alicerces compreendidos no projecto não são mais do que uma tentativa de englobar o objecto numa narrativa de unidade, isto é, de diálogo permanente entre as diferentes épocas representadas no edifício.

*“Os problemas de intervenção na arquitectura histórica são, primeira e fundamentalmente, problemas de arquitectura e, neste sentido, a lição é de que a arquitectura do presente deve estabelecer um diálogo com a arquitectura do passado.”*¹⁴⁶

146. SOLÀ-MORALES, Ignasi – “Teorías de la intervención arquitectónica” in *Intervenciones*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006, p. 32

147. WITTGENSTEIN, Ludwig – “1930”, *op. cit.*, p. 16

*“Hoje em dia, a diferença entre um bom e um mau arquitecto é que este sucumbe a todas as tentações, enquanto o bom arquitecto lhes resiste.”*¹⁴⁷

Trabalhar no plano do real implica uma abordagem diferente ao trabalho académico. As acções projectuais estipuladas no projecto iriam ter, pela primeira vez, repercussões na realidade, na cidade. Assim, abordar o projecto requer uma procura pela coerência das respostas e, neste caso, apenas a análise, investigação e leitura das matérias projectuais permitiu contornar as inseguranças de quem não tem a experiência da prática disciplinar no campo do real. A abordagem projectual procura então resistir a quaisquer modelos pré-estabelecidos seja pelos mercados ou pelo *zeitgeist*.¹⁴⁸

148. Cf. Georg HEGEL – “espírito da época” in *Fenomenologia do Espírito*, Lisboa: Edições 70, 1998

*“(...) A projectação não como processo linear, da análise à síntese, mas como processo contínuo, aberto, complexo e englobante. (...) O desenho nasce do diálogo permanente entre o que preexiste e o desejo colectivo de transformação.”*¹⁴⁹

149. SIZA, Álvaro – “Alvar Aalto: algumas referências à sua influência em Portugal”, pub. 1980 in *07 textos - Álvaro Siza*, 2009, p. 212

*“Penso que nunca inventei uma linha de pensamento mas que estas foram-me sempre providenciadas por alguém e o que eu fiz não foi mais do que apaixonadamente recorrer a estas para o meu trabalho de clarificação. (...) O que eu invento são novas comparações.”*¹⁵⁰

150. WITTGENSTEIN, Ludwig – “1940”, *op. cit.*, p. 42

As referências, tanto exteriores como do próprio objecto, são ferramentas de projecto essenciais para o processo de intervenção. No entanto, o que nos interessa nesta referenciação não é a repetição de modelos, mas antes a compreensão dos seus fundamentos, da sua estratégia projectual, de forma a tornar possível a construção do nosso próprio discurso.

*“Admiram-se as suas obras [dos grandes mestres da arquitectura], ou melhor, as formas das suas obras e nada mais, sem aprofundar a procura sobre o que têm dentro, o mais valioso, que é precisamente o que está ao nosso alcance.”*¹⁵¹

151. CODERCH, Josep Antoni – “No son genios lo que necesitamos ahora”, pub. 1960 in *J. A. Coderch de Sentmenat 1913-1984*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1989, p. 209

152. WITTGENSTEIN, Ludwig – “Cerca de 1945”, *op. cit.*, p. 73

*“As palavras são acções!”*¹⁵²



[.75] Vista
do terraço
do sótão

Bibliografia

Fontes bibliográficas

- AGUIAR, José – *Cor e cidade histórica: Estudos cromáticos e conservação do património*. Porto: Faup Publicações, 2002
- AGUIAR, José – *Memória, cidade e projecto: Questões e paradoxos na conservação do património arquitectónico e urbano*. I Congresso da Ordem dos Arquitectos, 2000
- ALVES, Joaquim – *O Porto na época dos Almadas: 1757-1804 - Arquitectura: obras públicas*. Porto: Universidade do Porto: Centro de História, 1987
- ARÍS, Carlos Martí – *La Cimbra y el Arco*. Madrid: FCA, 2008
- ARÍS, Carlos Martí – *Silencios Elocuentes*. Barcelona: Ediciones UPC, 2010
- AYMONINO, Carlo – *O Significado das Cidades*. Lisboa: Editorial Presença, 1984
- BERRANCE, Luís – *Evolução do desenho das fachadas das habitações correntes almadinas: 1774-1844*. Porto: Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1993
- BRANDI, Cesare – *Teoria do Restauro*. Amadora: Edições Orion, 2006
- CASTRO, José María Moral (coord.) – *El Chiado, Lisboa. Álvaro Siza y la Estrategia de la Memoria*. Granada: Delegación en Granada del Colegio de Arquitectos, 1994
- CHOAY, Françoise – *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 2018
- CHOAY, Françoise – *As Questões do Património: Antologia para um Combate*. Lisboa: Edições 70, 2018
- CODERCH, Josep Antoni – *J. A. Coderch de Sentmenat 1913-1984*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1989
- COSTA, Alexandre Alves – *Textos Datados*. Coimbra: Edarq, 2007
- DOMINGUES, Álvaro (coord.) – *Porto Património Mundial: 20 anos, 20 imagens*. Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2016
- DOMINGUES, Álvaro (coord.) – *Cidade e democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal*. Lisboa: Argumentum, 2006
- FERNANDES, Francisco Barata – *Transformação e permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade*. Porto: Faup Publicações, 1999
- FERRÃO, Bernardo José – *Projecto e Transformação Urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758-1813: Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*. Porto: Faup Publicações, 1997

FORTIER, Bruno – *L'Amour des Villes*. Liège: Pierre Mardaga, 1994

FREITAG, Michel – *Arquitectura e Sociedade*. Lisboa: Dom Quixote, 2007

GRASSI, Giorgio – *Architettura lingua morta = Architecture dead language*. 9 Quaderni di Lotus. Milano: Electa Spa, 1988

GREGOTTI, Vittorio – *Território da Arquitetura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994

HUET, Bernard – *La città come spazio abitabile: Alternative alla Carta di Atene*. Lotus International n° 41, Milão: Electa, 1984

HUGO, Victor – *Nossa Senhora de Paris*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1972

KOSTOF, Spiro – *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*. London: Thames & Hudson, 1999

KOSTOF, Spiro – *The City Assembled: The Elements of Urban Form Through History*. London: Thames & Hudson, 2005

LEFEBVRE, Henri – *The Urban Revolution*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003

LERUP, Lars – *Building The Unfinished*. California: Sage Publications, 1977

LYNCH, Kevin – *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2008

MENDES, Manuel (ed.) – *Porto 2001: Regresso à Baixa*. Porto: Faup Publicações, 2000

MENDES, Manuel (ed.) – *Sobre o 'projeto-de-arquitetura' de Fernando Távora - Fernando Távora: minha casa*. Porto: FIAJMS, 2015

MENDES, Manuel; SALGADO, José – *(In)formar a modernidade: Arquiteturas portuenses, 1923-1943: morfologias, movimentos, metamorfoses*. Porto: Faup Publicações, 2001

MONEO, Rafael – *Inquietud teórica y estrategia proyectual: en la obra de ocho arquitectos contemporáneos*. Barcelona: Actar, 2004

NONELL, Anni Günther – *Porto, 1763/1852: a construção da cidade entre despotismo e liberalismo*. Porto: Faup Publicações, 2002

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de – *Arquitetura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1992

PALLASMAA, Juhani – *The eyes of the skin: architecture and the senses*. Chichester: John Wiley & Sons, 2005

PLA, Maurici – *La arquitectura a través del lenguaje*. Escritos 1982-2002. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006

POLANYI, Karl – *A Grande Transformação*. Lisboa: Edições 70, 2016

PORTAS, Nuno – *A Cidade como Arquitetura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007

PORTAS, Nuno – *Arquitetura(s): Teoria e Desenho, Investigação e Projecto*. Porto: Faup Publicações, 2005

PORTAS, Nuno – *Onze arquitectos do Porto: Imagens recentes*. Porto: Livraria Leitura, 1983

PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João – *Políticas urbanas II: Transformações, Regulação e Projectos*. Lisboa: FCG, 2011

RIEGL, Alois – *O Culto Moderno dos Monumentos e outros ensaios estéticos*. Lisboa: Edições 70, 2016

RIVAS, Juan Luís de las – *El espacio como lugar: sobre la naturaleza de la forma urbana*. Valladolid: Universidad, 1992

ROSSI, Aldo – *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001

ROSSI, Aldo – *Autobiografia Científica*. Lisboa: Edições 70, 2013

SANDINO, Fernando Villanueva – *Construir sobre el Pasado*. Sevilha: COAAO, 1988

SIZA, Álvaro – *A Casa em Roberto Ivens*. Matosinhos: Casa da Arquitectura, 2011

SIZA, Álvaro – *A Reconstrução do Chiado - Lisboa*. Lisboa: Livraria Figueirinhas, 2000

SIZA, Álvaro – *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 2006

SIZA, Álvaro – *01 textos por Álvaro Siza*. Edição por Carlos Campos Morais. Porto: Civilização Editora, 2009

SCHILDT, Goran (ed.) – *Alvar Aalto in his own words*. New York: Rizzoli Press, 1997

SOLÀ-MORALES, Ignasi – *Inscripciones*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003

SOLÀ-MORALES, Ignasi – *Intervenciones*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006

SOLÀ-MORALES, Manuel – “*Spazio, Tempo e Città*”. Lotus International nº 51, Milão: Electa, 1986

SORIANO, Federico – *100 Hiperminimos y uno último de Francisco Jarauta*. Madrid: Lampreave, 2009

TAVARES, André; BANDEIRA, Pedro (ed.) – *Só nós e Santa Tecla*. Porto: Dafne Editora, 2008

TÁVORA, Fernando – *Da organização do espaço*. Porto: Faup Publicações, 2006

TÁVORA, Fernando – *Estudo de renovação urbana do Barredo*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1969

TÁVORA, Fernando – *Comércio do Porto, Suplemento de Cultura e Arte*. Porto, 1954

TÁVORA, Fernando – *O Problema da Casa Portuguesa*. Lisboa: Manuel João Leal (ed.), 1947

TEIXEIRA, Joaquim – *Descrição do sistema construtivo das Casas Burguesas do Porto entre os séculos XVII e XIX - Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal*. Porto: FAUP, 2004

TEIXEIRA, Joaquim – *Salvaguarda e Valorização do Edificado Habitacional da Cidade Histórica - Metodologia de Intervenção no Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto*. Porto: FAUP, 2013

TOMÉ, Miguel – *Património e Restauro em Portugal (1920-1995)*. Porto: Faup Publicações, 2002

TRIGUEIROS, Luiz (ed.) – *Fernando Távora*. Lisboa: Blau, 1993

VAN EYCK, Aldo – *The child, the city and the artist: An essay on architecture; The in-between realm*. Amsterdam: Sun Publishers, 1962

WITTGENSTEIN, Ludwig – *Cultura e Valor*. Lisboa: Edições 70, 1996

Publicações

El Croquis nº 68/69+95 - Álvaro Siza 1958-2000. Madrid: El Croquis Editorial, 2000

El Croquis nº 140 - Álvaro Siza 2001-2008. Madrid: El Croquis Ed., 2008

Jornal dos Arquitectos nº 246. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2013

Jornal dos Arquitectos nº 249. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2014

Lotus International nº 41. Milão: Electa, 1984

Lotus International nº 51. Milão: Electa, 1986

Websites

BISMARCK, Pedro Levi – “*Para que tudo permaneça igual é necessário que tudo mude?*” [disponível em <http://www.revistapunkto.com/2012/10/para-que-tudo-permaneca-igual-e.html>]

FRAMPTON, Kenneth – *Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance* [disponível em <http://modernindenver.com/wp-content/uploads/2015/08/Frampton.pdf>]

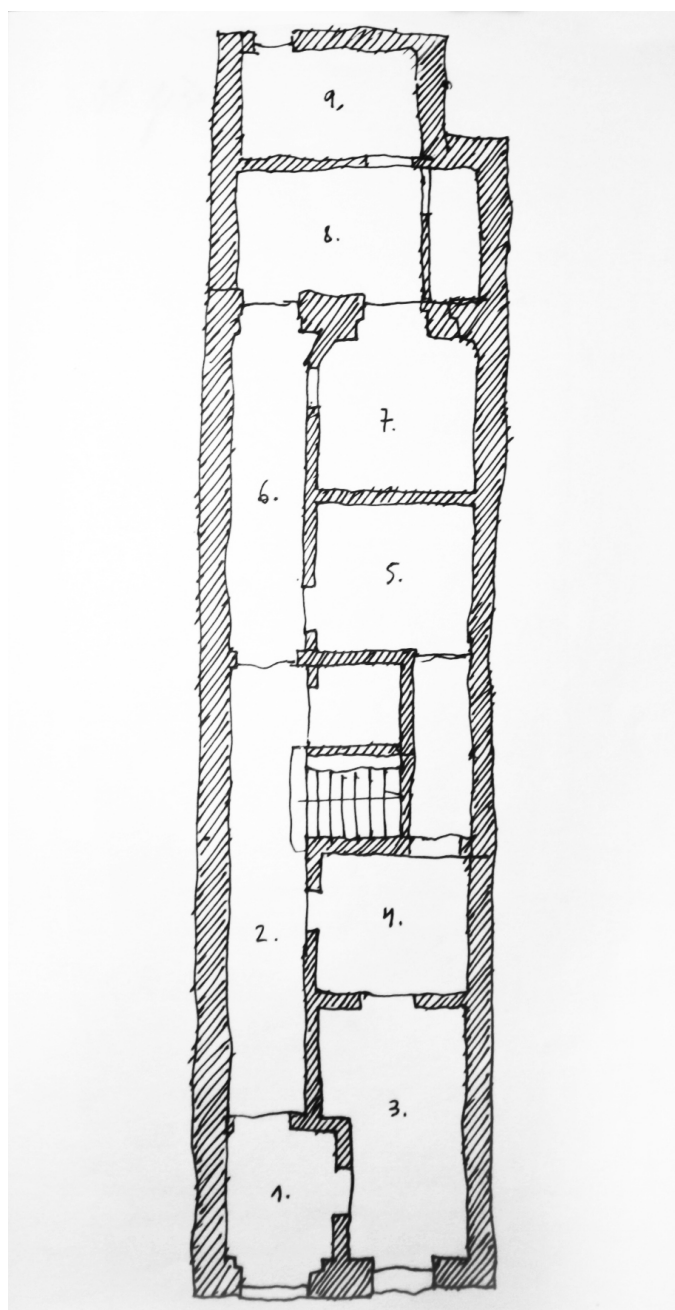
GILMAN, Rui – *Tornos. Uma Escatologia Turístico-patrimonial* [disponível em https://www.revistapunkto.com/2015/02/tornos-uma-escatologia-turistico_23.html]

GRANDE, Nuno – *A cidade, entre o efeito Barcelona e o efeito Bilbao* [disponível em <http://www.revistapunkto.com/2013/04/a-cidade-entre-o-efeito-barcelona-e-o.html>]

JARAUTA, Francisco – *Los Tiempos de la Arquitectura* [disponível em https://issuu.com/uddfedericosoriano/docs/ud24_t12_imprimir_paginas]

Iconografia

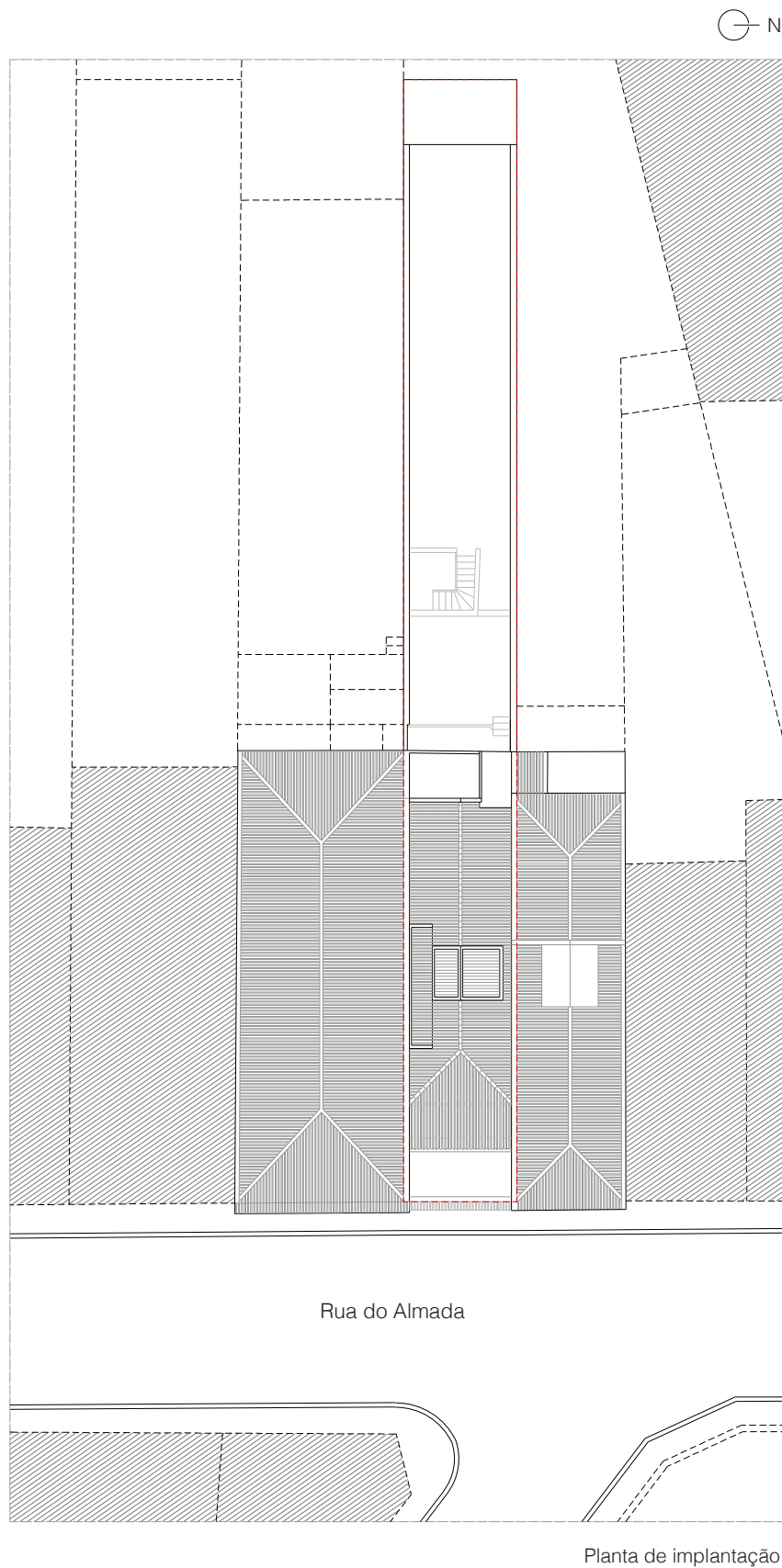
- [.1] [.2] Fotografia do autor
- [.3] Divisare [<https://divisare.com/projects/337701-giorgio-grassi-student-halls-of-residence-in-chieti-1976-79>]
- [.4] Fotografia de Joana Bicas
- [.5] *El Croquis nº 68/69+95 - Álvaro Siza 1958-2000*. Madrid: El Croquis Editorial, 2000
- [.6] FERRÃO, Bernardo José – *Projecto e Transformação Urbana do Porto na Época dos Almadás, 1758-1813: Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*. Porto: Faup Publicações, 1997
- [.7] Arquivo Histórico do Porto [<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/100042/?q=100042>]
- [.8] [.9] [.10] [.11] [.12] [.13] [.14] [.15] [.16] [.17] [.18] [.19] [.20] [.21] Fotografias do autor
- [.22] TEIXEIRA, Joaquim – *Salvaguarda e Valorização do Edificado Habitacional da Cidade Histórica - Metodologia de Intervenção no Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto*. Porto: FAUP, 2013
- [.23] [.24] FERNANDES, Francisco Barata – *Transformação e permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade*. Porto: Faup Publicações, 1999
- [.25] TEIXEIRA, Joaquim – *op. cit.* 2013
- [.26] [.27] FERNANDES, Francisco Barata – *op. cit.*, 1999
- [.28] TEIXEIRA, Joaquim – *op. cit.* 2013
- [.29] Fotografia do autor
- [.30] Foto Guedes 1885-1932, Arquivo Histórico do Porto [<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-descriptiondocuments/303029/?q=titulo%3A%28rua+do+almada%29+objetos%3Aasim>]
- [.31] [https://www.correiodoportop.pt/wp-content/uploads/65_lugares_comuns_corrida_imobili%C3%A1ria.jpg]
- [.32] [https://i1.wp.com/ephemerajpp.com/wp-content/uploads/2017/09/IMG_20170915_152041.jpg?ssl=1]
- [.33] [https://i1.wp.com/ephemerajpp.com/wp-content/uploads/2017/09/Copy-of-Scan_20170917.jpg?fit=1788%2C2466&ssl=1]
- [.34] [<https://jpn.up.pt/2015/04/08/reabilitacao-urbana-ainda-nao-esqueceram-as-cardosas/>]
- [.35] Fotografia de Joana Bicas
- [.36] Fotografia do autor
- [.37] [.38] [.39] [.40] [.41] BERRANCE, Luís – *Evolução do desenho das fachadas das habitações correntes almadinas: 1774-1844*. Porto: Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1993
- [.42] [.43] [.44] [.45] [.46] [.47] [.48] [.49] [.50] [.51] [.52] [.53] Fotografias do autor
- [.54] Fotomontagem do autor
- [.55] [.56] [.57] [.58] [.59] [.60] TÁVORA, Fernando – *Estudo de renovação urbana do Barredo*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1969
- [.61] Desenho do autor
- [.62] Fotomontagem do autor
- [.63] [<https://99percentinvisible.org/app/uploads/2018/02/plan-voison.jpg>]
- [.64] [<https://dobraszcyk.files.wordpress.com/2017/04/corbusier-domino-house.jpg>]
- [.65] Fotografia do autor
- [.66] [<http://modernindenver.com/wp-content/uploads/2015/08/Frampton.pdf>]
- [.67] [.68] [.69] Fotografias do autor
- [.70] Desenho do autor
- [.71] [.72] [.73] Fotografias de Fernando Guerra [<http://ultimasreportagens.com/341.php>]
- [.74] Desenhos do autor
- [.75] Fotografia do autor
- [.76] Desenho do autor

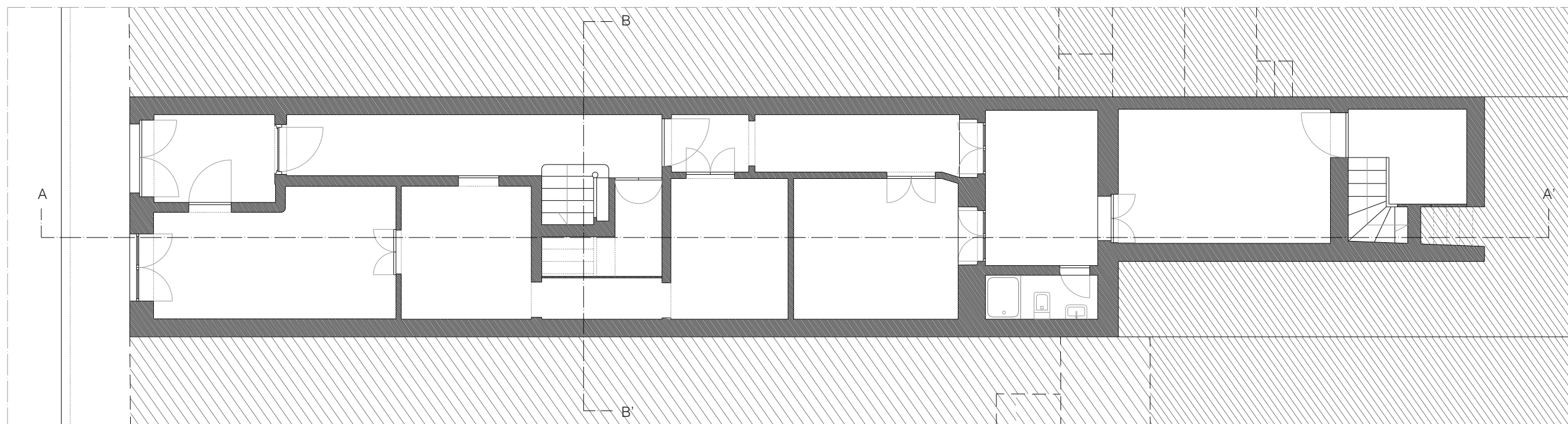


[.76] Desenho do levantamento manual do edifício

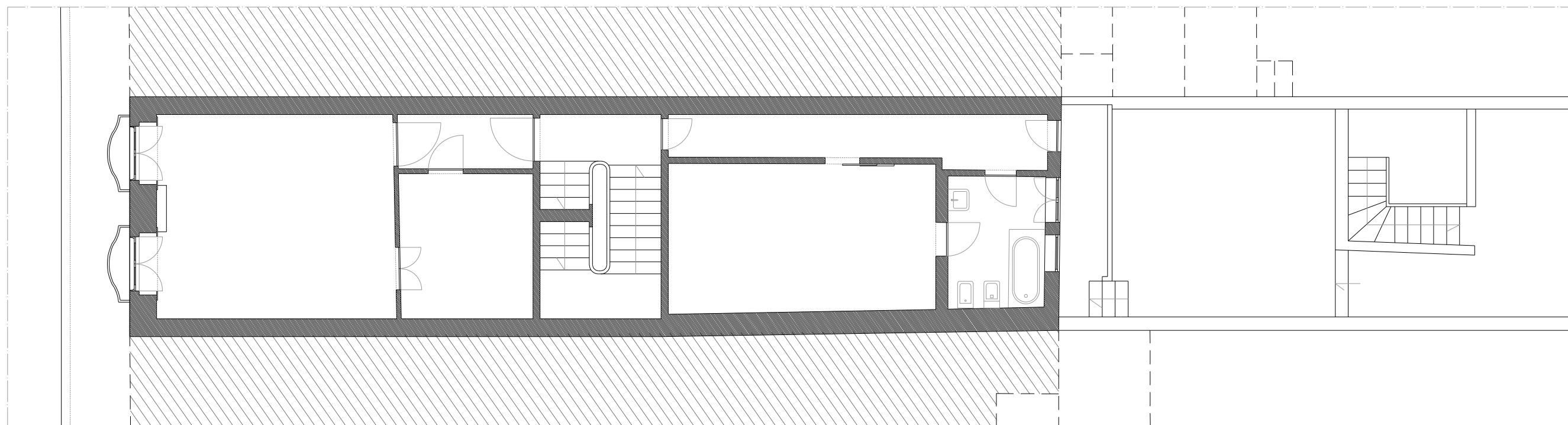
Anexos de projecto

Desenhos do levantamento

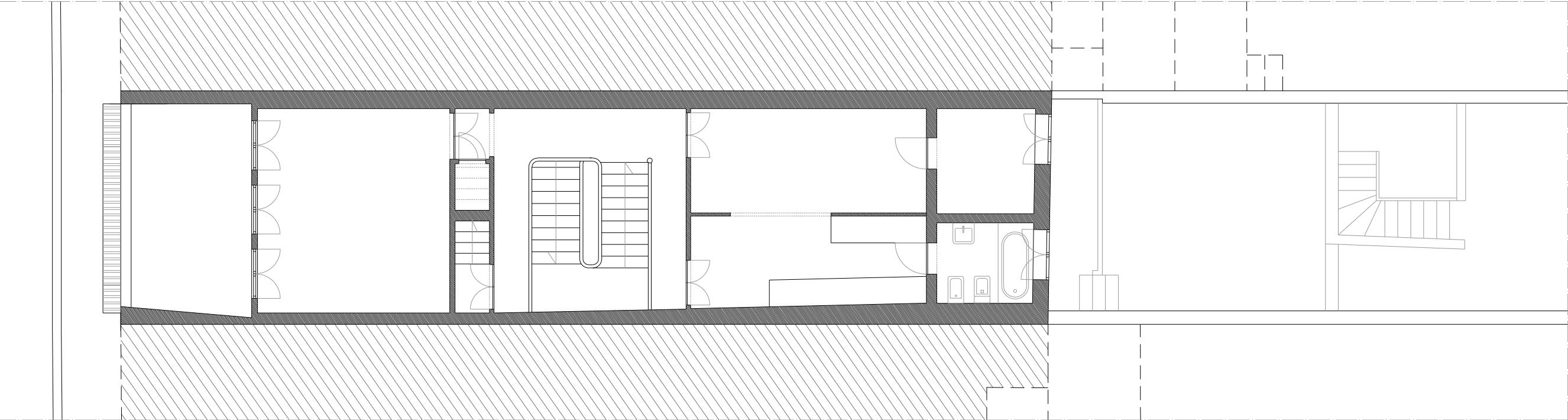




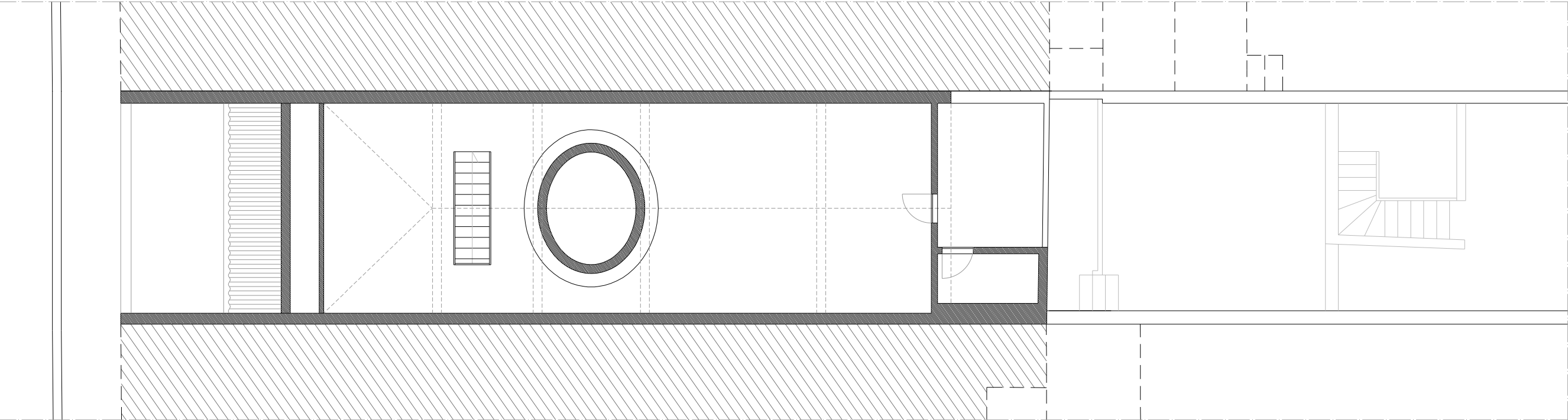
Planta do rés-do-chão
Esc. 1/100



Planta do piso 1
Esc. 1/100



Planta do piso 2
 Esc. 1/100



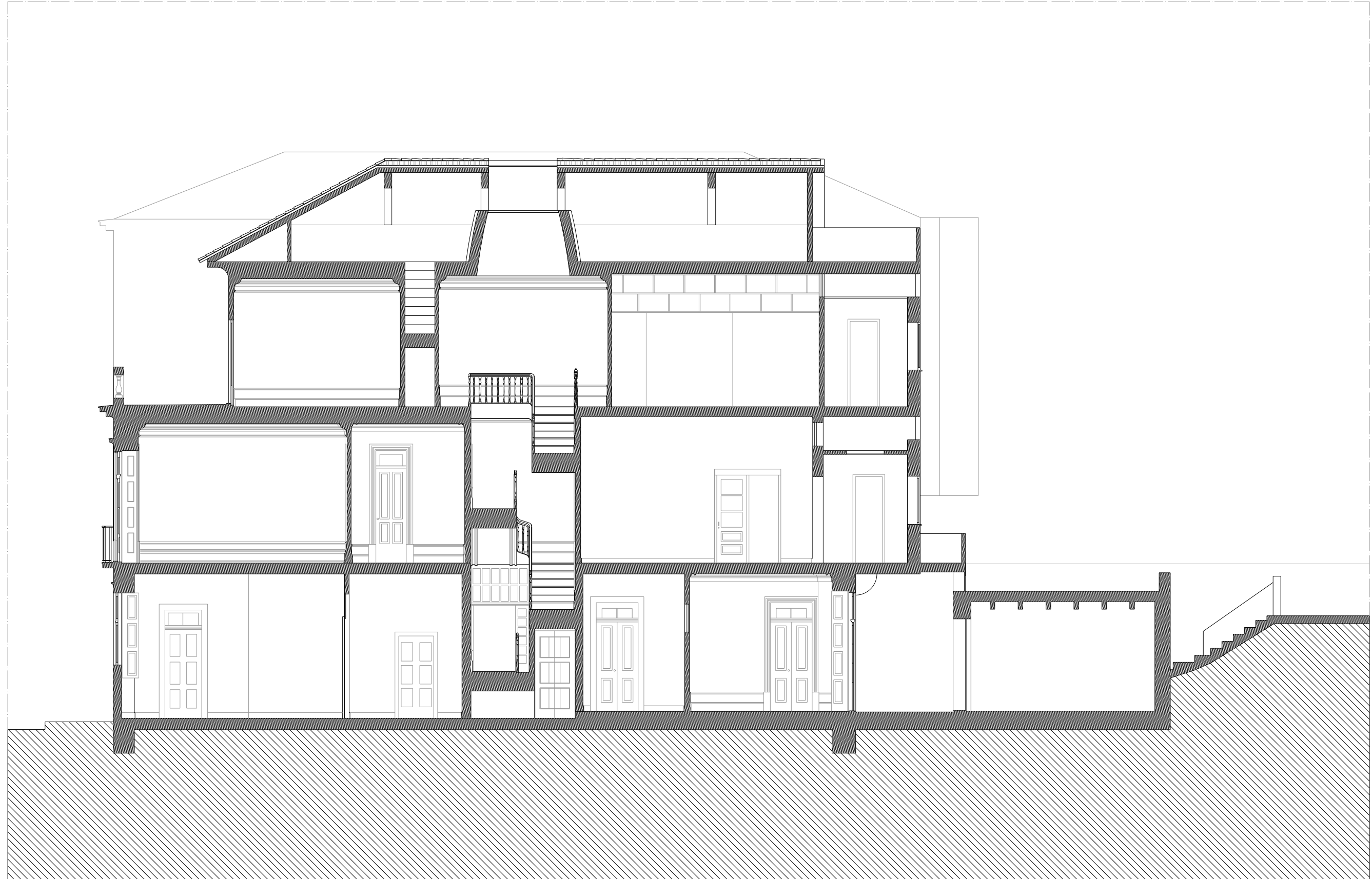
Planta do piso 3
 Esc. 1/100



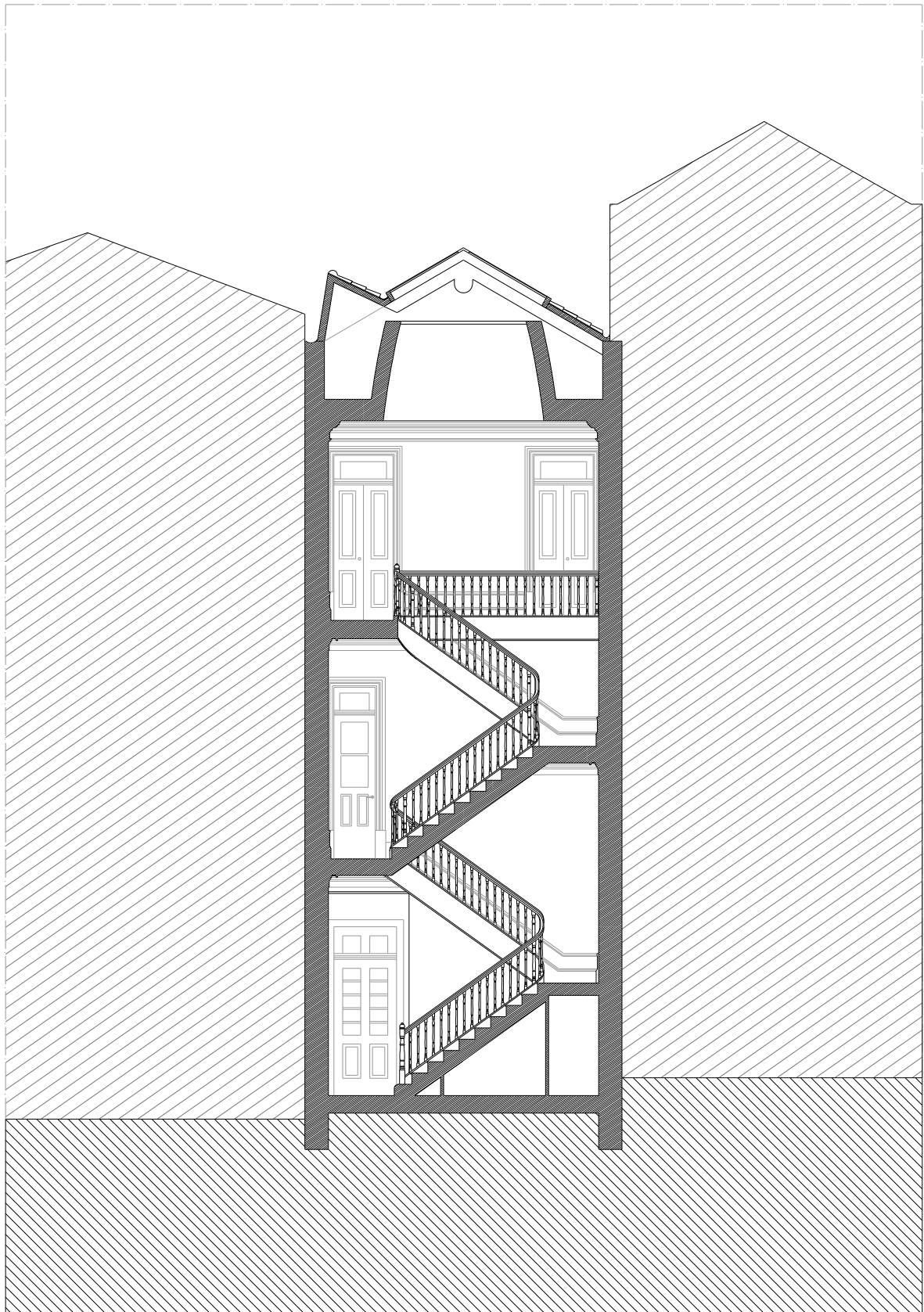
Alçado Poente
Logradouro
Esc. 1/100



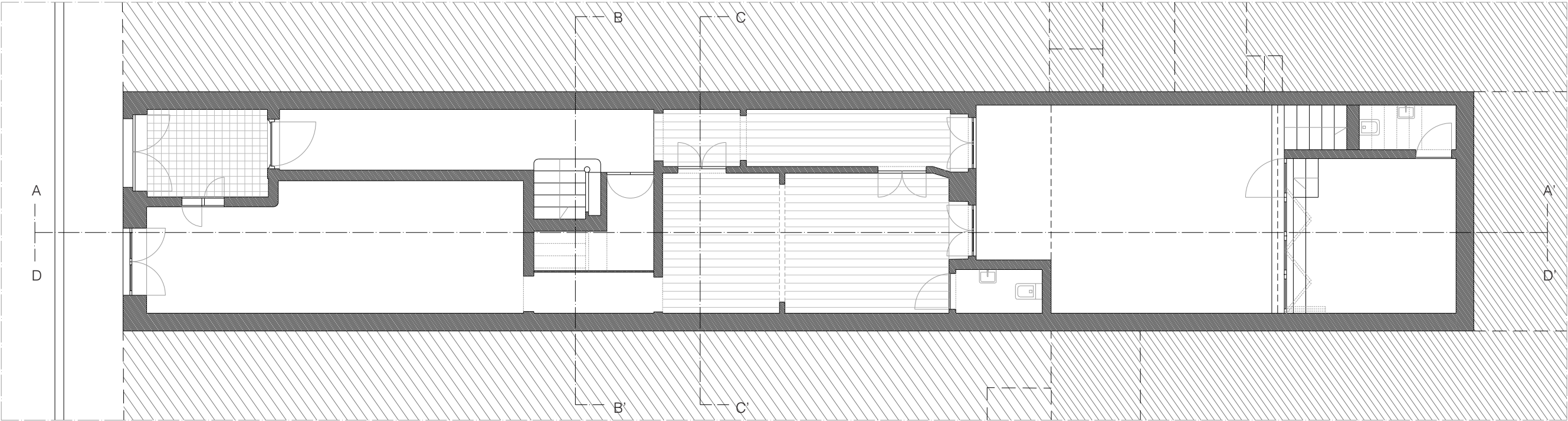
Alçado Nascente
Rua do Almada
Esc. 1/100



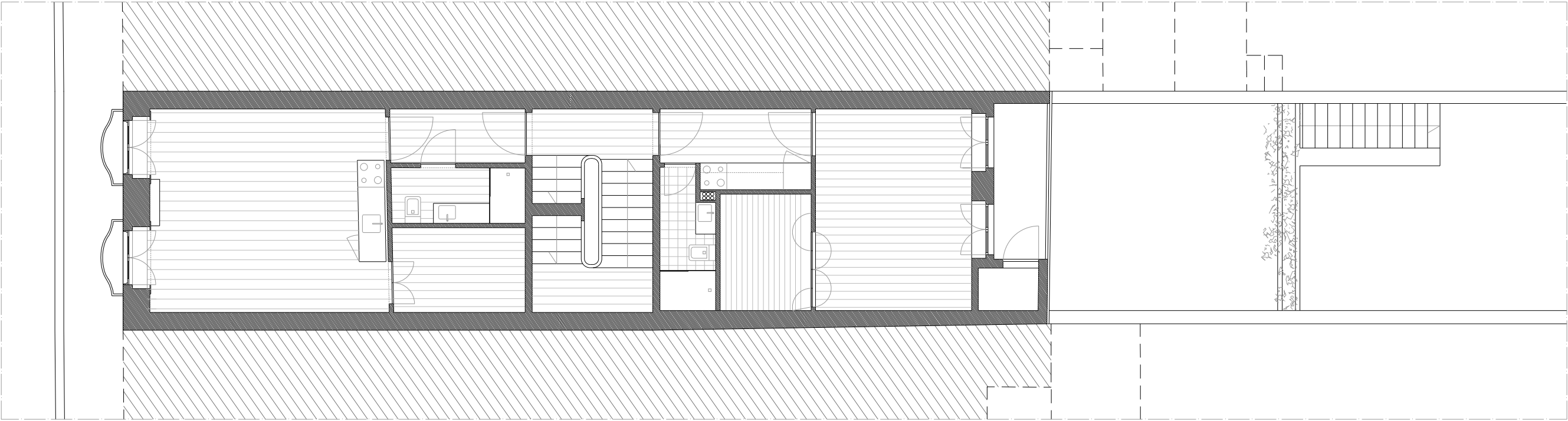
Corte Longitudinal
Perfil A-A'
Esc. 1/100



Corte Transversal
Perfil B-B'
Esc. 1/100



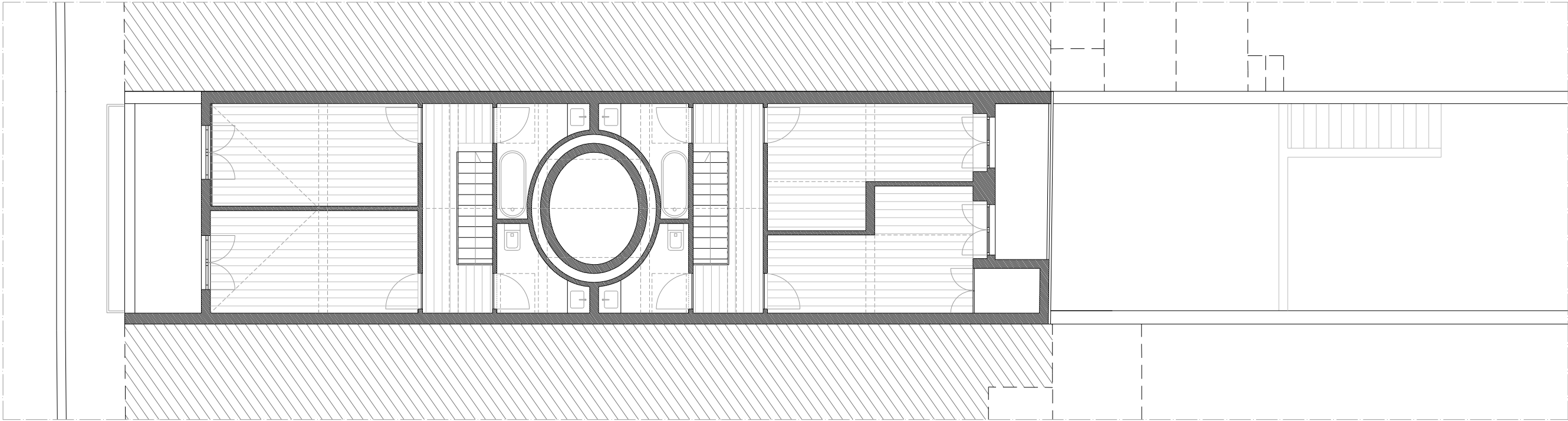
Planta do rés-do-chão
Esc. 1/100



Planta do piso 1
Esc. 1/100



Planta do piso 2
Esc. 1/100



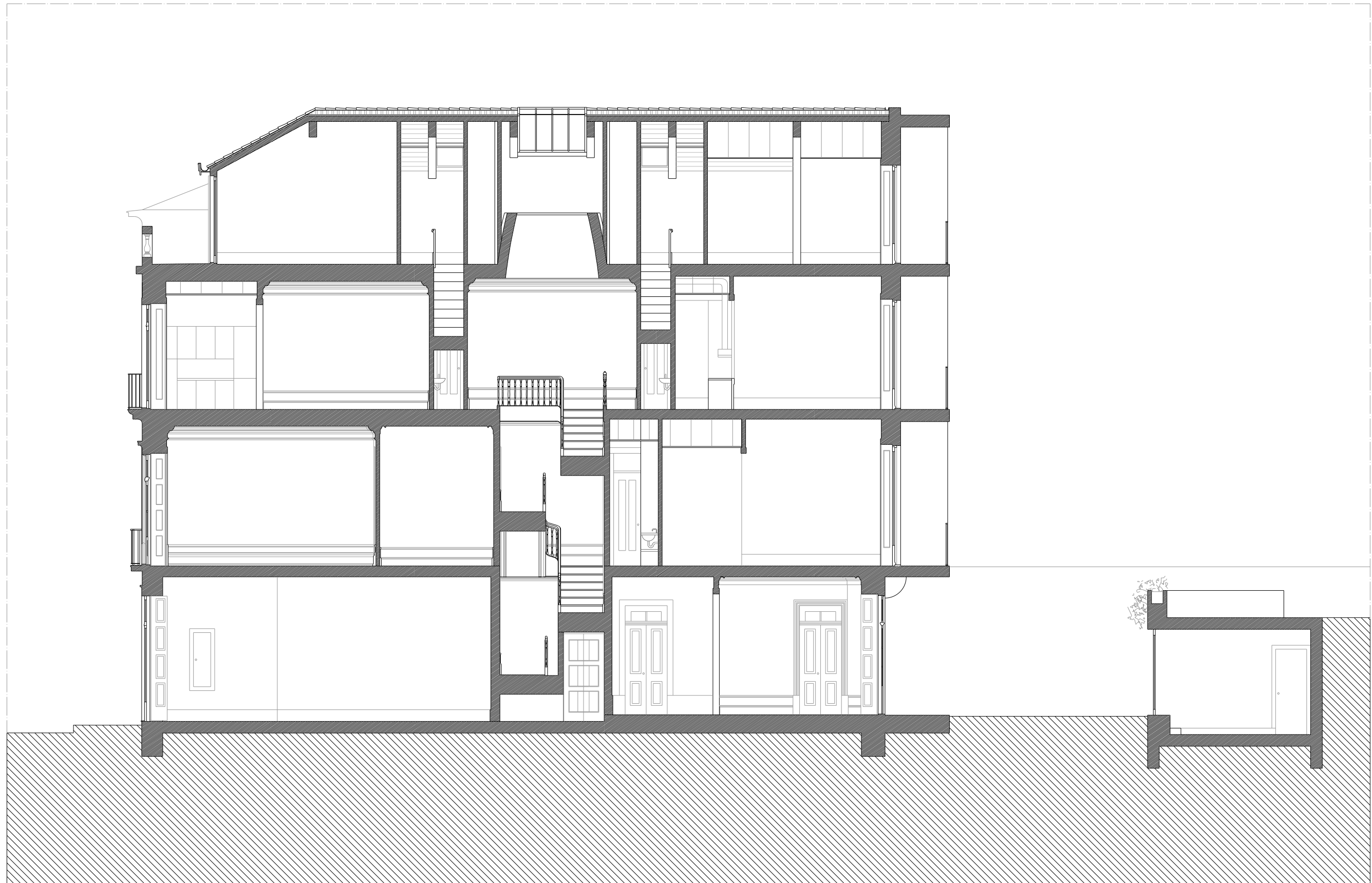
Planta do piso 3
Esc. 1/100



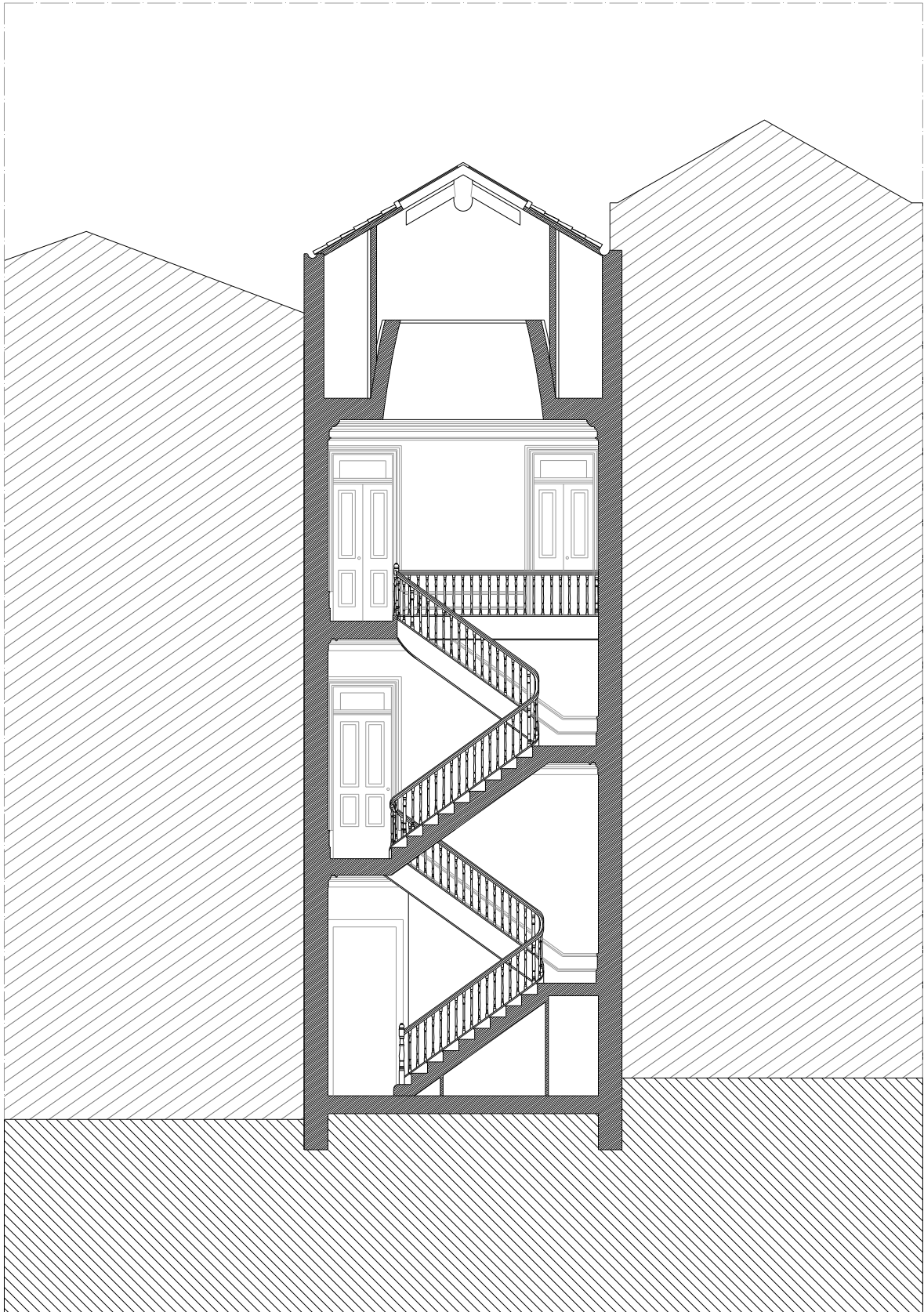
Alçado Nascente
Rua do Almada
Esc. 1/100



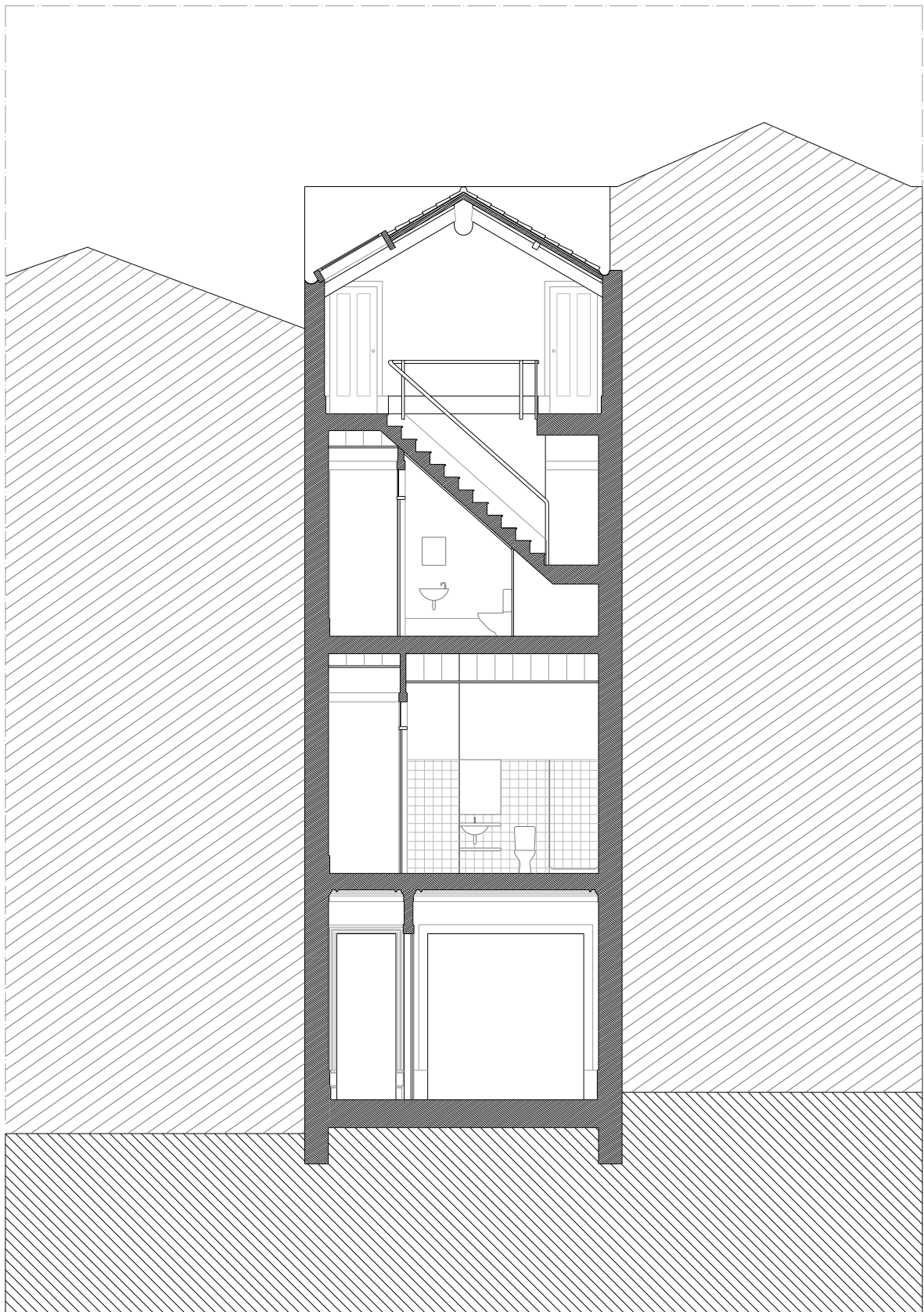
Alçado Poente
Logradouro
Esc. 1/100



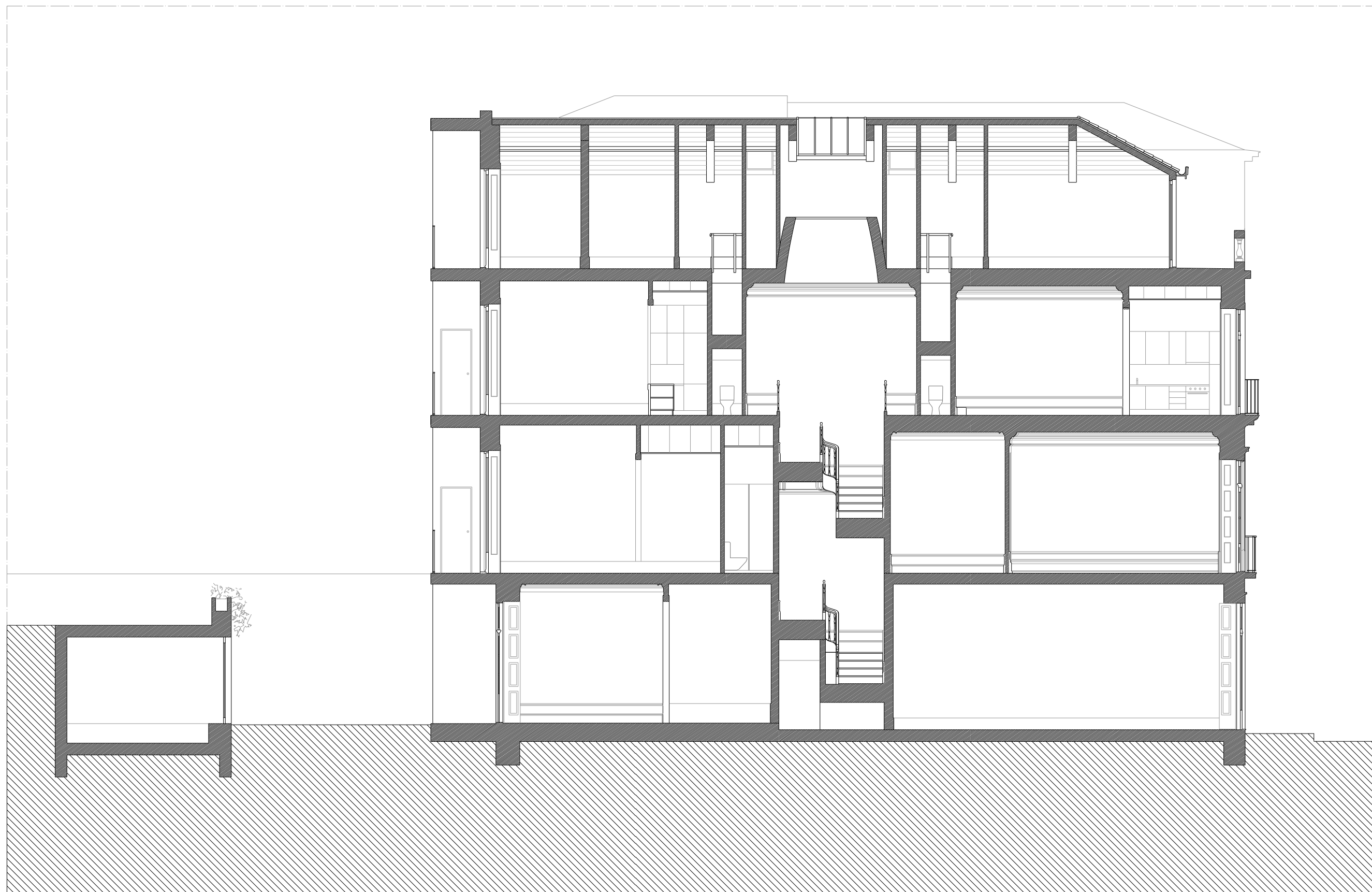
Corte Longitudinal
Perfil A-A'
Esc. 1/100



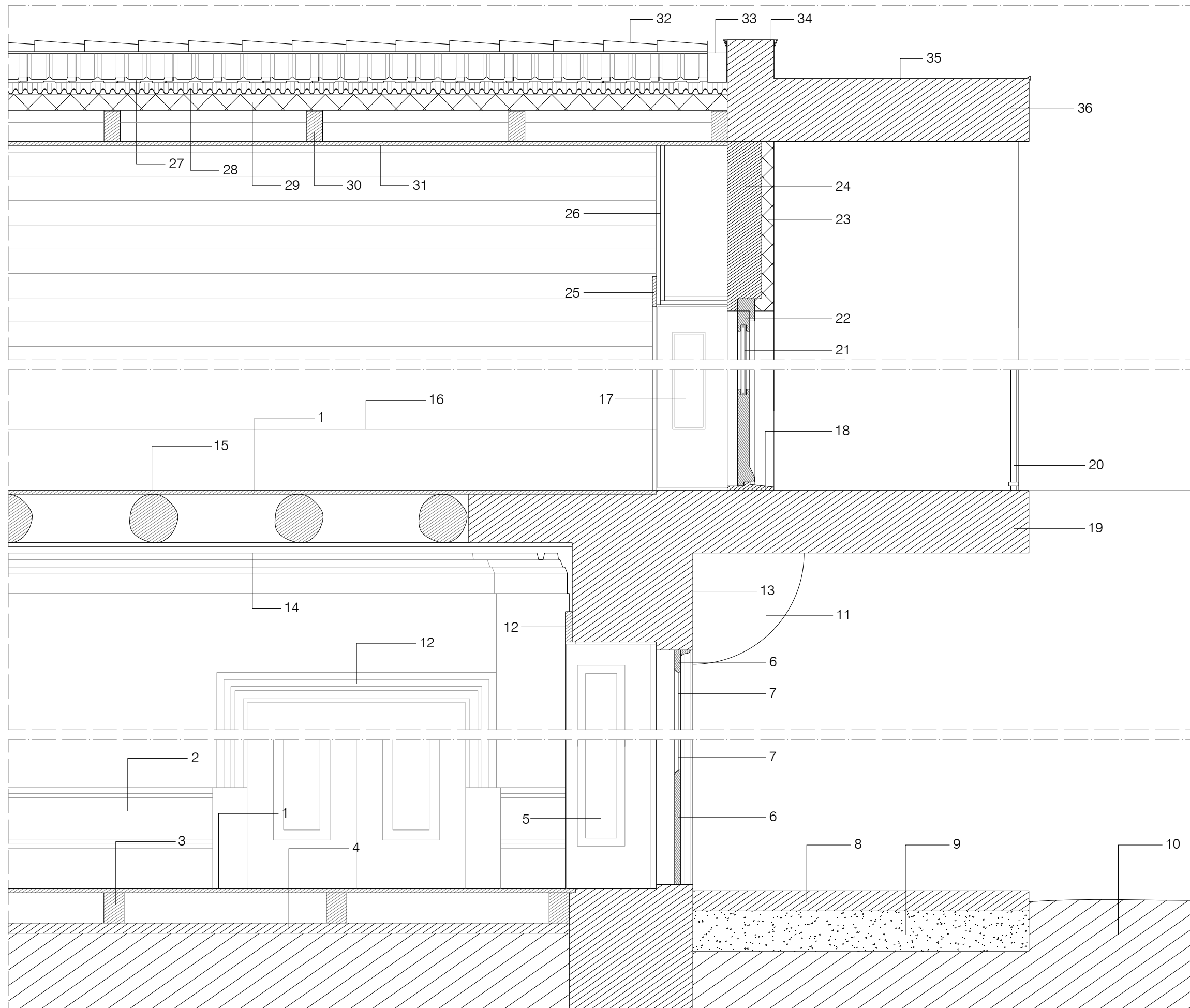
Corte Transversal
Perfil B-B'
Esc. 1/100



Corte Transversal
Perfil C-C'
Esc. 1/100

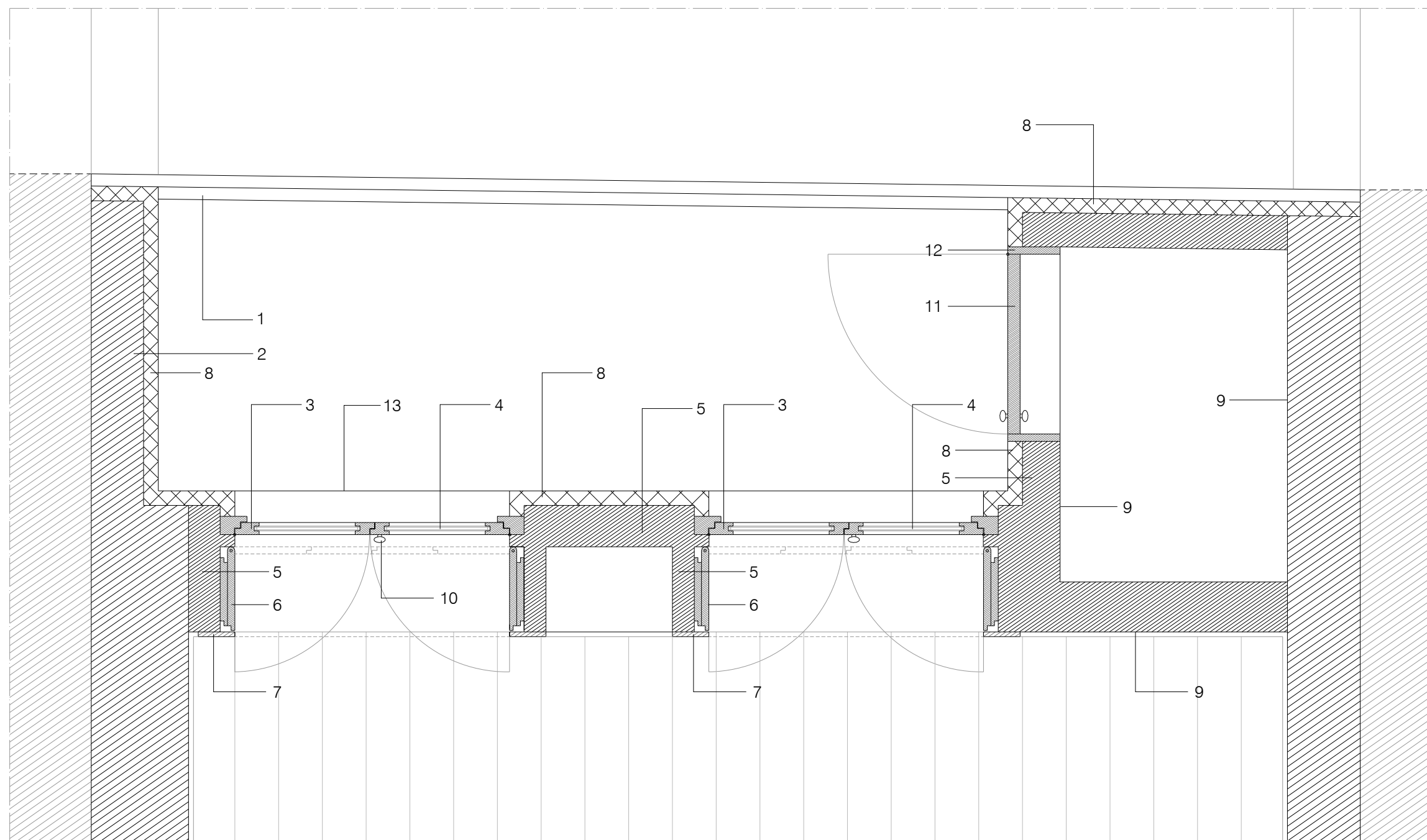


Corte Longitudinal
Perfil D-D'
Esc. 1/100



1. Soalho original em madeira a recuperar e envernizar
2. Lambrim original a recuperar em madeira esmaltada à cor RAL 1015
3. Viga em madeira
4. Camada de cimento
5. Portada original a recuperar em madeira esmaltada à cor RAL 1015
6. Caixilho original a recuperar em madeira esmaltada à cor RAL 9010
7. Vidro simples incolor
8. Pavimento em placas de granito
9. Caixa de areia
10. Solo permeável ajardinado
11. Cachorro original em granito
12. Guarnição original a recuperar em madeira esmaltada à cor RAL 1015
13. Reboco liso pintado à cor RAL 9010
14. Tecto em gesso estucado trabalhado a recuperar e pintar à cor RAL 9010
15. Viga original em pau rolado
16. Rodapé novo em madeira lacada à cor RAL 1015
17. Portada interior em mdf lacado à cor RAL 1015
18. Soleira em granito bujardado grosso, adaptada ao caixilho e em função de pormenorização a fornecer para obra
19. Laje da varanda em granito
20. Guarda em aço galvanizado e esmaltado à cor RAL 7030
21. Caixilho de madeira esmaltada à cor RAL 9010
22. Componente envidraçada em vidro duplo incolor (6mm x 12mm x 4.4.1mm)
23. Sistema de isolamento térmico exterior com 60mm de espessura do tipo WEBER THERMFLEX, com acabamento rebocado e pintado à cor RAL 9010
24. Novo paramento em alvenaria de tijolo vazado
25. Guarnição em madeira lacada à cor RAL 1015
26. Gesso cartonado duplo
27. Telha cerâmica do tipo marselha a reaproveitar
28. Placas onduladas do tipo onduline
29. Placas de isolamento térmico em poliestireno de 80mm de espessura do tipo roofmate DOW
30. Subestrutura em madeira
31. Ripado em madeira macheada e envernizada
32. Colmo em telha cerâmica
33. Caleira em chapa de zinco oxidado
34. Rufo em chapa quinada de zinco oxidado
35. Membrana impermeável em PVC
36. Laje da varanda existente a recuperar

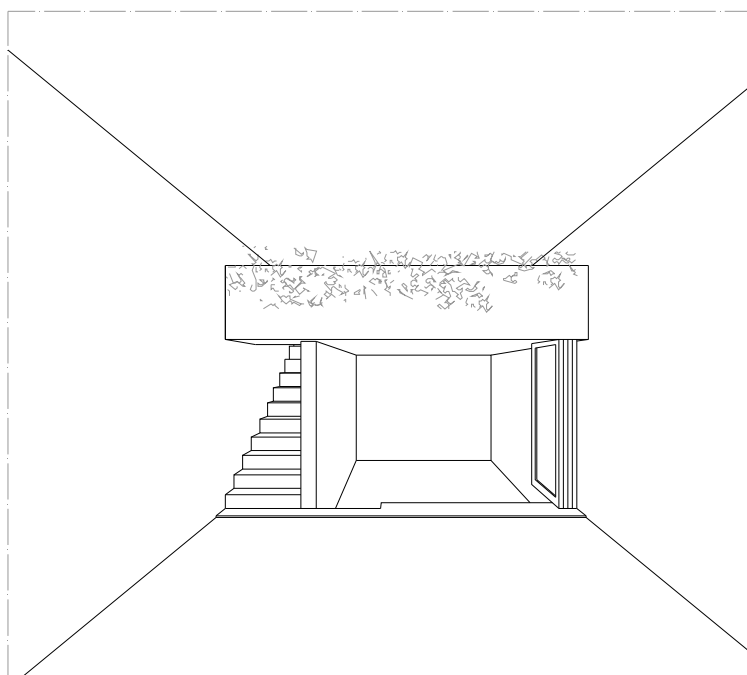
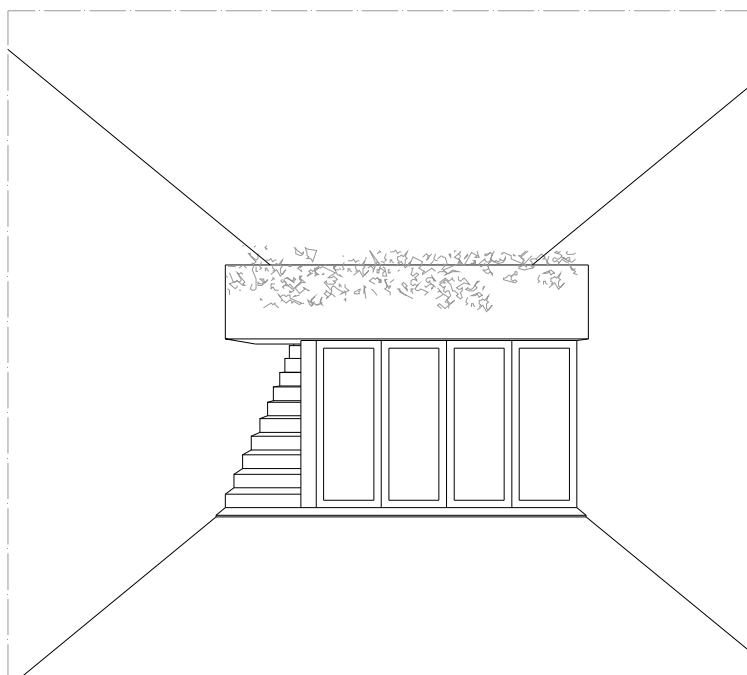
Corte do pormenor
construtivo pela
fachada tardoz
Esc. 1/20



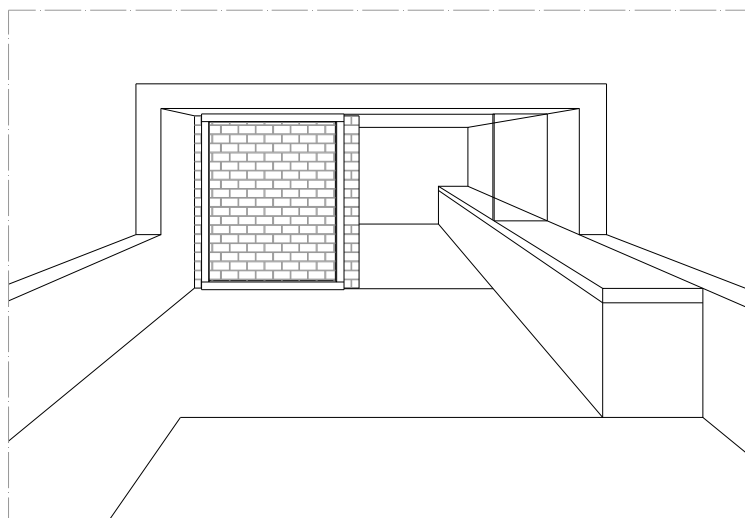
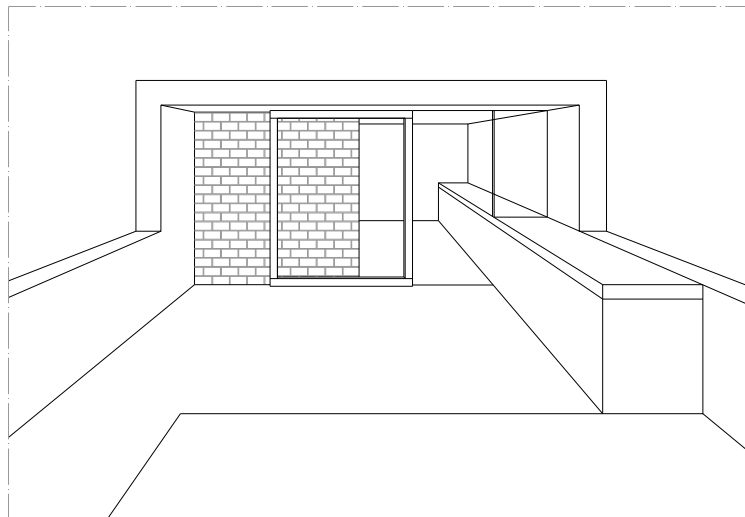
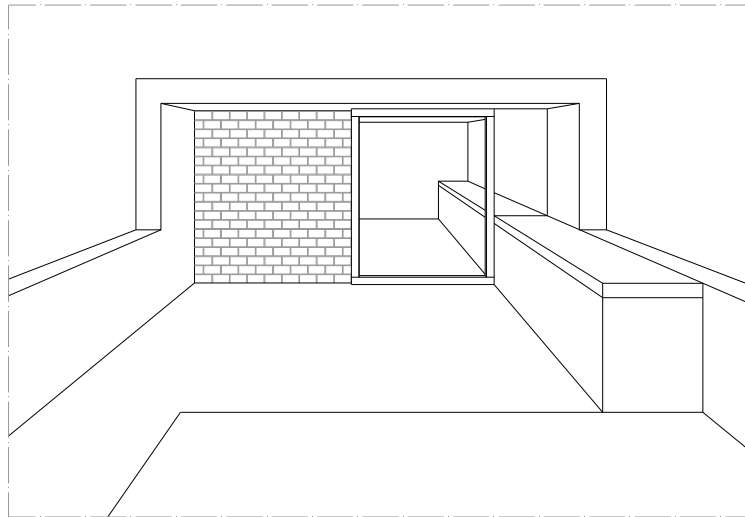
Planta do pormenor
construtivo pela
fachada tardoz
Esc. 1/20

1. Guarda em aço galvanizado e esmaltado à cor RAL 7030
2. Parede de meação original em granito
3. Caixilho de madeira esmaltada à cor RAL 9010
4. Componente envidraçada em vidro duplo incolor (6mm x 12mm x 4.4.1mm)
5. Novo paramento em alvenaria de tijolo vazado
6. Portada interior em mdf lacado à cor RAL 1015
7. Guarnição em madeira esmaltada à cor RAL 1015

8. Sistema de isolamento térmico exterior com 60mm de espessura do tipo WEBER THERMFLEX, com acabamento rebocado e pintado à cor RAL 9010
9. Reboco liso pintado à cor RAL 9010
10. Puxador em madeira tratada e envernizada
11. Porta exterior em madeira tratada e esmaltada à cor RAL 9010
12. Aro em madeira tratada e esmaltada ao RAL 9010
13. Soleira em granito bujardado grosso, adaptada ao caixilho



Perspectivas do pátio
inferior do logradouro



Perspectivas do
anexo do logradouro

